

A romantic couple is shown in a close embrace, smiling. The woman, with long brown hair, is holding a string of a pink and white striped balloon. The man, with a beard and mustache, is looking off to the side with a smile. In the background, a large Ferris wheel is visible against a bright, hazy sky. The overall color palette is soft, with pinks, purples, and blues.

SPIN-OFF DE
UM LUGAR PARA
RECOMEÇAR

UMA ESCOLHA DO
DESTINO

BIAH GOMES
NANA C. FABRETI



A romantic movie poster featuring a young couple, Bia Gomes and Nana C. Fabreti, smiling and embracing at a fair. In the background, a large Ferris wheel and colorful balloons are visible under a bright sky. The overall color palette is warm, with pinks, oranges, and yellows.

SPIN-OFF DE
UM LUGAR PARA
RECOMEÇAR

UMA ESCOLHA DO
DESTINO

BIAH GOMES
NANA C. FABRETI

Copyright © 2018, Biah Gomes e Nana C. Fabreti

Capa: Hadassa
Diagramação: Greyce Kelly
Revisão: Greyce Kelly

Dados internacionais de catalogação (CIP)
Gomes, Biah e Fabreti. C Nana
Uma escolha do destino
1ª Piracicaba SP, 2019
1.Literatura Brasileira. 1. Título.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência. Todos os direitos desta edição reservados pela autora.

Dedicatória.

Dedicamos esse livro a todos que acompanharam a história de Dante, Anne, Lorenzo e Ana Flávia. Esses personagens deixarão saudades em nós e esperamos que em vocês também.



Prólogo

Ana Flávia

Anos atrás...

No auge dos meus quinze anos, eu era rodeada de amigas, mas a maioria delas tinha segundas... Não, terceiras intenções, afinal, frequentar a minha casa era a maneira mais fácil de ter acesso ao meu irmão.

Um cara mais velho, lindo e que vivia cheio de amigos bonitões, era o sonho de consumo da maioria das garotas da minha idade.

Por isso, quando havia trabalhos em grupo, ou perto do meu aniversário, as meninas quase saíam no tapa ao disputar minha atenção. Só que eu nunca fui boba, por isso sempre preferi as amizades masculinas.

Não a dos meninos do meu colégio, afinal, garotos de quinze anos estão com os hormônios em erupção e isso faz com que eles enxerguem apenas seios e bundas, o que, naquela época, faltava em mim.

Baixinha e muito magricela, nem preciso dizer que passava despercebida pelos rapazes e, depois que cortei a amizade com as interesseiras, acabei ficando praticamente isolada.

O Dante sempre foi um irmão incrível, nossa conexão intrigava até mesmo os nossos pais que se surpreendiam por nós nunca brigarmos. Notando que eu quase não tinha amigos, ele passou a me levar para todos os lugares aonde ia, alguns colegas dele chegaram a apelidá-lo de babá, mesmo assim ele nunca se importou e, um dos poucos que nunca zombou dele foi Lorenzo, o amigo que vivia com uma câmera fotográfica pendurada no pescoço.

Os dois se conheceram no colegial e desde então não se desgrudaram mais, embora fossem muito diferentes. Enquanto o Lorenzo não deixava uma garota passar, meu irmão era mais sossegado, pensava no futuro, na carreira, independência e seu grande sonho era ser dono de um supermercado.

Não posso negar que a beleza e o charme do rapaz justificavam sua vasta opção de escolha. A pele morena contrastava com seus belos olhos verdes que

pareciam joias cravejadas em seu rosto perfeito.

De qualquer forma, apesar de reconhecer que ele era mesmo muito atraente, quando se tem quinze anos, um homem de vinte é quase que um alvo inatingível, por isso nunca tinha sequer ousado me imaginar tendo alguma coisa com o Lorenzo.

Tudo mudou na noite em que eu fiz dezesseis anos...

Meu pai estava de plantão naquela noite, por isso, não pudemos programar nossos tradicionais jantares em família. Graças a minha falta de vida social, eu nem ousei em planejar a festa, afinal, ao contrário do meu baile de debutante que lotou o salão aonde eu comemorei, com certeza dessa vez não apareceria ninguém.

De qualquer forma eu não me importava, havia chegado à cidade um parque de diversões e eu estava louca para ir. Montanhas russas sempre foi minha paixão, por isso pedi ao Dante que me levasse.

Para meu azar, fazia pouco tempo que ele tinha começado a namorar a Graziela, uma chata que ele conhecera na faculdade de administração. A garota se achava uma flor no deserto e me tratava como se eu fosse um bichinho de estimação.

Eu não a suportava e todos achavam que era ciúmes de irmã, só que a verdade era que ela sim, vinha se revelando uma ciumenta de primeira categoria e tentava a todo custo afastar o meu irmão de mim.

O Lorenzo também parecia não ir muito com a cara dela, mesmo assim ficou combinado que iríamos os quatro e que lá nos encontraríamos com a turma de faculdade deles.

Ansiosa como eu me sentia, fiquei pronta antes da hora e tentei matar o tempo, lendo e relendo a meia dúzia de felicitações que chegaram no meu Orkut.

Uma delas era do Luiz Daniel, o primeiro — e único — garoto que eu tinha beijado na minha vida e que não havia me deixado boas recordações.

Diferente do que as revistas Capricho descreviam, eu não senti nada além de nojo do monte de saliva que ele colocou na minha boca, sem contar que ele queria de qualquer jeito, passar a mão nos seios que eu ainda nem tinha direito. Resumindo... Um trauma e tanto.

Relembrar tal experiência, fez com que eu resolvesse dar outra olhada no espelho. A jardineira jeans e os tênis All Star não me deixavam nada sexy, no fim, apesar de estar um ano mais velha, eu continuava parecendo uma menininha.

Tudo bem que minhas pernas tinham engrossado um pouquinho e meu sutiã já começava a ser preenchido. Tomada por uma animação estranha, abri meu guarda-roupa a fim de encontrar algo que me deixasse diferente.

Lembrei-me de uma calça jeans que ganhara no Natal e que tinha ficado meio larga, era cintura baixa, a moda do momento. Na ocasião eu me achei horrível com ela, mas para minha felicidade, seis meses depois o jeans pareceu-me perfeito, tanto que eu perdi uns cinco minutos me admirando.

Para completar, escolhi um top que deixava a minha barriga a mostra, soltei meus cabelos e nossa! Como eu estava mudada. Mantive apenas os mesmos tênis, porque eram mesmo muito confortáveis.

Ansiosa, passei pelo corredor e parei na porta do quarto do Dante. Estava pronta para bater quando ouvi a voz da Graziela. Ela reclamava que não queria ir à porcaria de parque nenhum, que isso era programa de criança, depois disso ela começou a chorar.

Irritada, desci as escadas pronta para ouvir uma desculpa esfarrapada do meu irmão, cancelando o nosso programa.

—Jesus Cristo! —Coloquei a mão no peito, ainda cega por conta do flash que foi disparado sem que eu esperasse. — Quer me matar de susto, Lorenzo?

—Oi, pequena! —ele lançou-me um sorriso torto. — E então? Como se sente com uma década de meia de vida?

—Estou fazendo dezesseis, e não quinze anos! —irritei-me.

Ele não desgrudava os olhos da câmera enquanto ria de mim.

—Claro! Dezesseis anos é muito diferente de quinze... Nossa, me desculpe pelo engano... — zombou ele. — Se bem que...

—Lorenzo, você é um grande idiota! —cruzei os meus braços, encarando-o.

Ele olhou-me dos pés à cabeça, posicionou a câmera na frente do rosto e tirou outra fotografia minha.

—Irritadinha assim, você fica uma gracinha... —Aproximou-se de mim. — Dá só uma olhadinha, veja como você é fotogênica.

Desarme-me, curiosa para ver como tinha ficado.

—Você acha mesmo que eu fiquei bem? —Animei-me, porque de fato tinha gostado da imagem, o desgraçado do Lorenzo tinha talento.

—Pequena, estou sendo muito sincero... —ele sorriu, e pela primeira vez eu notei que seus dentes tinham um formato bonito e eram muito branquinhos. —Eu acho que você daria uma ótima modelo de moda infantil.

Senti o sangue ferver nas minhas veias, tive vontade de estapeá-lo e, só não o fiz, porque como eu previa, Dante apareceu cancelando o nosso passeio. Disse que a Graziela estava com cólicas e que precisava ficar deitada.

—Podemos ir outro dia, talvez amanhã... O que acha? —ele tentou me animar.

—Tudo bem Dante! —dei de ombros. — Minha vida anda mesmo uma

droga, então...

—Eu levo você! —Lorenzo prontificou-se. —Vai ser um prazer animar a noite de aniversário da irmã do meu melhor amigo.

Dante lançou-me um olhar vacilante, encarou o Lorenzo em seguida e em seu rosto exibiu uma expressão desconfiada.

—Você e a minha irmã... Em um parque? — gesticulou.

—Qual o problema? O Pessoal da faculdade vai estar lá e alguns deles conhece a Flavinha, portanto, ela ficará enturmada.

Num primeiro momento eu pensei em negar a sugestão, já podia me ver voltando para o meu quarto, amargando um dos piores aniversários da minha vida, mas diante dos argumentos do Lorenzo, agarrei-me àquele pequeno fio de esperança, desejando que a minha noite terminasse bem.

—Dante, eu sei me cuidar... Sem contar que não é justo eu terminar o dia do meu aniversário enfurnada no meu quarto. — opinei.

Meu irmão puxou o ar de um jeito profundo, seus olhos azuis pareciam preocupados, mesmo assim ele moveu a cabeça para cima e para baixo antes de estalar a boca.

—Tudo bem... Eu acho que não vai ter problema, mas Lorenzo Rizzato, a minha irmã estará sob a sua proteção e responsabilidade, portanto, se ela voltar com um arranhão sequer, eu juro que arranco a sua cabeça! —rosnou, aproximando-se do amigo.

Lorenzo engoliu em seco.

—Por Deus! Até parece que está falando sério! —reclamou dando um passo para trás.

—Eu estou, sim, falando sério. —Sorriu com sarcasmo.

—Pequena, você ouviu o seu irmão... Um arranhão e amanhã eu serei uma mula sem cabeça, portanto, sua diversão estará limitada ao carrossel e jogos de argola.

—Podemos ir? —Revirei os olhos, começava a me irritar de verdade.

Dante abriu a carteira e me entregou uma nota de cinquenta reais.

—Se cuida e qualquer coisa pode me ligar. —beijou minha testa.

Enfiei o dinheiro na minha bolsa e deixei a sala. Lorenzo veio logo atrás de mim.

—A namorada do seu irmão é um saco! Não sei como ele aguenta...

—Eu também não sei, mas ainda tenho esperanças de que um dia ele encontre uma namorada legal, que possa ser minha amiga. — disse já me ajeitando no banco de passageiro do carro dele.

Durante o trajeto, continuamos falando mal da Graziela. Eu senti que o Lorenzo tinha um pouco de ciúmes do meu irmão, afinal, antes dela, o Dante

nunca furava com ele... Nem comigo...

Assim que chegamos na rua do parque, pudemos notar que aquele lugar estava lotado, levou mais de vinte minutos para que o Lorenzo encontrasse uma vaga.

Saímos do estacionamento e a cada passo os brinquedos pareciam mais bonitos. Luzes, cores e o aroma de açúcar queimando fez com que eu me sentisse feliz.

—Vou querer a pulseira que dá direito a todos os brinquedos. — Entreguei o dinheiro ao Lorenzo, que havia encontrado um amigo perto da bilheteria e, por isso, conseguimos evitar a enorme fila.

Ele não deixou que eu pagasse e foi ele quem pendeu a pulseira no meu braço.

—Essas coisas que deixam a gente de cabeça para baixo, nem pensar, entendeu? — alertou-me apontando para o kamikaze.

—O quê!? É claro que eu vou... Adoro esses brinquedos que dão frio na barriga — avisei e corri ao portão de entrada.

Lorenzo balançou a cabeça de forma negativa e veio atrás de mim.

—Ana Flávia, não me arrume problemas. — segurou-me pelo braço, sua mão era lisa e quente.

—Não vou. —sorri com os olhos fixos nos dele que, refletindo as luzes coloridas, pareciam ainda mais bonitos e interessantes.

—Lorenzo... Eu não sabia que trabalhava de babá nas horas vagas! — um rapaz negro e forte aproximou-se dele, cumprimentando-o com alguns tapinhas nas costas.

Senti o meu rosto ferver.

—Davi... Sempre engraçadinho... Está aqui é Aninha, irmã do Dante Ferraz.

O rapaz deu um passo para a frente e colocou-se bem de frente para mim com um sorriso largo nos lábios.

—Ele está aqui também?

—Não. Ele ficou cuidado da Graziela... —Lorenzo fez uma careta.

— Cara... Eu não acredito que você está pegando a irmãzinha do seu melhor amigo... — ele tapou a boca com uma das mãos, tentando esconder o riso.

—Deixe ser estúpido. —Lorenzo empurrou-o. —Você é um idiota! — acusou, antes passar um dos braços por cima do meu ombro, tirando-me dali.

Lorenzo parecia irado com o amigo, sua respiração estava ofegante, e eu preciso confessar, o olhar que as garotas lançavam a mim enquanto caminhávamos como se fôssemos namorados, acabou por inflar o meu ego e eu

gostei.

—Vamos na montanha russa? —Aponte para o brinquedo.

Lorenzo afastou-se de mim, colocou as mãos na cintura e deu uma olhada em sua volta.

—Vamos começar pelo carrinho bate-bate. — segurou-me pela mão e correu para a fila que era uma das menores.

Com os dedos entrelaçados nos seus, sentia como se meu coração fosse saltar do peito. Naquela noite, a cada sorriso, cada gesto e até mesmo o jeito como ele piscava os olhos, parecia tirar os meus pés do chão.

Nos divertimos tanto, que eu até me esqueci de que o Lorenzo era o Lorenzo, o amigo galinha do meu irmão.

—Maçã-do-amor ou algodão doce? —perguntou-me assim que saltamos do chapéu- mexicano.

—Maçã- do- amor — decidi-me com água na boca.

Ele pediu apenas uma e outra vez não me deixou pagar.

—Não vai querer? —perguntei, antes de dar a primeira mordida.

—Não gosto muito disso — Ele olhava para os lados, parecia procurar por alguém enquanto falava comigo. —Acho que o pessoal da faculdade não vem. Devem estar em algum barzinho enchendo a cara.

—Experimenta, Lorenzo... Está uma delícia. — ofereci a maçã para ele.

Com um sorriso nos lábios, ele puxou a câmera do bolso da calça e gesticulou para que eu parasse.

—Fique assim... Você está linda —afirmou antes do clique. —Olha que foto incrível!

Fui para o lado dele e na pequena tela atrás da câmera, eu aparecia com os lábios no mesmo tom da cobertura do doce que comia, atrás de mim, as luzes vibrantes da roda gigante.

—Ficou mesmo muito bonita — respondi com timidez. De repente, estar perto dele me causava vertigem.

—Podia pedir para que alguém tirasse uma foto de nós dois... —sugeri.

Lorenzo encarou-me rapidamente, em seguida caminhou até um casal que tinha acabado de ganhar um urso em uma daquelas barracas de tiro ao alvo.

—Será que pode fazer uma fotografia nossa? —perguntou ao rapaz.

Ele assentiu com a cabeça e tomou a câmera para si. Lorenzo voltou para o meu lado e antes que eu pudesse reagir, tomou-me nos braços.

—Só assim para você, pequena, ficar com a cabeça na mesma altura que a minha. — zombou.

Em outra situação, eu brigaria com ele, talvez espernearia até que ele me soltasse, mas tudo o que eu consegui fazer foi passar um dos meus braços em

torno de seu pescoço agarrando-me a ele de um jeito tão bom, que se pudesse, não soltaria jamais.

—Querem que eu tire mais uma? Que tal com um beijo? —indagou o rapaz depois de fazer duas imagens nossas.

—Beijo? —Lorenzo praticamente me soltou no chão —Não, só essas estão ótimas. Muito obrigado —retomou sua câmera fotográfica. —Parece que todos estão achando que somos... Namorados.

Outra vez o meu rosto ferveu, caminhávamos lado a lado e a minha vontade era de que aquilo fosse mesmo verdade. Por alguma razão a qual eu ainda não entendia, se pudesse fazer um pedido aos gênios do aniversário, eu desejaria que Lorenzo fosse mesmo meu namorado.

— O que acha de irmos na roda-gigante? — fingi não ter ouvido o que ele dissera.

—Mas você não queria ir ao kamikaze?

Tomada por uma onda de felicidade, eu corri na direção de um dos mais inofensivos brinquedos do parque, mas que na companhia do Lorenzo ficaria perfeito.

—Vem! — chamei-o com as mãos. —Eu prometo que esse vai ser o último, depois você pode me levar para casa.

Ele balançou a cabeça de forma negativa e correu até mim. O espaço de cada cadeira da roda gigante era bem pequeno, por isso nossos corpos ficaram rentes um ao outro.

Quando começamos a subir, meu estômago parecia habitado por borboletas, um arrepio constante me fazia estremecer e a minha boca secou, mesmo assim tudo parecia perfeito.

—Está com medo, pequena? —Lorenzo piscou para mim.

Eu quis responder que estava, mas não era da altura, e sim, de que ele não me beijasse.

—Acho... Acho que... —tentei dizer alguma coisa, mas a minha língua parecia não me obedecer. No horizonte eu podia enxergar quase que o parque inteiro e ele era lindo visto de cima. Só que a poucos centímetros de mim estava o Lorenzo, e aqueles olhos de esmeralda fulgiam, como se fossem luminosos.

Olhos nos olhos e quando a brisa trouxe seu perfume para dentro dos meus pulmões eu fechei os meus.

“Apenas me beije...” gritei por dentro.

Tudo parou. O som, o vento, o tempo e também o meu coração.

—Ei... Não precisa ter medo... Eu estou aqui. — sua voz chegou aos meus ouvidos, num sussurro encantador. Senti quando ele passou o braço por cima dos meus ombros e foi então que minha boca começou a tremer.

“Vai acontecer...” imaginei.

—Lorenzzo... —murmurei, aconchegada pelo calor do seu corpo no meu.

—Olha lá... Não é que eles vieram! —exclamou com uma animação que me jogou de volta a Terra.

Abri os meus olhos, a roda gigante voltou a girar, risos e conversas voltaram a ser o som predominante, assim como o cheiro que sentia agora era o da manteiga da pipoca.

Descemos do brinquedo e o Lorenzzo saiu em disparada na direção dos amigos, largando-me para trás.

Como seu eu tivesse deixado de existir, ele mudou, no meio de dois rapazes e três garotas da mesma idade dele, eu fiquei conhecida como a irmãzinha do Dante.

—Eu não conhecia esse lado seu, Rizzato... Você fica um chame fazendo boas ações... — uma morena muito bonita segurou o queixo dele.

—Eu sou um homem bom, Karina... — disse de um jeito sedutor.

—Lorenzzo, pode me levar? Eu estou cansada — intervim, sentindo o meu sangue ferver dentro das veias.

—Ihhhh... É verdade, já são dez da noite, hora de criança estar na cama... — zombou, um dos rapazes.

—Cala a boca Pedro! —Lorenzzo se irritou.

—O que acham de irmos na roda gigante? — a tal Karina, sugeriu.

Pensei em me opor, mas talvez fosse o destino me dando uma segunda chance, então voltei a me animar.

—Por mim tudo bem. — concordei.

—Ok! Mas depois eu vou levar a pequena para casa.

Não havia muitas pessoas na fila, mas quando o brinquedo foi liberado, um pequeno tumulto se formou e enquanto eu procurava pelo Lorenzzo, ele já estava sentado ao lado da Karina.

—Vamos, irmã do Dante, eu sento com você. — um dos rapazes puxou-me pela mão. A decepção me consumia de forma tão intensa, que não reclamei, apenas agi de maneira automática.

—Prazer, eu sou o Adrian... — ele estendeu-me a mão enquanto subíamos.

—Ana Flávia Ferraz, irmã do Dante. — dei de ombros, antes de corresponder ao cumprimento.

—Sou colega de sala do seu irmão... Ele é um cara muito legal.

Concordei com a cabeça, naquele momento eu só conseguia pensar no Lorenzzo juntinho da Karina.

—Nossa... Como demora para dar essa volta... — reclamei, não vendo a

hora de descer daquele maldito brinquedo.

—Tem medo de altura? —Adrian perguntou com delicadeza. Ele não me tratava como uma criança.

—Não tenho, mas estou cansada. Este meu aniversário já foi longo demais...

—É seu aniversário?

—Sim, e pode não parecer, mas estou fazendo dezesseis... — avisei, pronta para outra piada com a minha idade.

Ele me encarou por um tempo e então sorriu.

—Dezesseis... —murmurou, arrastando, disfarçadamente seu corpo em minha direção.

Quando o brinquedo parou, tive vontade de sair correndo dali, eu só queria voltar para o lado do Lorenzo. Olhei para o meu lado direito e avistei o Pedro junto da outra menina que pertencia a sua dupla.

—Ei, pombinhos! Se querem ficar se agarrando, precisam ir a um motel! Isso aqui é um parque familiar. — ouvi, em meio a risadas e cochichos, uma voz masculina que parecia chamar a atenção de alguém.

—Eu sabia que cedo ou tarde isso ia acontecer. —Adrian parou do meu lado e gesticulou na direção da roda gigante.

Sentados como se quisessem devorar um ao outro, estavam o Lorenzo e a Karina, que ao ouvirem a reclamação do funcionário do parque, saíram de mãos dadas, rindo como se fossem duas crianças arteiras.

Eu quis chorar. Nunca antes havia me senti tão afetada, ou ainda, ferida com uma situação.

Com a sensação de ter feito papel de idiota, tive vontade de sair correndo daquele lugar, eu só desejava desaparecer.

—Vou ver se encontro um banheiro e já volto. — avisei ao Adrian. Meus olhos queimavam e eu sabia que aquele nó em minha garganta culminaria numa explosão de lágrimas.

Corri por entre as pessoas, sem rumo e sem ideia de como voltaria a encarar o Lorenzo. Pensava que ele não tinha o direito de acabar com a minha noite de aniversário.

Nos fundos do parque, atrás de um barracão que parecia abandonado, abaixei-me, encostada na parede e fiquei por um tempo ali, tentando me recuperar de algo que eu nem sabia o que era.

Eu não podia estar apaixonada pelo Lorenzo, afinal, eu sabia da sua fama, sabia também que ele me achava uma pirralha e esses eram bons motivos para manter minha razão.

Só que se era assim, porque é que eu estava me sentindo tão traída?

—Ana Flávia! Ficou maluca? Este lugar é um deserto! —Adrian surgiu nem sei de onde e se abaixou na minha frente.

—Eu... Eu... Acabei me sentindo mal. Acho que foi a altura mesmo — menti.

—Então vamos... O Lorenzo pediu para que eu te levasse para casa. Ele vai sair com a Karina.

Claro que eu precisava da punhalada final! Pensei.

—Eu vou ligar para o meu irmão... —Coloquei a minha mão dentro da bolsa, a fim de pegar meu telefone celular.

Adrian segurou-me pelo braço.

—Fique tranquila... Eu te levo.

Puxei o ar, ainda confusa. Mesmo assim concordei com um movimento de cabeça, afinal, ele era amigo do meu irmão e o Lorenzo não me deixaria nas mãos de qualquer um.

—Tudo bem — disse, levantando-me.

—Sabe, Ana... Você é uma garota muito interessante e, se quiser, podemos estender essa noite. O que acha? — Levantou-se também e ficou bem perto de mim.

—Como eu disse, quero ir para minha casa, o dia de hoje foi...

—Qual é!? — outro passo que encurtou nossa distância. — Vamos comemorar gatinha... Dezesseis aninhos... Tenho certeza de que você ainda é virgem. Que tal mudar isso? Sabe se eu te ensinar umas coisinhas, o Lorenzo vai te enxergar com outros olhos quando você se tornar uma mulher de verdade.

—Ficou louco? — empurrei-o —Eu não conheço você e, apesar de ter apenas dezesseis anos, sei o que eu quero e também o que eu não quero. — bradei.

—Ah! Será mesmo? Acha que não vi a sua cara quando flagrou o Lorenzo aos beijos com a Karina? Todo mundo notou e ficaram lá, rindo de você!

—Ficaram rindo de mim? — duvidei. —Até o Lorenzo?

Adrian estreitou os olhos.

—Principalmente o Lorenzo... Ele disse que você é uma criança boba e que isso não passa de um amor platônico e infantil.

—Ele não... Eu não sinto nada pelo Lorenzo. — disse vacilante. A cada instante eu ficava mais confusa.

Adrian esticou o braço e tocou minha bochecha.

—Ana Flávia... Deixa eu te mostrar como um homem de verdade trata uma garota doce e linda como você. — sussurrou com o rosto bem perto do meu.

—Não... — neguei, ainda mais atordoada.

Adrian não me ouviu, puxou-me de encontro ao seu corpo e forçou minha nuca enquanto ele tentava enfiar a língua na minha boca.

Minhas pernas amoleceram, meu coração batia descompassado. Eu queria gritar, mas a voz não saía. Medo, vergonha, dor e raiva eram sentimentos que se misturavam dentro de mim e por isso eu travei. Não lutei, nem tentei fugir, apenas deixei que Adrian me beijasse.

Só que ele não se contentou com isso, algum tempo depois e ele tentou enfiar a mão por dentro da minha blusa.

—Para! —pedi coma à voz baixa.

Ele continuou.

—Você vai gostar... — Desabotoou sua calça. — Quando tudo terminar, você vai estar pronta para a vida.

—Eu já disse que não quero! —dessa vez aumentei o tom.

Ele desceu o zíper.

—Vou ser bem cuidadoso... Vai ser uma delícia... — a frase chegou aos meus ouvidos, ao mesmo tempo em que ele envolveu a minha cintura e tentou voltar a me beijar.

Desesperada, eu o estapeei, gritei por socorro ao mesmo tempo que fazia o possível para livrar-me de seus braços. Cansada de lutar e sem notar nenhum sinal de que ele recuaria, eu pensei em desistir.

Foi quando o vi sendo lançado para longe de mim.

—Desgraçado! Eu vou matar você, Adrian! —Lorenzco subiu em cima dele, esmurando-o sem intervalos.

Tudo aconteceu diante dos meus olhos, como se estivesse em câmera lenta. Sangue, gritos, ameaças e alguém me tirou de lá.



—Precisa me prometer que a minha família não vai saber disso... Tenho medo de que o meu pai perca a cabeça e cometa uma insanidade. — implorei ao Lorenzco quando estávamos a caminho de casa.

Ele não dizia nada e eu nunca antes tinha o visto como há minutos. Lorenzco parecia um animal furioso, irracional, e seu, até então, colega, não teve reação, ao contrário de como agira comigo, ele permaneceu passivo, sequer se defendeu e por sorte, algumas pessoas chegaram antes que o pior acontecesse.

—Seu irmão precisa saber... Aquele desgraçado quase... —Ele esmurrou o volante.

—Lorenzco! Eu estou bem. Quanto ao Adrian, você quase o matou. Podemos deixar isso só entre nós.

—O Pedro... As meninas... Dezenas de pessoas viram o que aconteceu

naquele parque e eu não posso esconder isso dele.

Ele tinha razão, não teria com o esconder aquilo do Dante, por isso eu nem perdi o meu tempo insistindo. Ao contrário do que deveria estar dominando meus pensamentos, não era no quase abuso que eu me concentrava, e sim, em como o Lorenzo havia me defendido.

—O que fez por mim... Eu nunca vou ter como agradecer. — toquei seu braço assim que ele estacionou o carro.

Ele desafiou o cinto de segurança e virou o corpo todo para mim. Encarando-me, eu pude notar que seus olhos estavam marejados.

Engoli em seco, quando Lorenzo escorregou as mãos pelos meus cabelos.

“Será que a minha noite teria salvação?”

Seria mesmo muito bom, se depois de tamanho trauma, eu finalmente tivesse a minha recompensa. Tudo o que eu mais queria era poder retroceder algumas horas e voltar ao momento em que nós dois estávamos naquela roda gigante, quando eu sentia seu perfume e também o seu hálito invadindo o meu olfato.

— Ana Flávia... Você é como uma irmã para mim. Quando eu vi aquele cara tentando te forçar a ficar com ele... —bufou. —Pequena, eu só fiz o que o Dante faria por você.

Aquilo foi um balde de gelo. Eu saí do seu carro e fui direto para o meu quarto.

Depois daquela noite, tudo mudou. Minha vida, meus sonhos, meu jeito de ser e também, a importância que Lorenzo tinha para mim.

No fim das contas, todos acharam que eu tinha ficado estranha por conta do que tinha acontecido naquela noite no parque. Não era de todo errado, mas não pelo que acreditavam ter me marcado.

O Adrian acabou voltando para a sua cidade e teoricamente a minha vida poderia voltar ao normal. Mas não voltou, afinal, o Lorenzo vivia enfiado na minha casa e os meus sentimentos por ele pareciam cada vez mais fortes.

Os anos passavam e o número de mulheres a sua volta só aumentava. Na noite em que eu fiz dezoito anos, ele tinha tomado um pé na bunda de uma de suas tantas namoradas e, aquela foi a primeira vez que eu o vi sofrendo.

Como eu decidi comemorar a minha maioridade numa boate, acabamos bebendo muito. Lorenzo dançou comigo a noite inteira e por momentos eu achei que ele tivesse notado que eu tinha crescido, mas para minha decepção, ele fazia questão de frisar que me via como uma irmãzinha.

Com dezenove, eu já tinha namorado alguns caras e ao contrário do que sempre sonhara, não foi o com o fotógrafo dos olhos de esmeralda que eu tive a

minha primeira vez.

Aos vinte e um ele me convenceu a trabalhar como modelo fotográfica. A princípio eu aceitei porque no fundo achava que isso seria uma maneira de manter-me perto dele e de talvez, fazê-lo me notar.

Mas trabalhar com o Lorenzo serviu-me só para entender que, ainda que eu fosse à única mulher na face da terra, ele nunca me veria como uma opção.

Eu já havia me conformado, acabei aceitando que ele seria o meu eterno amor platônico, por isso parei de tentar esquecê-lo. O que fiz foi deixá-lo num cantinho do meu coração enquanto eu fingia que achava ele um idiota.

Então, quase dez anos depois da noite no parque e a sorte finalmente sorriu para mim.

Estávamos em São Paulo, ambos a trabalho. Acabamos esticando em uma das melhores boates da cidade e o modelo mais requisitado da época não saiu do meu pé.

Acabamos trocando uns beijos na pista de dança e aquela foi a primeira vez que eu senti que o Lorenzo estava com ciúmes de mim.

—Vamos, esse cara é um baita galinha. Você merece coisa melhor. — ele deu um jeito de me arrastar para fora da boate.

—Olha quem fala! O rei do galinheiro! —zombei. —Eu vou voltar porque o Cris é um gostoso e eu também só estou a fim de diversão.

Lorenzo estreitou os olhos, sua respiração estava curta.

—Faz isso para me provocar, não é? Sempre foi assim, você fica com esses caras na minha frente, de propósito. — reclamou com o rosto bem perto do meu.

—Você se acha mesmo... —virei-me de costas, pronta para voltar à boate. —Tchau, Lorenzo!

Ele segurou-me pelo braço.

—Quer mesmo só diversão? —Parou na minha frente.

—Tenho vinte e cinco, não penso em me casar tão cedo, então... —dei com os ombros.

—Eu devo estar louco, mas eu preciso fazer uma coisa... — Com seus olhos nos meus, ele engoliu em seco e me puxou de encontro ao seu corpo.

—Lorenzo... —murmurei, sem acreditar que ele estava prestes a beijar.

Mas aconteceu, e foi tudo e mais um pouco do que eu sempre sonhei. Nós não dissemos nada um ao outro e depois de alguns beijos na frente da boate, ele acabou me levando para o seu quarto no hotel aonde estava hospedado.

Naquela noite eu descobri três coisas: A primeira, que ele era mesmo um ótimo amante, a melhor das minhas experiências, portanto, pareceu-me explicada a razão de viver rodeado por mulheres. A segunda, que só um dia com

ele, não seria o bastante para que eu sanasse todos aqueles anos de espera. A terceira e mais importante, foi constatar que o Lorenzo era mesmo o homem da minha vida, mas algo dentro de mim parecia dizer que o destino não pensava da mesma forma.



Capítulo 1

Ana Flávia

Irresponsável, maluca, infantil... Estes foram apenas alguns dos adjetivos atribuídos a mim, enquanto eu me negava a voltar para casa. A única que me entendia era a Anne e seu apoio foi essencial.

Na noite de Natal, quando depois de muita insistência do Dante e dos meus pais, e confesso, somado a saudade que tinha de Piracicaba e da minha família, eu resolvi que passaria aqueles dias de festa com eles, mesmo imaginando que seria bombardeada por cobranças e acusações.

Só que para minha surpresa, a semana que passei na minha cidade foi muito mais leve do que eu esperava. Claro que os meus pais não me deram uma folga, eles eram os mais incomodados com a minha atitude — impensada — segundo eles.

Não vou negar que esperar um filho e ter dúvidas da paternidade é mesmo algo muito ruim, tanto, que eu cheguei a me culpar e me cobrar muito por isso e, não fossem os homens com quem me envolvi terem sido tão compreensivos, as chances de eu mergulhar em uma depressão seriam muito grandes.

Para minha sorte, tanto o Michel quanto o Lorenzo, não me julgaram pela gravidez e mais, não se valeram de nenhum discurso machista que me colocasse como a “safada” da história. Ambos foram muito carinhosos e cuidadosos comigo, para piorar, os dois declaram querer assumir não só a criança, mas também a mim e foi justamente isso, as declarações deles que me colocaram num beco sem saída.

Os meses haviam passado, eu tinha sumido e agora, de volta era de se esperar que os rapazes cobrassem seus direitos, um deles era o pai daquela criança e por mais que eu insistisse que o bebê era só meu, cedo ou tarde as exigências deixariam e ser amistosas.

— Sabe bem que se qualquer um deles for à justiça, você será obrigada a fazer esse exame. — meu pai avisou-me durante uma de nossas discussões.

Era véspera de réveillon e eu tinha conseguido fugir desse assunto até então.

—Não precisa ficar me colocando contra o muro, senhor Carlos Alberto Ferraz, eu sei das minhas obrigações e vou cumprir com elas, mas vai ser no meu tempo. —Levantei-me da minha cama e parei em sua frente.

—No seu tempo? —ele vincou a testa e suspirou. —Está na hora de crescer, Ana Flávia. Você não é mais aquela menininha mimada que tem tudo o que quer, agora, você é uma mulher, grávida e do outro lado existem dois homens que têm direitos. Pense nessa criança, ela vai crescer e um dia poderá ficar sabendo que você tirou o direito do pai dela de curtir esse período, afinal, um verdadeiro pai também passa pela gestação, ainda que não cresça uma barriga nele.

Fechei os meus olhos, meu pai era mesmo bom em argumentos, principalmente os que me faziam sentir como uma idiota.

—Acha que está sendo fácil, pai? Pensa mesmo que eu estou agindo assim por capricho? — acabei me desarmando. —Eu nunca me imaginei passando por isso, só que isso também diz respeito a minha vida, ao meu futuro e...

—Ana Flávia Ferraz! —interrompeu-me com a voz mais severa. —Não confunda as coisas. Não é você quem vai decidir qual dos dois rapazes é o pai do seu filho, não é uma escolha, mas sim uma confirmação. Entenda de uma vez por todas, você tem o direito de decidir se relacionar com qualquer um dos dois ou até mesmo com outra pessoa que não eles, mas é só. Esse bebê pode não ser parte disso.

—Mas e se eu escolher ficar com um e o pai for o outro? Já pensou nisso? — confessei meus fantasmas.

Meu pai encarou-me com seriedade, colocou os braços para trás e endireitou as costas, tomando uma postura intimidadora.

—Não sou eu quem tem que pensar nisso, e sim, você. Aliás, deveria ter pensado antes, porque agora não adianta mais. Se acontecer mesmo dessa forma, se o pai do seu filho não for o homem com quem você quer estar, então você terá um grande problema e, grandes problemas exigem grandes soluções e acima de tudo, maturidade.

Cobri o meu rosto com as mãos, no entanto, por mais que doesse ouvir o que meu pai estava me dizendo, ele tinha toda a razão. No fundo eu estava querendo controlar o meu futuro, e isso era algo impossível.

—Pode me abraçar? —indaguei de braços abertos.

Sem nada dizer, meu pai puxou-me de encontro ao seu peito e ali, exatamente como quando eu ainda era uma menininha, eu chorei.

—Independente do que aconteça, eu sempre vou estar aqui, porque seja Lorenzo ou Michel, em primeiro lugar sempre estará o Carlos Alberto.

—Meu porto seguro. — sussurrei.

—Seu porto seguro. — ele beijou o topo da minha cabeça.



Todos os anos nós nos reuníamos em um clube onde éramos sócios, para comemarmos a chegada do Ano Novo, mas com o Anthonny e a Antonella ainda muito pequenos, todos acharam melhor fugir da bagunça e decidiram que a festa seria na casa dos meus pais.

Eu até me propus a ajudar com a decoração, mas depois da conversa com o meu pai, senti-me um pouco indisposta, por isso fui me deitar, meu pai havia ficado de me buscar no final da tarde.

Acabei dormindo por algumas horas e só acordei porque a campainha tocou. Antes de ir atender, passei pela cozinha e tomei um copo d'água, o último dia dezembro estava muito quente.

Abri o portão imaginando ser meu pai, ou ainda o meu irmão, o supermercado fecharia mais cedo naquele dia e o Dante vinha se mostrando um tio muito preocupado. Para minha surpresa foi o Michel quem encontrei parado e, quando me viu, curvou os lábios num sorriso encantador.

—Flavinha... Você está linda! — elogiou-me com os olhos direto na minha barriga.

—Michel... —Não fui capaz de falar nada além do seu nome. Meu rosto fervia em um misto de vergonha e saudade. — Entra, acho que você deve estar com um mandato para me levar formalmente, afinal, eu venho fugindo de você como o diabo foge da cruz.

—Na verdade eu só estou uniformizado porque vou trabalhar essa noite... Para nós, datas comemorativas são as mais problemáticas. — ele passou por mim e parou na porta da sala.

Tranquei o portão e respirei fundo antes de encará-lo.

—Quer beber alguma coisa? Na minha geladeira eu tenho água de coco de caixinha, suco e um vitaminado que o Dante trouxe mais cedo, mas como tem banana, eu não posso nem sentir o cheiro.

—Não quero nada, obrigado... — afirmou, sentando-se na sua poltrona preferida.

—Bom... Antes de tudo, eu te devo um pedido de desculpas —sentei-me de frente para ele, minhas mãos tremiam. — Eu sei tudo o que você deve estar

pensando sobre mim e eu juro que não fiz nada por mal. Só que você me conhece, sabe que eu sou um pouco complicada e mais, apesar de eu adorar crianças, eu não pensava em ser mãe agora, ainda mais assim, sem planejamento, sem um marido—disparei a falar. De repente eu senti a necessidade de mostrar para ele que eu me sentia confusa.

—Ana Flávia... — ele curvou o corpo e alcançou as minhas mãos, segurando-as entre as dele, nossos olhos se alinharam e suas sobrancelhas se juntaram. — Nunca me passou pela cabeça que você estivesse agindo assim por mal e, para ser sincero, eu entendo perfeitamente todo esse medo e essas dúvidas... Exatamente por isso estou aqui, pra te tranquilizar, dizer que no que depender de mim, o seu tempo será respeitado.

—Michel... — minha voz embargou-se. —Você é mesmo um homem bom, íntegro e é por isso que deve o meu respeito. Ainda que você não tivesse vindo até aqui, eu iria atrás de você... Hoje eu tive uma conversa muito séria com o meu pai e ele me fez enxergar que não se trata de mim, nem de você ou do Lorenzo. — tem um pequeno crescendo aqui e independente de qual dos dois é o pai, ele merece participar disso.

Michel permaneceu sério e só depois de um tempo sorriu.

—Nossa... Você está tão diferente! Parece uma até uma adulta falando. — zombou.

—Bobo! — empurrei seu ombro de leve antes de me levantar.

Michel me acompanhou.

—Eu gosto tanto de você... Tanto, que estou disposto a ficar na sua vida, mesmo que esse bebê não seja meu filho e claro, se você assim quiser.

Não posso dizer que não fiquei estremecida, afinal, Michel era um homem lindo, tratava-me muito bem e o principal, nunca havia me feito sofrer. Por outro lado, embora existisse muito a seu favor, eu não podia me deixar levar por meus hormônios que andavam me levando às lágrimas até quando eu assistia comerciais de margarina, muito menos tomar qualquer decisão sem antes conversar com o Lorenzo.

—Michel, eu também gosto muito de você, do contrário, não teria assumido um namoro com você, só que este momento vem sendo para mim de grande aprendizado e, justamente por estar sentindo essa mudança é eu não vou fazer nada sem que antes eu esteja convicta de que será o melhor para esta criança. —Acaricieei a minha barriga.

Ele assentiu com um movimento de cabeça, seus olhos pareciam marejados, por isso ele os manteve baixos.

—Eu vou preciso ir. — fungou. —Vamos nos falando.

—Tudo bem. — estiquei o meu braço e toquei sua face. Sem que eu

esperasse, Michel envolveu-me em seus braços e alcançou os meus lábios sem que eu tivesse tempo de raciocinar.

Sua língua invadiu minha boca de um jeito delicado e o aroma cítrico do seu perfume agradava o meu olfato. Se quisesse eu teria fugido, me afastado e sabia que ele não insistiria, mas sempre fomos como fogo e gasolina e no fundo, a minha aceitação serviu para provar que a nossa química ainda estava ali, intacta.

—Flavinha... Você está brincando com fogo... — ameaçou ofegante, quando eu interrompi um beijo que já durava minutos.

—Tudo bem. — levantei minhas mãos em rendição e dei um passo para trás. —É melhor você ir. — sorri com malícia.

Ele nada falou, apenas arrumou sua farda e caminhou até a porta com os olhos grudados nos meus.

— Eu amo cada pedacinho seu, portanto, já amo essa criança, seja ela minha ou não. — Bateu continência e saiu, sem me deixar respondê-lo.



Acabei tendo que me apressar, assim que o Michel foi embora, a Anne telefonou-me dizendo que seria ela quem iria me buscar e, eu sabia que ela odiava ficar longe dos filhos, mesmo que por pouco tempo, por isso não pude me produzir como desejava.

Minha sorte foi que havia deixado meu vestido passado e como os meus pés andavam inchando demais, só me restava calçar uma rasteirinha.

—Quem tem a cunhada mais gata de Piracicaba? — ela entrou em meu quarto quando eu tentava me decidir com qual brinco eu iria.

—Nossa! Que convencida... —Fiz uma careta antes de abraçá-la.

—Eu não estou falando de mim, sua boba, estou falando de você. — Anne se jogou sobre a minha cama, rindo como uma boba.

—Ah, bom! Se é assim eu concordo, estou mesmo me sentindo linda. — virei-me de perfil, feliz com a minha barriga.

Anne piscou para mim, na verdade, era ela quem estava incrivelmente linda, a maternidade havia conseguido fazer o que eu imaginava não ser possível: deixá-la ainda mais bonita.

—É impressão minha ou tem um brilho novo nesses seus olhinhos?

—Brinco de pedras ou argolas? — desconversei.

—A verdade dona Ana Flávia Ferraz — cobrou-me, aproximando-se de mim.

—Pelo amor da nossa senhora da curiosidade! Uma mulher não pode nem receber um dos possíveis pais do seu filho, beijar ele de um jeito que a

deixou de pernas bambas, sem que isso se torne assunto de domínio público?

Anne cobriu a boca com as mãos e os olhos se arregalaram.

—Não! Você e o Lorenzo...?

—Sem Lorenzo... — decidi-me pelo brinco de pedras e os coloquei em minhas orelhas. — O Michel esteve aqui e ele foi tão fofo... Acho que se espelhou no Dante. Disse que está disposto a ficar comigo, ainda que o bebê seja daquele fotógrafo safado.

—E você? —Anne quase saltou na minha frente. — Escolheu ficar com ele?

Fiz uma careta e encolhi meus ombros.

— Ainda não, mas eu confesso que saber que ele pensa assim acabou me deixando mais segura — suspirei, sentindo-me realmente confiante. — Mas agora vamos, eu quero me esquecer um pouco que estou dentro do olho de um furacão. Esta noite eu quero apenas comer tudo o que tiver vontade e aproveitar os meus sobrinhos.

Sáímos gargalhando e durante o trajeto até a casa dos meus pais, a Anne e eu conversamos sobre a maternidade e seus mistérios. Eu ainda ria de alguma coisa que ele contara-me sobre o Anthonny, quando chegamos.

Notei que sua expressão mudou de imediato e ao olhar para a mesma direção onde sua atenção estava, eu senti um tremor que começou no dedão do meu pé e acabou arrepiando os pelos da minha nuca.

—Acho que esse finzinho de ano te reserva grandes emoções. —disse ela entredentes.

Engoli em seco, porque vero o Lorenzo vestido todo de branco, segurando um ramalhete de rosas vermelhas, enorme nas mãos, acabou por jogar minha plenitude por água a baixo.



Capítulo 2

Confesso que não foi surpresa encontrar o Lorenzo na casa dos meus pais, mas o fato de ele estar me esperando com um ramalhete de rosas, isso sim foi inesperado.

Em todos aqueles anos, eu nunca tinha o visto sendo romântico, nem comigo e nem com nenhuma outra garota. Ele e seu jeito "*pegador*" de ser, tratava as mulheres como uma mera diversão, portanto, não precisava fingir que era galanteador.

—Eu... Vou entrando —Anne avisou assim que cumprimentou Lorenzo —Tenham juízo. — olhou para mim de um jeito que significava mais do que suas palavras diziam.

—Boa noite, Aninha. — ele esperou que minha cunhada se afastasse para se aproximar de mim — São para você. — estendeu-me o buquê. No rosto um sorriso nervoso, que não durou muito tempo, talvez ele esperasse outra reação de minha parte.

—Obrigada, Lorenzo... — engoli em seco. O simples ato de dizer o seu nome, mexia com os meus sentimentos e também com o meu corpo. O desgraçado tinha mesmo um poder sobre mim. —Não precisava ter se importado, sabe que não sou o tipo de mulher que liga para flores.

—Eu sei. — ele riu — Eu pensei em um daqueles buquês de coxinhas, mas não sei se fritura é algo saudável para gestantes. —Colocou as mãos dentro do bolso e encolheu os ombros.

"Filho de uma... Por que você tem que ser tão sensual?"

—Realmente, eu estou evitando frituras... —Usei uma sobriedade que peguei emprestada de alguém.

—De resto está tudo bem? Eu digo, com o bebê... Com você...

—Tudo bem, na medida do possível. Meus pais estão me tratando como

uma maluca e para ser honesta, essa coisa de você e do Michel ficarem me cercando... Sei lá, eu me sinto como a Bela, tendo que escolher entre o Edward e o Jacob... Isso não é legal.

— Tem toda a razão... Não é legal e, eu não sabia que o tal Michel está cercando você. — ele franziu o cenho, sabia que tinha se irritado. — Isso significa que vocês andam se vendo?

Fechei meus olhos, girei meu corpo e abri o portão para entrar. Lorenzo veio logo atrás de mim. Do jardim dava para ouvir as vozes do Dante e da Anne, as risadas das crianças e os meus pais conversando sobre a comida, sentei-me na cadeira de balanço, onde por diversas vezes antes estive para observar o amigo do meu irmão, enquanto eles se reuniam na garagem para jogar conversa fora.

—Algumas coisas nunca mudam... Todas as vezes que venho aqui, as lembranças mais fortes que tenho são suas. — confessei.

Lorenzo sentou-se do meu lado e estalou a boca.

—Ultimamente eu tenho pensado muito em nós, também. Mas não no agora, não nesses últimos meses, e sim, no começo de tudo, no momento em que as coisas fugiram do controle e você passou de irmã pirralha do meu melhor amigo, para a mulher que dominou os meus pensamentos por mais tempo do que eu poderia desejar.

Balancei a cabeça de forma negativa, ouvir aquilo seria lindo, desde que fosse em outra época, antes de ter sido tão machucada por ele.

—As coisas são como são... Se naquele dia em que você me levou ao parque o meu desejo tivesse se realizado, certamente nossa relação não teria avançado. Talvez nós trocássemos uns beijos na roda gigante, eu ficaria achando que você seria mesmo o meu príncipe encantado, mas no final, eu acabaria como acabei: com a cara enfiada no meu travesseiro, chorando por você.

Ele passou as mãos pelos cabelos e inclinou o corpo para me encarar.

—Não... Está querendo dizer que naquele dia...? Ana Flávia, você era uma criança. Estava fazendo o quê? Quatorze? Quinze anos?

—Dezesseis, para ser exata. E sim, se quer saber, foi exatamente naquela noite que eu me apaixonei por você. Antes disso eu só o considerava como o amigo bonito do meu irmão, mas naquela noite, quando você se ofereceu para me levar ao parque, os seus olhos... —cobri meu rosto, inundada pelas lembranças e tudo parecia estar acontecendo de novo. —Eu os chamava de esmeraldas, eu nunca tinha notado que eles tinham uma cor tão bonita, até aquele dia.

Lorenzo piscou demoradamente, segurou o queixo e mordeu o lábio inferior.

—Eu nunca imaginei... — murmurou como se estivesse arrependido.

—Sei que não imaginou, até porque, os anos se passaram, mas você ficou ali, guardado dentro do meu coração, ocupando um espaço enorme enquanto eu tentava gostar de outras pessoas. Meu primeiro beijo, a minha primeira vez... Sempre... Eu sempre ficava imaginando como seria se tivesse sido com você e quando aconteceu, quando finalmente você, ainda que sob efeito de álcool —ri sem graça — quis ficar comigo, o que senti só provou que eu estava certa em ter esperado. Foi perfeito Lorenzo, seria muito melhor se tivesse sido uma droga, só que foi perfeito e...

—E desde então eu venho estragando tudo... —interrompeu-me antes que eu pudesse concluir.

—Sempre deixou claro que não é o tipo de cara que assume um relacionamento. Eu entrei nessa, sabendo, mas é aquela velha história de achar que dá para mudar alguém.

Lorenzo balançou a cabeça instintivamente.

—E pode —Ele estendeu uma das mãos e afagou meu rosto. —Eu nunca me imaginei casado, com filhos... Isso sempre me causou arrepios, só que depois daquela noite em São Paulo, alguma coisa mudou dentro de mim, ainda que eu tenha lutado com todas as forças até admitir. Aninha, eu não consegui tirar você da minha cabeça e mesmo quando eu saía com outra mulher, só conseguia ficar fazendo comparações... Na noite em que a Anne partiu com o Richard e você desapareceu, eu só pensava em encontrá-la para me declarar, pra contar como eu me sentia, mas então, o Michel... Ele entrou na história.

—A culpa não é do Michel — decretei. —Se quisesse mesmo, teria aberto seu coração e me contado tudo o que contou agora... Só você continuou jogando comigo. Depois dele, nós voltamos a ficar juntos e você continuou sendo o Lorenzo de sempre! Saindo antes do dia clarear, não atendendo as minhas ligações, e eu, boba que sou, corria para ele a fim de curar as minhas feridas... Deu no que deu. — aponte para a minha barriga.

Lorenzo se levantou.

—Já gostou tanto de uma coisa a ponto de preferir ficar sem ela do que tê-la por um tempo e depois experimentar a dor de perdê-la? —indagou-me de costas.

Levantei-me também.

—Não me venha com essa história de medo — disse eu, num tom mais alto.

Lorenzo virou-se para mim, para minha surpresa seus olhos estavam marejados. Foi a primeira vez que eu o vi chorar.

— Acha que me conhece bem, Ana Flávia? Pois eu posso afirmar que você não sabe nem um terço da minha história... Você só conhece o Lorenzo

Rizzato que eu quis mostrar. —Agora você vai colocar a culpa de ser mulherengo, em algum trauma de infância? —deixei escapar o que ocorreu em meus pensamentos. Arrependi-me no instante em que ele me lançou um olhar de decepção.

—Eu perdi meu pai muito cedo, e isso você já sabe, mas talvez não faça ideia de como foi difícil me tornar o homem da casa, ter responsabilidades de um adulto antes do tempo... Não sabe como é para um menino de dezesseis anos, ter que se preocupar com a conta de luz e de água que estão para vencer, enquanto sua mãe se mata de trabalhar para conseguir colocar comida na mesa. Não imagina como é difícil acordar às cinco da manhã e passar o dia todo procurando um emprego e, ainda, ter ânimo para estudar depois de no mínimo umas duas dúzias de nãos que você recebeu. — ele fungou. —Minha vida não foi fácil, mas eu consegui vencer, consegui dar a volta por cima e quando tudo estava bem... Meu trabalho, o conforto que eu pude dar para a minha mãe... Acho que você se lembra da Juliana...

—Claro que me lembro... — dei de ombros. —No dia em que eu fiz dezoito anos, você só falava dela... Do pé na bunda que tinha tomado dela...

Lorenzo riu com Amargor.

—Só que não foi apenas um pé na bunda. Foram anos de namoro, planos e naquela noite, sabe o que eu descobri? — ele arregalou os olhos. —Ela era apaixonada pelo seu irmão. Dante Ferraz era o alvo dela e eu fui apenas uma ponte.

—Pelo amor de Nossa Senhora do Uau! —leveei uma das minhas mãos até a minha boca. — O Dante... Ele soube?

—Não. —Lorenzo moveu a cabeça de modo negativo. —Sabe bem que ele sempre foi sossegado, além do mais, a maioria das garotas viviam se jogando para cima dele, então, ele já nem percebia.

Ficamos em silêncio por um tempo, eu tentava assimilar aquela parte de sua história a qual eu não conhecia, já ele, parecia um pouco envergonhado por ter tirado sua armadura.

— Eu sinto muito por tudo... Infelizmente algumas coisas que nos acontecem, acabam marcando nossas vidas e mudando no personalidade, ou nosso jeito de agir... — desarme-me também.

—Assim como foi na roda gigante? — Ele deu um passo à frente. —Se eu tivesse te beijado ali, talvez todo o resto tivesse sido diferente... Provavelmente, eu nem teria me envolvido com a Juliana e...

—Para — coloquei uma das mãos em seu peito, a fim de interrompê-lo. —Não vamos ficar fazendo projeções incabíveis... Depois de tudo o que me falou, eu vejo que tinha que ser assim. Você e eu... Não era para ser...

Ele ergueu as sobrancelhas, como se estivesse surpreso com a minha afirmação.

—Eu não acho que seja desse jeito... Tudo bem que eu estou um pouco atrasado, mas eu estou aqui, despido de qualquer camada, inteiro, ainda que cheio de cicatrizes, mas eu nunca me senti mais confiante e convicto de algo, como estou do amor que eu sinto por você... —segurou meu rosto entre as mãos. —Eu amo você e estou disposto a fazer nossa relação dar certo, independente das barreiras que tenhamos que ultrapassar... Independente desta criança ser ou não ser meu filho.

Um nó se formou em minha garganta.

— Porque tudo isso agora, Lorenzo? — perguntei ainda atordoada.

—Por que eu tive muito tempo para pensar e eu cheguei à conclusão de que só posso ser feliz, se for com você. Sabemos que pode dar certo, veja como o Dante vem se saindo bem com o Anthony, mesmo ele não sendo filho dele.

—Você não é o Dante, Lorenzo. — segurei suas mãos e afastei-as de mim. —Mas eu não o culpo por fazer esse tipo de comparação, porque eu mesma já fiz... Só que agora eu vejo que não se trata disso...

—O que quer dizer? — ele pareceu preocupado.

—Quero dizer que nós vamos fazer esse exame o quanto antes—disse firme. —Chega de pensar em nós, precisamos pensar nessa criança e o pai dela merece exercer seus direitos.

Lorenzo arregalou os olhos e engoliu em seco.

— Tem toda a razão, mas não vai dar para fazer isso agora, estamos a horas de um ano novo e eu só quero um pouco de paz... Eu... posso te pedir uma coisa...? Tipo o último pedido do ano? — ele olhou para o relógio em seu pulso.

—Lorenzo, não venha com gracinhas para cima de mim, hein...

Ele sorriu um tanto sem graça.

—Não é gracinha... Eu só quero pedir para me deixar ficar aqui com vocês está noite. Eu juro que não vou forçar a barra.

Fechei os olhos, sentia-me cansada de nadar contra a maré.

—Tudo bem... —respondi depois de pensar um pouco, para minha própria surpresa, eu estava mesmo muito decidida.

Seguimos então para o interior da casa, onde todos se reuniam, Lorenzo foi para os fundos, onde Dante estava.

— Que flores lindas... —disse minha mãe assim que eu entrei na sala de jantar, onde ela terminava de pôr a mesa. — Michel capricha tanto, tem certa delicadeza com você, esse é um menino de ouro! —elogiou, demonstrando toda a sua imparcialidade.

— Realmente são lindas, mas essas vieram do Lorenzo. — avisei

enquanto procurava um vaso para colocá-las.

— Ah sim, me desculpe, eu pensei... Sei lá, isso não combina muito com ele.

— Não precisa dizer nada, eu sei que fiz sua filha muito sofrer e não sou um cara muito romântico, mas por ela, eu sou capaz de tudo, só por ela dona Adriana. — Lorenzo interveio e eu nem tinha o visto chegar ali.

Muito sem graça, minha mãe se aproximou de mim.

— Mudando um pouco de assunto, como está a minha neta? —Ela passou a mão pela minha barriga.

— Dando um tiquinho de trabalho, me deixando muito enjoada pela manhã, mas fora isso tudo está em paz. — declarei, já caminhando para o quintal.

— Isso é normal, essa fase logo passa cunhadinha! —Anne tentou me consolar. — E a senhora? Como tem tanta certeza de que é uma menina?

— Anne o que eu faço com você? Já falei pra não me chamar de senhora ! Me sinto uma velha de trezentos anos! — reclamou com a mão na testa. — Quanto ao palpite... Digamos que é apenas intuição e vó.

— Para mim não importa o sexo, mas sim que venha com saúde e seja muito amada! —completei.

—Essa criança já é muito amada... Pode ter certeza. —Lorenzco parou do meu lado com os olhos fixos nos meus.

Minha mãe deu um jeito de puxar a Anne para o lado, nitidamente querendo me dar espaço.

Só que ficar a sós com o Lorenzco era tudo o que eu não queria, por isso, fui brincar com o Anthony.

Passamos um tempo assim, como gato e rato e houve um momento em que ele e meu pai foram até a churrasqueira, conversavam como eu nunca antes tinha visto, parecia mesmo que ele pertencia a nossa família.

—Vai mesmo ficar fugindo de mim? —ele se aproximou enquanto eu me servia de um pedaço de pudim. — Eu chego e você sai...

—Disse que não ia forçar a barra. — encolhi os ombros.

—Eu sei... Só que é difícil para mim, estar tão perto e não poder tocar você... — ele esticou o braço e afagou meus cabelos.

De soslaio pude ver que todos estavam com os olhos em nós, esperando pela minha reação e, eu sabia que a maioria torcia para que nos acertássemos.

—Vem comigo... —Segurei sua mão e o guiei para dentro da casa dos meus pais. Não dava mais para esperar.



Os fogos de artifício coloriam o céu e aquele início de madrugada ganhava tons de amanhecer. O primeiro a vir me abraçar foi meu pai que, depois se curvou e beijou minha barriga.

—Feliz Ano Novo, pequenino... —murmurou, conversando com o meu bebê.

—Que este novo ano traga mais juízo para está sua cabecinha... —Foi a vez da minha mãe me cumprimentar, seguida pelo Dante que depois de aconchegar-me em seus braços, beijou minha testa com delicadeza.

—Anne... — corri ao encontro dela, porque minha cunhada era de fato meu porto seguro.

—Você está bem? —perguntou-me, preocupada. Momentos antes ela havia ficado trancada comigo, amparando-me depois da partida do Lorenzo.

—Se eu disser que sim, vou estar mentindo, mas vou ficar. —Puxei o ar. —Tenho que ficar.

—Eu juro que nunca imaginaria que você seguiria por esse caminho... — ela ainda parecia não acreditar na minha decisão de mais cedo.

Sentindo as minhas pernas pesadas, segurei-a pela mão, sentei-me no chão e coloquei os meus pés dentro da piscina. A Anne sentou-se ao meu lado.

—Eu também não... Mas hoje eu percebi muitas coisas... Uma delas é que nenhum daqueles dois pode me dar o que eu preciso. O Michel é um amor e me passa uma segurança que eu nunca senti com o Lorenzo, mas para por aí. Agora o Lorenzo... Esse é paixão, tesão, amor, mas estar com ele é como andar numa corda bamba e no momento eu preciso estar com os pés em terra firme.

— Por Deus... Você parece uma adulta, falando... —Anne não escondeu sua surpresa.

Não tive como não rir.

—Eu preciso ser, Anne. Esse bebê exige isso de mim. No mais, seja o Lorenzo ou o Michel, tenho certeza de que qualquer um dos dois será um ótimo pai. — segurei uma de suas mãos. —Sem contar que eu tenho os meus pais, o Dante e você para me ajudar...

—Está coberta de razão, minha amiga... Você nunca vai estar sozinha... — ela puxou-me para um abraço que só reforçou o que eu sempre soube, a Anne, era de alguma maneira, um presente do céu.



Capítulo 3

A conversa com o Michel, foi mais fácil do que com Lorenzo. A impressão que tive foi de que ele, de certa forma, já esperava que não fôssemos ficar juntos.

Ele só ficou surpreso quando eu disse que também não me envolveria com o Lorenzo, que tinha decidido ficar sozinha.

De qualquer maneira ele como sempre muito gentil, aceitou sem reclamações. No primeiro dia útil do ano eu liguei para a clínica que faria o exame de DNA e a secretária me explicou tudo sobre como funcionava.

Na primeira opção, a mais comum, portanto invasiva como eles a classificam, seria coletada uma pequena quantia do líquido que envolvia o meu bebê, e só em ouvir isso, um arrepio correu pela minha espinha. Então, antes que eu conseguisse expressar o meu pavor, ela me falou sobre um novo método, que seria feito através do meu sangue, mas que esse tinha um valor exorbitante.

Eu nem pensei duas vezes, tratei de marcar o exame da segunda opção. Confesso que andava com a grana curta, afinal, meus trabalhos como modelo haviam diminuído bastante, eu vinha fotografando para apenas duas marcas de roupas de gestante. Sem contar minhas economias, todas destinadas ao projeto que eu dividia com a Anne.

Ela colocou na cabeça que me queria como sócia de uma casa de festas infantis e depois de longas conversas, eu achei que seria mesmo uma boa opção entrar nisso com ela.

—Mesmo que fosse dez mil reais! Eu nunca deixaria que cutucassem meu neto dentro da sua barriga! — decretou meu pai, assim que contei a ele sobre o valor do exame.

—Eu vou falar com os meninos... Quero dizer, com o Michel e com o Lorenzo, ver se eles podem me ajudar.

Com o cenho franzido, ele caminhou até mim. Eu estava sentada em sua poltrona favorita.

—Eu vou pagar esse exame. — acariciou meu rosto. —Não tem com que se preocupar. Além do mais... Temos aquela poupança que fizemos para a sua faculdade e, que a senhorita não fez, portanto, pode usar o dinheiro enquanto não começa a trabalhar com a Anne.

Respirei fundo, eu tinha mesmo o melhor pai do mundo.

—Muito obrigada... O senhor é incrível! —Abracei-o.

Ele pareceu-me mais emocionado que o normal, ultimamente meu pai andava assim, um tanto melancólico.

— Eu não sou perfeito, ninguém é. Mas temos que seguir a vida com empatia... Colocar-se no lugar do outro faz com que nossas ações caminhem pelo lado mais acertado.

Ele sempre falava a coisa certa, e eu estava pronta para dizer isso a ele, quando seu celular tocou. O nome de Moratto apareceu na tela e eu não tive como evitar as lembranças de toda a história de Richard.

—Algum problema, pai? —indaguei ao notar que sua expressão havia mudado.

Ele balançou a cabeça, negando.

—Problema? Não... Mas eu vou precisar atender. Nos falamos depois, tudo bem?

—Tudo bem, eu vou ligar para os rapazes e explicar sobre o exame.

Ele beijou minha testa e eu saí do seu escritório. Na sala, joguei-me no sofá e decidi ligar primeiro com o Michel. Ele concordou comigo sobre a minha decisão e antes que eu pedisse qualquer ajuda, ele disse que pagaria a metade do valor.

Quando liguei para o Lorenzo, ele não me atendeu. Deixei então um recado sucinto, disse apenas que precisava falar com ele. Em menos de dez minutos ele apareceu na casa dos meus pais.

—O que você está fazendo aqui? — assustei-me quando ele transpôs a sala.

—Eu estava aqui perto, então imaginei que a encontraria aqui... — ele encolheu os ombros.

—Não precisava ter vindo, bastava ter retornado a minha ligação.

Ele permaneceu com os olhos nos meus e o maxilar trincado enquanto se aproximava de mim.

—Fiquei preocupado, por isso eu vim. — sentou-se bem perto de mim. Sua coxa roçava a minha e o calor do seu corpo fez o meu estremecer.

—Eu... Eu... Só liguei porque vou marcar o exame. Só que não vou fazer

o tradicional, porque agora tem uma opção que embora seja muito mais cara, só precisa de uma amostra do meu sangue e nada do bebê.

— Claro! Eu ia mesmo falar sobre isso com você. Eu andei pesquisando sobre os exames de DNA e fiquei maluco quando soube que precisariam pegar um pouco do líquido que envolve o feto. —Lorenzo disparou a falar, parecia mesmo nervoso.

—Sim — segurei sua mão. —Mas agora existe essa outra opção e é como vamos fazer.

—E eu faço questão de pagar... Tudo, não importa quanto custe.

Eu sorri, não pude evitar.

—Não precisa pagar tudo... Podemos dividir em três partes.

Lorenzo puxou o ar, os olhos estavam direto em nossos dedos entrelaçados.

—Então em duas partes, metade eu e metade o... — ele pigarreou. —O Michel.

—Ele também sugeriu isso, portanto, que seja assim. — concordei.

—Ligou primeiro para ele? — a pergunta foi feita num tom de voz calmo.

—Sim, mas isso não significa nada, até porque, se tivesse ligado primeiro para você, não teria me atendido. — ponderei, enquanto tentava soltar nossas mãos. Ele não permitiu.

—Tem razão. Me desculpe, mas eu não posso fingir que não sinto ciúmes dele.

Joguei a cabeça para trás e ri.

—Lorenzo Rizzato com ciúmes? Essa é nova para mim.

Ele fechou os olhos para depois abri-los com um fulgor que me entorpeceu.

—Também é novo para mim, mas eu nunca tinha amado alguém como eu te amo, então... — deu de ombros.

"Minha Nossa Senhora do frio na barriga! O Lorenzo disse com todas as letras que nunca amou ninguém como me ama?"

—Para com isso... — engoli em seco ao mesmo tempo que tentava controlar meus batimentos cardíacos. —Não precisa ficar me falando esse tipo de coisa.

Ele girou o corpo e segurou-me pelos ombros.

— Que tipo de coisa? Está se referindo ao fato de eu dizer que te amo? Que estou perturbadoramente apaixonado por você?

Senti meus olhos queimarem e eu nem tentei segurar o meu pranto.

— Por favor... Não vamos entrar nessa... —supliquei, desviando meus

olhos dos dele. —Eu já disse que preciso de espaço, que decidi ficar sozinha.

—E eu entendi e vou respeitar, mas eu preciso fazer uma coisa antes... — segurou o meu rosto, a respiração curta e uma veia em sua testa pulsava freneticamente — Eu te amo, Ana Flávia... — murmurou, e eu senti as minhas pernas bambearem, meu coração parou por um instante e quando voltou a bater, os lábios de Lorenzo estavam nos meus, sua língua buscava a minha, e eu pude sentir o quanto ele estava nervoso.

Suas mãos suavam e tremiam, eu fechei os meus olhos não tive forças para lutar contra os meus instintos. Só que ali, enquanto ele me beijava e eu correspondia, minha cabeça gritava que era errado, não por causa do Michel, mas sim, por mim mesma.

— Baixinha... Eu errei tanto com você. — ele me abraçou. Eu nunca imaginei que pudesse te querer tanto assim... Como eu fui burro!

—Lorenzo... — foi minha vez de segurar o seu rosto dentro das minhas mãos. — Se você for mesmo o pai desta criança, vamos nos ver com muita frequência e eu não quero que isso volte a acontecer. Entendeu?

Ele juntou as sobrancelhas, parecia confuso.

—Na verdade eu... Não, não entendi.

—Então eu vou explicar pela última vez — disse calma. —Agora eu preciso ficar sozinha, minha cabeça precisa de uma trégua e o meu coração está completamente ocupado, só e apenas com esse bebê.

—Isso significa que daqui a algum tempo, pode ser que...

—Eu não estou te prometendo nada — levantei-me. —Estamos nas mãos do destino, do que ele tem reservado para mim... Para nós. —Por ora, só peço que respeite a minha escolha de ficar sozinha.

Lorenzo também se levantou, ele olhava para mim e parecia estar processando cada uma das minhas palavras.

—Eu vou te esperar o tempo que for... Não importa o que eu precise enfrentar, por você vale a pena e quando acontecer, eu vou te fazer a mulher mais amada e feliz deste mundo. — sua declaração tinha tons de promessa, mas eu não pude responder nada, apenas o vi partindo enquanto a minha cabeça acabava de sofrer uma pane geral.



—Ele te disse isso? Assim, com todas as letras? —Anne parecia não acreditar no que eu contava para ela.

Estávamos a caminho de alguns possíveis locais para o nosso buffet.

—Sim. Letrinha por letrinha.

—E você não se jogou nos braços dele? — ela me encarou, aproveitando

o sinal vermelho.

—Claro que não! Eu estou muito certa do quero e também do que não quero e, no momento, a minha gravidez e o nosso empreendimento, são tudo aonde eu vou colocar as minhas energias.

—Tudo bem, senhorita decidida... Vamos encontrar o ponto para montarmos o Anne & Ana Buffet.

—Anne & Ana Buffet? Sabe que eu gostei do nome...

—Eu falei brincando, mas acho que ficou mesmo bom, bem sonoro.

—Então está decidido! — dei dois tapinhas em sua perna. —Nosso negócio já tem um nome.



Passamos o dia todo visitando casas e salões que estavam para alugar e não gostamos de nada, no fim da tarde, voltamos para a casa dos meus pais, meus sobrinhos estavam sob os cuidados da minha mãe e eu me sentia morta de fome.

Por bem o jantar foi servido sem demora, o Dante acabou indo também até lá para encontrar a Anne e foi na mesa que fizemos uma resenha sobre nossa experiência em busca do lugar ideal.

—Esperem aí... Vocês acabam de me dar uma ideia... — meu pai disse depois de um bom tempo apenas nos ouvindo.

—Ideia? Não vai dizer que achou o nome do buffet, ruim? — indaguei preocupada.

—Imagine! O nome eu adorei, mas... Se lembram daquele casarão no bairro Nova Piracicaba?

—Aquele que está alugado há um tempão para aquela empresa gringa? — Dante se pronunciou enquanto colocava mais arroz em seu prato.

—Exato! — meu pai apontou o dedo para meu irmão. —Mas esta é a última semana deles lá. O contrato acabou e eles não renovaram, parece que vão encerrar as atividades aqui no Brasil.

—Nossa! Aquele lugar é perfeito para promover festas infantis. —Minha mãe pareceu bem empolgada.

—Gente... Que lugar fantástico é esse? — Anne quis saber.

—Cunhadinha... Pensa em um imóvel de família que é incrível. A localização, o espaço... Eu já consigo até imaginar aquele jardim decorado para uma festa. —comecei a vislumbrar.

—É claro que vai precisar passar por uma boa reforma, mas eu acho que é o local perfeito para o que precisam.

—Pai... Eu tenho certeza de que quando a Anne vir aquele casarão, ela

vai enlouquecer! — animei-me. — No bom sentido.

— Eu confio em vocês! Se estão dizendo, eu já me sinto com um peso enorme a menos em minhas costas.

— Então, assim que eles desocuparem, vamos todos juntos fazer uma visita e, se baterem o martelo, contratamos um bom arquiteto e damos início à reforma. — meu pai e seu senso prático nos acalmaram.

— Eu já disse que se eu pudesse escolher viver em qualquer família deste Universo, seria essa, a minha eleita?

— Ah... Minha querida... Você é uma Ferraz agora, portanto, a família é sua, por direito. — minha mãe segurou a mão da Anne.

— Que Deus preserve essa união. — meu pai esticou o braço no centro da mesa.

— Que assim seja. — coloquei minha mão sobre a sua e fui acompanhada pelos demais.

— Família Ferraz! — gritamos como fazíamos quando o Dante e eu ainda éramos crianças, num sinal de cumplicidade.



O dia do exame chegou mais rápido do que eu podia imaginar. Uma semana para quem está cheia de afazeres, passa mesmo num piscar de olhos.

Marcamos para as sete e meia da manhã a coleta do sangue, e apesar de o Lorenzo, assim como o Michel, terem oferecido uma carona para mim, eu preferi ir na companhia do meu pai.

— Bom dia! — cumprimentei o Michel que estava do lado de fora da clínica.

Ele me abraçou com força e depois foi apertar a mão do meu pai.

— Sabe se o Lorenzo já chegou? — perguntei, tentando identificar seu carro no estacionamento.

— Já sim. — Michel ficou sério. — ele está lá dentro.

— Então podemos entrar, já está quase na hora. — olhei para o relógio do meu celular.

Meu pai gesticulou para que eu passasse na frente e assim que cruzei a recepção, avistei Lorenzo sentado em um canto do sofá, lendo uma revista a qual ele não parecia nenhum pouco interessado. Havia ainda mais duas mulheres de meia idade, uma adolescente e um casal.

Caminhei na direção dele e assim que ele me viu, veio ao meu encontro.

— Bom dia, Ana. — beijou o meu rosto antes de me abraçar. — Está tudo bem?

— Sim, estamos ótimos. — Passei a mão por minha barriga.

—Bom dia, senhor Carlos Alberto. — ele estendeu a mão ao meu pai e apenas moveu a cabeça na direção do Michel.

—Acho que temos que falar com a secretária. — intervim.

—Sim, precisamos preencher uma ficha, mas o pagamento eu já fiz... Ele... O Michel me entregou a parte dele, então... — Lorenzo não conseguiu disfarçar seu desconforto.

—Bom, eu vou me sentar. — meu pai apontou para uma das poltronas vazias.

Seguimos os três até o balcão de atendimento e a jovem secretária não escondeu a cara de surpresa ao me ver acompanhada dos dois.

—São do exame de DNA, certo? —perguntou com um sorriso no canto dos lábios.

Abri minha bolsa e puxei meu documento de identidade.

—Isso mesmo. — nem tentei ser simpática.

Ela percebeu, tanto que fechou a cara na hora e adotou uma postura mais profissional. Preencheu nossos cadastros e mandou que fôssemos para uma outra sala.

O ambiente era menor, e eu não via a hora de terminar com aquilo. Michel sentou numa ponta e Lorenzo na outra do sofá e eu, no meio, claro.

—Estou com sede. — murmurei, apenas para quebrar o silêncio que imperava entre nós.

— Quer eu pegue água para você? — os dois perguntaram ao mesmo tempo.

Revirei os olhos e me levantei.

—Pode deixar, eu mesma pego. — avisei indo direto até o bebedouro.

Enquanto enchia o meu copo, não tive como deixar de ouvir os cochichos que vinham da recepção.

— Sortuda, essa tal Ana Flávia Ferraz... Qualquer dos dois que seja o pai e ela está na vantagem... — alguém falou.

—Se bem, que pela carinha dela, acho que é do tipo que fica com os dois, independentemente do resultado... — outra pessoa respondeu.

Senti o meu sangue ferver e cheguei a pensar em ir até lá e falar umas poucas e boas para as donas das opiniões desnecessárias, mas quando eu me preparava para sair, ouvi uma porta sendo aberta e logo em seguida os nomes de nós três foram chamados.

O enfermeiro nos guiou por um longo corredor de paredes e luzes claras e então, um a um de nós, tivemos nossos sangues coletados. Eu fui à última.

Confesso que ver a seringa sendo espetada em minha veia, não foi nada agradável, mesmo assim tudo correu bem. Quando eu saí da sala, Lorenzo e

Michel me esperavam em pé.

—Está tudo bem?

—Quer uma água?

—Se quiser eu a carrego até o carro.

—Que isso? Ela pode muito bem ir andando, mas se precisar, eu mesmo a carrego...

—Chega! — irritei-me — Parecem dois moleques. — rosnei entredentes, deixando-os para trás.

—Tudo certo... Estes aqui são os protocolos para a retirada do exame. Ele tem de ser retirado aqui, dentro de trinta dias. Nós não liberamos virtualmente, nem enviamos por correios — a secretária que me atendera anteriormente, explicou todos os detalhes. — Serão três cópias, uma para cada uma das partes interessadas.

Peguei os papéis e entreguei um para o Lorenzo e outro para o Michel, o meu eu dobrei e coloquei na bolsa, mas não era isso o que estava me interessando naquele instante.

—Eu ouvi o que disseram há pouco, sobre eu ser sortuda por conta dos rapazes e também escutei que eu sou o tipo que fica com os dois —comecei, assim que a outra secretária voltou para a sua cadeira —Estão enganadas, na verdade, eu não vou ficar com nenhum deles, inclusive, estão com os telefones de ambos, quem sabe vocês não conseguem alguma coisa... — pisquei para elas antes de sair.

Meu pai que estava atrás de mim, ficou roxo de vergonha, as meninas empalideceram ao ponto de ficarem da mesma cor das paredes enquanto o Lorenzo e o Michel pareciam não entender nada.

—O que foi aquilo, Ana Flávia Ferraz? —meu pai repreendeu-me assim que chegamos na calçada.

—Nada. Eu apenas não estava a fim de engolir um sapo já de manhã... Dizem que é indigesto...

Lorenzo riu.

— Então... Agora só nos resta esperar. — Michel estalou a boca, de olho em seu protocolo.

Meu pai concordou.

—Trinta dias e saberemos que é o pai do meu neto...

—É isso... Fizemos a nossa parte, o resto é com a ciência. —filosofei.

— Ou com o destino... — Lorenzo encarou-me e eu entendi que ele se referia a nossa conversa de dias antes.

—Ou com o destino. — concordei, sabendo que precisávamos de muito mais do que isso.



Bônus - Michel / Lorenzo

Michel

Três semanas depois do exame de DNA...

Eu sabia que a Flavinha precisava do seu espaço, e eu daria o tempo necessário para ela. Tinha consciência que tanto eu como o Lorenzo seríamos capaz de tudo por ela, então, para tentar me desligar um pouco daquele triângulo, eu resolvi me jogar de cabeça em meu trabalho.

Havíamos recebido uma denúncia sobre um carregamento de armas que chegariam do Rio de Janeiro para Piracicaba, por isso, uma grande operação estava sendo montada. A princípio eu pensei em ficar de fora, até tinha essa opção, mas o gosto pela adrenalina corria em minhas veias e eu nunca fui um homem de fugir de uma batalha.

Não tínhamos muito tempo, a previsão para a chegada do carregamento nos dava menos de quarenta e oito horas para arquitetar a operação, escalar os homens que participariam dela e o principal, estudar o melhor lugar da abordagem, afinal, não podíamos colocar a vida de nenhum cidadão em risco.

Decidimos agir na madrugada, como o caminhão vinha sendo monitorado, sabíamos que ele chegaria à divisa do nosso município, perto das cinco da manhã, então, antes da meia noite eu e mais onze homens seguimos para organizarmos tudo.

Confesso que cheguei a pensar em ligar para a Flavinha, mas imaginei que isso só a deixaria preocupada, algo totalmente dispensável.

Decidimos que a abordagem seria efetivada logo depois da praça de pedágio, as margens da rodovia naquele ponto dispunham de uma boa quantidade de mata, o que era bom para camuflarmos nossos carros.

Esse tipo de ação exige um bom preparo, mais psicológico do que físico. Quando se lida com tráfico, seja de drogas, de armas e até mesmo de pessoas, a possibilidade de um confronto é real, o risco de morte é certo.

De qualquer forma, estávamos munidos da proteção que nos era oferecida. Havíamos recebido coletes novos naquela mesma semana e armas de alto calibre, além de estarmos cercados apenas dos melhores homens daquela área, mesmo assim, à medida que as horas passavam a ansiedade começava a tomar conta de mim.

Recebemos pelo rádio o aviso da polícia rodoviária de que o caminhão acabava de passar por eles, isso significava que em menos de quinze minutos ele

chegaria até onde estávamos.

Cada um se preparou ao seu modo, eu fiz sinal do pai e com a arma em punho fui até a beira da estrada. Minha missão era dar cobertura ao Sargento Antoniel, seria ele o responsável pela abordagem.

Um carro de passeio passou, dois minutos depois outro e então os grandes faróis iluminaram a estrada anunciando que nosso alvo se aproximava.

Todos tomaram seus postos e tudo parecia perfeito. Quatro policiais foram para o outro lado da estrada, eles seriam responsáveis pela colocação do tapete de pregos e agiram afinados. No entanto, o caminhão parou alguns metros antes e isso não me pareceu um bom sinal.

—Polícia! Saiam do caminhão com as mãos para o alto!—Antoniél gritou enquanto apontava a arma na direção da janela do motorista.

Ao mesmo tempo cinco outros dos nossos homens cercaram o caminhão, nada se ouviu, até o primeiro tiro ser efetuado. Ele partiu de um de nós, e atingiu a pena de um dos policiais.

Depois disso, não mais fez sentido, tudo aconteceu tão rápido que me deixou entorpecido. O som dos disparos, homens correndo, os bandidos fora do caminhão e tudo parecia fora do controle.

— Isso só pode ser uma armadilha! E muito bem montada... Precisamos nos proteger. — Antoniel gritou, enquanto o primeiro policial atingido era arrastado para dentro da mata.

— Senhor, temos traidores entre nós... — abaixei-me enquanto a troca de tiros continuava.

—O que disse? —Antoniél pareceu duvidar.

De onde eu estava, pude ver outro de nossos homens ao chão. Era um dos melhores, tinha acabado de se casar e eu não podia deixá-lo ali, largado a própria sorte.

Pedi permissão para dar cobertura a ele, mas não esperei pela resposta de Antoniel. Com a arma em punho eu avancei até o sargento atingido, abaixei-me para tentar arrastá-lo e foi quando eu senti o meu braço ser atingido.

Primeiro o impacto, depois a queimação e a dor me fez urrar. Antes mesmo de poder raciocinar em como agir, e a mesma sensação em minha perna esquerda.

Eu não aguentei sustentar meu corpo e cai de joelhos, logo senti meu corpo ser bombardeado de balas, mas não foi por nenhum dos bandidos, mas sim por dois companheiros da minha equipe.

Joguei-me no chão tendo a impressão de que um dos tiros havia atravessado o colete, a dor deixou de ser local e passou a dominar tudo em mim. Fechei os meus olhos, talvez se pensassem que eu estava morto, deixariam de

investir em mim.

Aos poucos os tiros cessaram, as vozes foram ficando distantes e antes de me desligar, a Ana Flávia foi meu último pensamento.



Eu podia ouvir as sirenes, ouvia também algumas vozes que pareciam ecoadas, tentava abrir os meus olhos, mas eu não eu não estava cem por cento em mim. Sentia como se meu corpo estivesse desconectado da minha alma.

A vontade de gritar era enorme, eu precisava pedir por ajuda, só que não tinha forças, era como estar dentro de um pesadelo.

Ouvi a voz de um dos paramédicos e mesmo meus sentidos indo embora, eu lutava para não desmaiar, no entanto, a dor era insuportável e eu não sabia por quanto tempo mais iria aguantar.

— Esse aqui... Parece estar vivo. Traga a maleta com todos os kits necessário. — Senti mexerem no meu pescoço e o colar cervical ser colocado com muito cuidado.

Em seguida eu fui transferido para a maca, eles procuravam pelo projéteis e pelo que diziam, todos estavam alojados em meu corpo.

—Avisar o hospital que temos homens baleados! Peça para deixarem as salas de cirurgia prontas. —Ouvi enquanto a minha veia era perfurada.

— Precisamos colocá-lo na ambulância agora... Um, dois, três. —Foi à última coisa que eu escutei.

Lorenzo

Por mais que tivesse acontecido há muitos anos, a minha história com a Karina parecia sempre voltar para me assombrar. Aquela garota tinha sido minha primeira grande decepção, e não só pelo fato de descobrir que ela era apaixonada pelo Dante e que estava apenas me usando. Havia um segredo, algo que eu nunca tinha dividido com ninguém e que, nas últimas semanas vinha me perturbando sem descanso.

Depois do nosso término, ela desapareceu, sumiu sem deixar vestígios. Não vou negar que sofri, amarguei aquela dor de cotovelo e para ser sincero, acho que nem foi tanto por perdê-la, mas sim, por ter sido feito de idiota.

O fato foi que alguns meses se passaram e eu a encontrei por acaso. Era um domingo e eu tinha ido até o shopping de uma cidade vizinha, buscar umas fotos que eu tinha mandado revelar. Quando me viu, a Karina empalideceu, ela tentou fugir de mim se enfiando no meio das pessoas que passeavam despreocupadas. Eu teria a deixado partir sem falar com ela, não fosse a sua

silhueta avantajada.

Aquela garota sempre foi muito magra, por isso, sua barriga saliente chamou minha atenção e fez meu sangue gelar.

—Boa tarde, Karina. —Parei em sua frente e achei que ela fosse desmaiar.

—Lorenzo... Que surpresa te encontrar aqui. — ela desviou os olhos dos meus e colocou as duas mãos na frente do abdômen.

— É para quando? — fui direto. Não queria dar tempo para ela inventar alguma mentira.

Ela respirou fundo.

—Não é da sua conta. —respondeu-me com rispidez.

—Tudo bem... Vai agir como uma criança, que seja assim. —Fingi indiferença, mas no fundo eu me sentia preocupado.

Karina revirou os olhos e puxou-me pelo braço.

—Olha Lorenzo, eu sei que não fui muito legal com você, mas eu acabei confundindo as coisas e...

—De quanto tempo você está? —interrompi-a. — Anda! Eu tenho o direito de saber.

—Não vai demorar muito para nascer, mas se você está achando que pode ser seu, pode desencanar... Eu sinceramente não sei o que fazer com meu bebê, eu só não o tirei, pois minha mãe disse que ia me mata se eu fizer algo com ela... É uma menina.

— Passou pela sua cabeça tirar essa criança? Você ficou louca? Karina, quem é o pai dessa criança?

Ela deu com os ombros.

— Eu não sei... Eu bebi demais numa balada, sai com vários caras e... Bom, pode me julgar. A verdade é que eu não faço ideia de quem é o pai desse bebê.

Eu não sei o que deveria ter falado para ela, não sei se deveria insistir, ajudar... O problema foi que me calei. Honestamente? Eu me senti aliviado por não estar na lista dos prováveis pais.

— Não cabe a mim, julgá-la. Eu desejo, do fundo do meu coração, que tudo se resolva em sua vida. — ela não me respondeu nada, apenas ficou acompanhando com os olhos enquanto eu partia.

Assim que entrei em meu carro, uma sensação de culpa pesou em meus ombros. Comecei a fazer algumas contas mentalmente e concluí que havia sim, alguma chance de eu ser o pai. Por dias essa hipótese me assombrou, depois, eu preferi mentir para mim mesmo que, se fosse assim, a Karina não hesitaria em cobrar a minha paternidade.

Sim, menti, porque se eu fosse homem o bastante naquela época, teria cobrado um exame de DNA e não carregaria comigo uma dúvida que às vezes se fazia gigantesca.

Assim, algo que aprendi no decorrer dos anos, foi que nenhuma cobrança é maior que a da consciência. A minha costumava ser bem severa comigo.

Um ano depois eu decidi procurar pela Karina e, para minha não surpresa, ela tinha fugido da cidade para ficar com um velho rico e deixado à criança com sua mãe.

A bebê era linda e para a minha desgraça, tinha os olhos claros, isso colocou ainda mais minhocas na minha cabeça e eu jurei para mim mesmo que nunca mais voltaria àquela casa. Jurei, mas não cumpri. Meses mais tarde lá estava eu, batendo na porta da dona Maria, correndo o risco de me encontrar com a Karina, mesmo assim, parecia-me tentador ver como Isabella estava.

Queria olhar para ela e não encontrar nenhum traço meu e a cada visita minha, sua aparência estava mudada, até que a cor dos seus olhos ficou parecida com a dos meus. Em alguns momentos eu achava que era coisa da minha cabeça, porque a dona Maria nunca fez nenhuma insinuação, ainda que eu jogasse com ela.

Houve uma vez em que eu fiquei anos sem aparecer, meus trabalhos aumentaram e foi a mesma época em que eu conheci o Richard e o Rodolfo, que na época era dono da produtora de filmes para adultos.

Eu estava ganhando uma grana boa, vivia cercado de mulheres e me deixei ser engolido pela luxúria e pela vaidade, mesmo assim nunca parei de pensar na minha possível paternidade.

Eu voltei a visitá-las e a Isabella estava à cara da Karina, só que com os olhos verdes, parecidos com os meus. A situação da dona Maria que já era ruim, parecia ainda pior, então, talvez movido pelo remorso, pela culpa e também pela pena, eu abri o jogo. Disse que já havia passado pela minha cabeça que a menina podia ser minha e que eu tivera essa conversa com a Karina, mas que ela negou veementemente.

Sua mãe me afirmou a mesma coisa, afirmou que se a garota fosse minha filha, a Karina não deixaria barato. Era a hora certa de tiramos da dúvida, mas eu, outra vez preferi me abster, ou melhor, fugir de uma possível verdade, mesmo assim eu passei a ajudá-las financeiramente.

A princípio foi difícil fazê-la aceitar o meu dinheiro, mas no fim, quando se viu com a corda no pescoço, ela não teve como recusar.

Não posso dizer que isso foi a minha redenção, longe disso, mas pelo menos eu estava fazendo alguma coisa por ela.

Eu tentava me convencer que era melhor assim, afinal, não me via sendo

pai. No entanto, depois que o Anthony nasceu e eu fui escolhido como padrinho, um lado desconhecido meu foi despertado. O contato com ele e depois, com a Antonella, me deixava cada vez mais com vontade de ser pai.

Claro que a Ana Flávia teve grande influência nessa minha transformação. Quando eu assumi para mim mesmo que a queria em minha vida, já podia nos imaginar com filhos, donos de uma grande família.

No fim, as coisas fugiram totalmente do planejado, nossa história que já era confusa acabou se complicando ainda mais. Saber que ela estava grávida e que outra vez minha paternidade estava em xeque, acabou por me deixar quase louco.

Só que com a Ana Flávia eu agi diferente e desde o princípio exigi o DNA. Tudo o que eu mais desejava era que o filho da baixinha fosse meu. Eu queria ser pai, eu desejava isso com todas as minhas forças e nesses momentos a Isabella surgia perturbando a minha consciência.

É... Mas a vida resolveu embaralhar ainda mais as cartas da minha sorte e, enquanto eu sofria pelo fora que tinha tomado da Ana Flávia, a Isabella ficou muito doente.

Quando a mãe da Karina me ligou desesperada, dizendo que a neta estava muito doente e clamando por minha ajuda, eu não tive como dizer não. Ela era muito pobre, dependia do atendimento público e nenhum médico conseguia descobrir o que a menina tinha. Eu paguei uma consulta particular e depois de muitos exames, o resultado tirou o meu chão. Leucemia. Estava no estágio inicial, por isso optaram apenas pelo tratamento, enquanto ela estava internada, eu sempre dava um jeito de ir visitá-la.

Não contei nada a ninguém, nem mesmo ao Dante. Aquele era um problema meu e eu precisava revolvê-lo antes de compartilhá-lo. Sem contar que a família Ferraz precisava de uma trégua. Algumas semanas se passaram e por bem a Isabella conseguiu uma vaga em um hospital especializado.

Ela seria transferida para o hospital de Barretos e um dia antes eu decidi ir até lá para conversar com a sua avó. Deixei com ela uma quantia em dinheiro e combinei que assim que possível, eu iria até Barretos para vê-las. O resultado do exame de DNA estava prestes a sair e eu sabia que a minha vida mudaria, de um jeito ou de outro.

Quando eu estava chegando perto da porta de saída, eu ouvi barulhos de sirenes se aproximando, algo comum para um hospital, mas a quantidade de viaturas que vieram junto, acabou por chamar a minha atenção.

Minha curiosidade falou mais alto e eu esperei para ver sobre o que se tratava. Enquanto me lembrava do caso do Richard, a primeira das vítimas foi retirada da ambulância.

Médicos e enfermeiros passaram por mim correndo e os comentários davam conta de que os casos eram muito graves, tratava-se de policiais baleados. Antes que eu pudesse raciocinar, ver que um deles era o Michel, fez o ar me faltar.

Ele estava desacordado e um rastro de sangue deixou o piso claro marcado. Por mais que ele fosse meu rival, eu jamais desejaria que algo tão ruim acontecesse para ele.

Desnortado, tentei buscar informações sobre a sua condição, mas para meu azar eu nem sabia o sobrenome dele.

Temendo pela maneira como Ana Flávia receberia aquela notícia, adiantei-me a fim de ser eu o mediador de tamanho caos.

Tinha consciência de que ela ficaria muito abalada, por isso eu fazia questão de estar ao seu lado.

Enquanto dirigia, minhas mãos tremiam, eu não conseguia acreditar no que estava acontecendo e nem sabia como daria uma notícia tão séria.

Assim que estacionei em frente à casa dos Ferraz, abri a porta do meu carro e desci, do contrário eu perderia a coragem. Para minha surpresa, foi o Dante quem me atendeu.

— Cara! Graças a Deus que você está aqui... — abracei-o a fim de me reconfortar.

—Lorenzo... Aconteceu alguma coisa? —ele perguntou-me nervoso.

—Aconteceu —puxei o ar. —Algo tão sério que eu me sinto perdido.

Dante enrugou a testa e seu olhar se mostrou aflito.

—Para com isso, você está me assustando.

—Dante, eu acabo de sair do hospital municipal e eu vi o Michel chegando lá numa maca, desacordado, todo ensanguentado e eu não sei o quanto ruim é sua situação.

Ele segurou o meu braço e me arrastou para dentro da sala.

—Você tem certeza do que está dizendo?

—Infelizmente... — estalei os lábios. —Agora, o que me preocupa mesmo é como contar isso à Ana Flávia.

—Contar o quê para mim?— a voz da irmã do Dante, preencheu o ambiente e causou uma erupção de pânico em mim. — Anda! O que foi que aconteceu que deixou vocês dois com cara de que acabaram de ver o Mestre dos Magos?

Dante e eu nos entreolhamos, eu engoli em seco e fui ao encontro dela, que terminava de descer o último degrau da escadaria.

— Flavinha, eu preciso que você se mantenha calma e pense no bebê... Lembre-se de que não pode passar nervoso e...

— E você acaba de me deixar nervosa! — ela me interrompeu. —Vamos Lorenzo!

— Eu não sei jeito mais fácil de falar uma coisa dessas, mas o fato é que eu estava no hospital visitando uma pessoa, quando chegaram algumas ambulâncias, eu fiquei curioso para saber o que tinha acontecido e acabei descobrindo que uma das vítimas é o Michel.

Assim que terminei de falar o Dante correu para o lado da irmã e a abraçou.

— O Michel...? — murmurou com lágrimas escorrendo por seu rosto. — E como ele está Lorenzo? — ela soltou-se de Dante e parou em minha frente.

—Eu não sei... Mas vim até aqui para te avisar e para ver se você quer ir até o hospital.

—Claro! É claro que eu quero ir ao hospital. — ela passou as mãos pelo rosto —Eu vou só colocar uma roupa mais adequada e já volto. — girou sobre os calcanhares e subiu correndo de volta para seu quarto.

—Dante, eu vou atrás dela, tenho medo que sinta algum mal-estar.

—Claro — concordou ele. — eu vou ligar para o meu pai e também para a Anne, acho que ela vai querer estar ao lado da amiga neste momento tão difícil.

Assenti com um movimento de cabeça e fui ao quarto da Ana Flávia, assim que parei de frente para a porta, ela se abriu.

—Você está sendo muito legal... De verdade... — ela pendurou-se em meu pescoço, abraçando-me com força.

—Sabe que por você eu faço tudo... Eu só quero o seu bem... —confessei em seus ouvidos.

— Eu vou estar bem, quando souber que o Michel estiver bem.



Capítulo 4

A notícia sobre o atentado contra Michel, caiu como uma bomba sobre o meu colo. Sabia que não podia me descontrolar, meu bebê sentiria tudo o que eu estava sentindo, mas como manter a calma numa situação dessas?

Enquanto o Dante me levava ao hospital onde ele estava, a Anne e o Lorenzo tentavam me acalmar. Sentado ao meu lado no banco traseiro do carro do meu irmão, ele segurava a minha mão e dizia palavras gentis o tempo inteiro, só que eu não conseguia me concentrar em nada.

É engraçado ver como a cabeça da gente sofre curtos circuitos quando somos colocados dentro do olho de um furacão. A minha mente só conseguia acessar meia dúzia de lembranças, todas elas eram minhas com Michel.

O dia que nos conhecemos, nossa primeira noite, nosso primeiro término e as mais recentes, de quando ele embarcou comigo na operação de salvamento à minha cunhada. Michel era bom, íntegro e nunca mediu esforços para me agradar e no momento em que pisei naquele maldito hospital, tudo o que eu mais desejava era que alguém me dissesse que tudo não passava de um engano e que não havia nenhum Michel internado ali.

— Você é a Ana Flávia, certo? — um homem fardado aproximou-se de mim, assim que cruzamos o hall de entrada.

— Sim, sou eu. — respondi de forma automática e no mesmo instante as minhas pernas fraquejaram.

— Eu sou o tenente Antoniel... Trabalhei por um curto tempo com seu pai e sou do mesmo batalhão do cabo Michel Naval. — ele estendeu a mão na minha direção e eu a apertei, estava gelada, tão ou mais do que a minha.

Dante e Anne se colocaram ao meu lado enquanto o Lorenzo permaneceu nas minhas costas, uma das mãos em meu ombro, como se estivesse pronto para me segurar caso eu caísse.

— Co... como ele está? — a pergunta queimou minha língua.

— Sendo operado — ele encolheu os ombros. — Uma das balas atingiu

seu rim, então, é uma cirurgia demorada...

Levei as mãos até a boca e enquanto minha visão fazia tudo a minha volta perder o foco, eu tentei caminhar até uma das cadeiras que estavam a poucos metros de mim.

—Calma, eu te ajudo. —Lorenzo segurou-me pela cintura e me fez sentar.

—Ana, precisa ficar calma... Pense no seu bebê —Anne se abaixou na minha frente e segurou o meu rosto. — Amor, pega um copo de água para sua irmã.

—Meu Deus! Ele levou um tiro no rim? Isso é muito grave... — murmurei em meio às lágrimas que começaram a se manifestar de modo automático.

—Toma, Ana. — Dante entregou-me o copo. Eu aceitei porque sabia que estava por um fio.

—Olha, apesar de parecer ruim, eu conheço bem o Michel. O cara é uma rocha, ele vai sair dessa... Ele tem um forte motivo para sobreviver, meu amigo tem certeza de que é o pai do seu bebê —Antoniell tentou me calmar, deixando escapar que sabia de toda a história sobre meu filho.

—Ele te contou sobre o exame de DNA? —indaguei, apenas para ter certeza.

—Sim... — ele sorriu. — O Michel fala muito de você e ele não via a hora de sair o tal resultado. De qualquer forma, ele já se sente o pai, disse isso por diversas vezes, e Ana, você não tem noção de como ele estava feliz com essa novidade.

— Se for mesmo dele, eu vou ficar muito feliz... Tenho certeza de que o Michel vai ser um ótimo pai. — disse e logo me arrependi, não pela afirmação, mas sim porque Lorenzo estava bem do meu lado.

Eu olhei para ele e ele fingiu não ter se afetado, no entanto, eu o conhecia bem e sabia que tinha acabado de machucá-lo, só que foi inevitável, porque honestamente, naquele momento se eu pudesse escolher, meu filho seria de Michel.

—A família dele já foi avisada? — perguntei, realmente interessada.

—Os pais dele são de Maringá, estão vindo para cá.

—Nossa... Que forma terrível de nos conhecermos... —Acabei pensando alto.

O Michel havia me convidado muitas vezes para irmos até sua cidade natal, depois que soube da minha gravidez, ele insistiu para que eu fosse conhecer seus pais e eu cheguei até a falar rapidamente com a mãe dele por telefone.

Ela pareceu-me ser uma mulher doce e era muito preocupada com o filho, como ele mesmo dizia, ela odiava sua profissão.

—Bem, agora tudo o que podemos fazer é rezar, seja lá qual for à religião de cada um que está aqui, eu peço, em nome do meu amigo, que orem por sua recuperação, por sua vida. —Antoniél tirou do bolso um terço de pérolas e o envolveu em uma das mãos.

Ajeitei-me na cadeira e permaneci em silêncio. Eu não tinha o costume de rezar, mesmo os meus pais tendo me ensinado a conversar com Deus. Naquele início de noite, mesmo sem dobrar meus joelhos eu pedi, implorei e cheguei até a fazer promessa para que o Michel escapasse daquela tragédia.



Os ponteiros do relógio dentro de um hospital têm um jeito próprio de dar suas voltas, muito mais lentos que o normal. Fazia pouco mais de uma hora desde que eu chegara ali, mas parecia que fazia no mínimo dez.

A angustia crescia dentro do meu peito, me fazendo sufocar por mais de uma vez. Eu me levantava, andava de um lado para o outro e em alguns momentos eu achava que estava dentro de um pesadelo.

O que me fazia voltar à realidade? As sirenes das ambulâncias que chegavam gritando a cada cinco minutos, o sangue respingado no chão e os olhares de pena que eu recebia da Anne, do Dante e do Lorenzo.

—Eu vou atrás de alguma coisa para você comer. — ele avisou depois de me ver bebendo o décimo copo de água.

—Não quero — respondi com firmeza. — Só estou bebendo água porque não quero desmaiar aqui. Sinto-me tão enjoada, que se colocar algum alimento dentro da boca, vou vomitar até as minhas tripas.

—Mais um motivo para se obrigar a comer —Anne interveio. — O estômago vazio, ou ainda, cheio de água, só faz aumentar seu enjoo. Vamos procurar uma lanchonete, uma cafeteria, sei lá.

— Eu não vou sair daqui — afirmei enquanto cruzava meus braços. —A qualquer momento teremos notícias do Michel.

—Deixa, eu vou e trago alguma coisa para todos. —Lorenzo se levantou. —O senhor quer algo específico? — indagou a Antoniél que parecia alheio à nossa conversa.

—Muito obrigado, mas eu estou bem.

—Eu vou com você —Dante também ficou em pé. —Já voltamos.

—Este lugar... Tudo aqui é tão frio, assombroso... —disse à Anne depois que uma mulher cruzou a entrada aos berros.

Ela tinha um dos braços envolto por um tecido que se mostrava

encharcado de sangue.

— Estamos no hospital regional de emergências... Posso te garantir que hoje até que é um dia calmo... —Antoniél curvou-se na minha direção.

—Hospitais nunca são lugares bons, exceto a área da maternidade... — Anne opinou.

—Eu estava pensando... Como o Michel foi atingido no rim? Ele não estava usando colete à prova de bala? —Aproveitei para fazer uma das perguntas que mais vinha me perturbando.

Antoniél puxou ao ar e enrugou a testa.

—Eu nem deveria estar dizendo isso aqui, mas... Essa operação foi uma emboscada. Homens do nosso batalhão estavam agindo junto dos bandidos e tudo indica que os coletes originais foram trocados por outros sem eficácia alguma.

—Meu Deus! —Anne deixou escapar.

— Eu achava que essas coisas só aconteciam nos filmes. — enfiei o rosto dentro das minhas mãos.

Eu sabia dos riscos daquela profissão, só que tinha me acostumado a conviver com o medo. Mesmo pequena, eu já sofria todas as vezes que meu pai se despedia de mim para mais um dia de trabalho, o medo de que ele não voltasse me fazia chorar escondida, só que os anos foram passando e eu aprendi a me desligar.

Meu pai havia se aposentado e eu me esquecido de como era desesperador esperar que alguém viesse bater na porta de nossa casa para dar uma notícia ruim.

Naquele caso, a notícia veio de algum daqueles corredores, vestido num pijama cirúrgico verde e com os olhos mais misteriosos que eu já vira na vida.

—S ão os familiares de Michel Naval? — a voz grossa entrou dentro dos meus pensamentos como o som de um trovão.

— Eu sou... Namorada dele. —levantei-me nem sei como, meus joelhos pareciam feitos de borracha derretida e meu coração parecia querer rasgar meu peito.

Dante e Lorenzo voltaram naquele exato momento.

—Bem... A cirurgia acabou agora... — ele olhou-me rapidamente dos pés à cabeça e perdeu um tempo maior na minha barriga.

—E então? Como ele está? —perguntei em desespero, a voz entrecortada.

—Correu tudo bem, embora ele tenha sofrido de uma grave hemorragia. Precisou passar por uma transfusão. Foram retirados três projéteis — ele relatava tudo com uma frieza que chegava a dar raiva.

—Três? — Dante surpreendeu-se.

—Sim. Um próximo ao ombro, um na barriga, que acabou se alojando no rim e outro na perna, passou raspando na veia femoral...

Minha cabeça começou a girar.

—Mas ele vai ficar bem? — consegui perguntar. —Eu posso vê-lo?

— Ele está na sala de recuperação, precisa acordar da anestesia e só então poderemos saber como ele reagiu a tudo pelo que passou. Eu queria poder dizer que tudo ficará bem, mas o meu papel como médico é ser realista — pigarreou. —As próximas quarenta e oito horas serão determinantes, portanto, por ora eu não tenho mais nada a acrescentar. A minha parte foi feita, agora cabe ao paciente responder bem, ou não.

Eu queria voar no pescoço dele, estapeá-lo até que uma ponta de humanidade voltasse a se manifestar naquele homem que mais parecia ser feito de gelo.

Mas tudo o que consegui fazer foi chorar, agarrei-me ao Lorenzo e me desfiz em lágrimas.

— Há alguma chance de visitarmos ele? — ouvi quando Antoniel perguntou. — Os pais dele estão chegando, eles moram em outra cidade, então, eu queria poder recebê-los com uma boa notícia.

—Como eu disse, vamos ver como ele vai se recuperar da anestesia. Eu volto para dar notícias — ele voltou a me olhar. —Quanto à namorada do paciente, não é bom que fique aqui, ela está grávida e o stress pode prejudicar o bebê.

— O médico tem razão — concordou Dante. —É melhor levarmos a Ana para casa.

—Eu não saio daqui por nada neste mundo, então, nem percam seu tempo tentando me convencer! —funguei.

—Então vá você, Dante. Seus pais estão com nossos filhos há algum tempo, eles precisam descansar. —Anne se manifestou.

—Eu liguei para o meu pai, ele queria vir ao hospital, mas não quis deixar minha mãe sozinha.

—Então, meu amor. Vá eu fico com a Ana.

—Olha, não há razão para ficarmos todos aqui — foi à vez de Lorenzo opinar. —E também não vou sair do lado da Ana e, se ela vai ficar, eu também vou, portanto, vão vocês dois, seus filhos são pequenos, precisam de cuidados, precisam da presença de vocês.

—Eu concordo com o ele. Vão cuidar dos meus sobrinhos, eu vou ficar bem. — disse, sem ter certeza da minha afirmação.

Dante e Anne se entreolharam, eles se entendiam sem precisar de uma só

palavra.

—Tudo bem, nós vamos, mas se precisarem de qualquer coisa, não hesitem em ligar. — minha cunhada me abraçou com força.

—Fiquem tranquilos, eu vou estar aqui, cuidando dela, não vou deixá-la nem por um minuto. — garantiu Lorenzo.

Dante estendeu a mão para ele e depois me abraçou. Confesso que fiquei mais aliviada, eu me sentia mal por estar bagunçando a vida dos dois.

— Eles são lindos... — suspirei ao acompanhar os dois partindo. O carinho e cuidado que tinham um com o outro era de causar inveja.

—Olha, eu trouxe pão de queijo e um leite com chocolate —Lorenzo entregou-me um pacote. —Para o senhor, eu trouxe um cappuccino. — estendeu um dos copos a Antoniel.

—Eu vou aceitar — ele sorriu. —Muito obrigado.

—Ali no fundo têm uma área com mesas... O que acha de irmos até lá para comer? Aqui é um pouco... —Lorenzo fez uma careta.

—Tudo bem... Eu sinto minha pressão baixando, acho que devo mesmo colocar alguma coisa para dentro — concordei porque não aguentava mais aquele lugar —Antoniel, qualquer novidade, me procure, eu não vou demorar, mas... —

—Fique tranquila, minha filha. Coma em paz.

Amparada por Lorenzo, caminhei rumo ao lugar indicado por ele. Um espaço coberto por telhas transparentes permitia que o céu ficasse visível. Era noite e as estrelas brilhavam com vigor como pontos de diamantes.

Havia seis mesas de cimento ladeadas por bancos feitos do mesmo material. Além de nós, duas mulheres estavam sentadas em uma delas e também aproveitavam para fazer lanches ali.

Lorenzo sentou-se na minha frente, colocou um copo perto da minha mão e abriu o saquinho com os pães de queijo. O cheiro amanteigado fez meu estômago roncar, eu realmente estava com fome.

—Não comprou nada para você? —perguntei, notando que ele apenas me observava enquanto eu comia.

—Tomei um café na lanchonete, mas se sobrar eu como um desses pãezinhos. — encolheu os ombros.

—Não seja bobo! —peguei uma das bolinhas e levei até a boca dele. Lorenzo aceitou e depois de mastigar sorriu para mim.

—Eu gosto quando me dá comida na boca.

Revirei os olhos.

—Eu já fiz isso alguma outra vez?

—Várias vezes... — ele fixou seus olhos de esmeralda nos meus.

—Deve ser mais uma das manias que tenho e não percebo. —tomei um gole do leite, tentando disfarçar meu desconcerto.

—Deve ser...

Puxei o ar, eu não conseguia desviar meus olhos dos dele e, naquele instante, no fundo daquele belo tom de verde, existia algo que parecia gritar, mesmo com Lorenzo em silêncio.

—Eu quero aproveitar que estamos só nos dois aqui, para agradecer tudo o que está fazendo por mim — comecei meio sem graça. — Eu imagino que não deva ser fácil ficar me consolando enquanto eu choro por outro homem...

Ele estalou a boca.

—Essa nem é a pior parte... Confesso que ouvi-la se apresentando como namorada dele, e também, quando disse que queria que o filho fosse dele, acabou doendo mais — ele fez uma careta. —Eu não sabia que vocês tinham se acertado.

Fechei meus olhos.

—Não! — quase gritei. —Eu só disse aquilo, porque não encontrei uma maneira de explicar a minha relação com o Michel. Fiquei com medo de dizer que era uma amiga e ele se negar a dar detalhes de sua situação e quanto à paternidade, eu fiquei mexida com o que o Antoniel falou, eu pensei que talvez isso pudesse dar mais força para ele.

Lorenzo juntou as sobrancelhas, parecia estar sofrendo.

—Seria muito desumano da minha parte, dizer que estou feliz com essa notícia?

Permaneci encarando-o.

—Eu já não sei de mais nada — estiquei minhas mãos em sua direção e ele as segurou no mesmo instante. Sua pele fervia e o calor me fez estremecer. —Nunca antes me senti tão perdida, tão pequena... É como se o mundo estivesse me engolindo.

—Já eu, nunca me senti tão gigante e, se você acha que está sendo engolida, eu estou aqui para te garantir, estou te segurando e não vou soltar — ele apertou suas mãos nas minhas. —Conta comigo, hoje, amanhã... Para sempre.

Pode parecer estranho, loucura talvez, mas enquanto eu ouvia as palavras de Lorenzo, meu bebê se mexeu e eu me senti fortalecida, calma até. Foi como se meu filho me assegurasse que tudo ficaria bem.



Quando voltamos para a recepção, os pais de Michel tinham acabado de chegar. Eu os reconheci porque já tinha os visto por fotografia, no entanto,

mesmo que não fosse assim, a maneira como choravam abraçados um ao outro, o sofrimento escancarado só podia ser de um pai e de uma mãe.

—Dona Suzana... —toquei seu ombro e ela praticamente se jogou em meus braços.

—Ana Flávia, meu bem... —disse entre soluços. —Ele vai ficar bem, não vai?

—Claro que vai — afirmei. —Ele é forte e vai sair dessa.

—Então você é a garota de quem ele tanto fala... — a versão mais velha de Michel voltou-se para mim. — Menina, você não tem ideia de como o meu filho gosta de você.

—Eu também gosto muito dele. —Apertei sua mão e imediatamente olhei para Lorenzo. Ele piscou para mim, como se quisesse me dizer que estava tudo bem, que ele entendia.

Reunidos, colocamos o casal a par dos fatos e o otimismo de Onofre foi um afago ao meu inquieto coração. Ele me contou histórias de como o filho era valente desde pequeno e de como ele sempre quis ser um herói, por isso entrou para a polícia, mesmo contrariando veementemente a mãe.

—Tenho certeza de que assistiremos nosso filho recebendo a medalha de valentia... Assim é o meu Michel, uma muralha.

—Deus te ouça, meu marido... Deus te ouça...



O cansaço me fez pegar no sono, acabei adormecendo com a cabeça no ombro de Lorenzo e foi ele quem me acordou.

—Ana... Ainda é madrugada, mas já faz um tempo que você está na mesma posição.

Pisquei algumas vezes até meus olhos se acostumarem com a claridade da luz, ajeitei minha coluna e senti-a formigando.

—Nossa... Devo ter ficado de mal jeito.

—Digamos que não há um bom jeito de dormir sentada — ele afagou meu rosto. — O médico veio aqui faz alguns minutos e deixou que os pais do Michel fossem dar uma olhada nele.

—Isso significa que ele já acordou? —animei-me.

—Acho que sim.

—E será que eles vão me deixar vê-lo também?

—Não sei Ana... Você viu aquele médico, ele é durão, não dá muita abertura.

Lorenzo tinha razão, depois que os pais de Michel voltaram da U.T.I. eu implorei, mas ele não deixou que eu entrasse.

—Ele nem está acordado, meu bem... Espere a visita de amanhã, ou melhor, de daqui a pouco. — Dona Suzana tentou me consolar.

—Então me falem, ele parece bem?

—Parece que dorme... Claro, tirando aquele monte de aparelhos...

O que eu podia fazer? Só me restava esperar o dia clarear. Diante de muita insistência de Lorenzo, ele me levou para casa e de fato eu precisava de um banho e esticar um pouco a minha coluna numa cama.

—Eu vou ver se o seu pai me empresta um muda de roupa, vou ficar no quarto que era do Dante e depois voltamos para o hospital — decidi, assim que chegamos.

— Na verdade, eu queria te pedir uma coisa...

Lorenzo estranhou.

—O que quiser. — desafiou o cinto.

—Eu fiz as contas e já deu o prazo para o resultado do exame... Eu queria que você fosse buscá-lo.

—Devo confessar que já tinha pensado nisso...

—Eu não sei a razão, mas isso não largou meus pensamentos nas últimas horas e eu cheguei a sonhar com isso lá no hospital. — confessei.

—Sonhou? — ele cruzou os braços contra o peito —E chegou, a saber, do resultado? — assenti com a cabeça. —E...?

—Sonhos são apenas sonhos, daqui a poucas horas, teremos o resultado real, então... — Também me livrei do cinto de segurança.

—Não vai adiantar eu insistir, certo? — ele fez um beicinho como um garoto mimado.

— E desde quando você começou a se apegar a esse tipo de coisa? Daqui a pouco vai estar acreditando em horóscopo. —Abri a porta do carro, pronta para descer.

—Digamos que eu costumo dar uma lida pela manhã... Sabia que Touro combina com Peixes?

Balancei a cabeça sem acreditar no que acabava de ouvir, Lorenzo Rizzato falando sobre astrologia às cinco horas da manhã.

—O mundo está mesmo de ponta cabeça... —reclamei sentindo a exaustão tomar conta de mim.



Capítulo 5

Lorenzo

Eu já havia dormido naquela casa outras vezes, mas em nenhuma delas me senti tão perturbado quanto naquele resto de madrugada. A Ana Flávia tinha ido para o seu quarto e eu fiquei no quarto que era do Dante antigamente.

Deveria ter tentado adormecer, só que saber que a mulher que eu amava estava ali, a poucos metros de mim, era demais.

Só eu sei o quanto tive que me segurar para não bater na porta dela e tomá-la em meus braços. Em meus devaneios, eu criei e recriei essa cena... E não, nunca ia além de aconchegá-la em meu corpo e tentar acalmá-la, sem segundas intenções.

Através da janela eu vi o dia terminar de clarear e antes que alguém da família Ferraz acordasse, eu decidi ir embora. Sabia que aquele dia seria decisivo para mim.

Tão ou mais ansioso do que a Ana Flávia, eu fui até a clínica onde fizemos o exame de DNA. Olhei para o relógio do meu celular e ainda faltavam quinze minutos para o horário de abertura dela.

Havia uma padaria na esquina e mesmo sem fome, decidi matar o tempo ali. Pedi um café coado e um pão na chapa. Enquanto tudo era preparado o toque do meu telefone fez meu coração disparar.

—Lorenzo? Pode me dizer onde você está?

—Aconteceu alguma coisa, Ana? —a pergunta queimou a minha língua.

—Eu acordei e fui procurar por você e tudo o que encontrei foi uma cama bagunçada.

—Isso significa que você dormiu... —deduzi enquanto agradecia com um gesto a moça que acabava de colocar meu pedido sobre o balcão.

—Dormi sim... Eu estava muito cansada, mas... A verdade é que eu liguei

para saber se...

—Se eu já peguei o exame? —completei.

Ela suspirou.

—Sim. Existe algo dentro de mim que parece alvoroçado... É como se eu precisasse saber disso, mais do que nunca. — sua voz parecia uma súplica.

—Eu te entendo e, foi justamente por isso que saí da casa dos seus pais bem cedo... Na verdade, cedo demais... A clínica ainda não está aberta. Eu estou esperando aqui.

—Ah... Que bom! Eu estou me arrumando para ir ao hospital.

—Teve alguma notícia do Michel? — preocupei-me.

—Eu falei com a mãe dele e ela disse que o Michel já acordou que está comunicativo, mas parece que teve febre... Bem, no meio de tudo isso, a boa notícia é que eu vou poder vê-lo... A médica da manhã liberou-me para uma visita rápida.

—Que bom! — animei-me de verdade. —Eu espero sinceramente que tudo ocorra bem. Apesar de ele estar tentando tirar você de mim, a mulher da minha vida, eu desejo que ele se recupere, só assim essa briga vai ser leal.

Estava pronto para uma piada, ou ainda, para uma recriminação vinda da Ana Flávia, mãe ela se calou, por instantes tudo o que eu podia ouvir era sua respiração.

—Meu pai já está me chamando... Eu te encontro no hospital.

—Pode deixar, pequena. — despedi-me e assim que ela desligou eu sussurrei um eu te amo.



Como pode um papel ter tanto poder?

Como eu, Lorenzo Rizzato, podia estar tão acovardado diante de um mísero envelope?

Minhas mãos tremiam, o coração batia com toda potência e, para resumir, era como se eu acabasse de levar um soco no estômago.

—Vamos... Abra logo esse envelope e acabe com isso, seu molenga! — insultei-me baixinho, dentro do carro, no estacionamento do hospital.

Depois de sair da clínica com o resultado, eu o coloquei no banco do passageiro e dirigi por todo o caminho sem olhar para aquele envelope. Cheguei a pensar que seria melhor entregá-lo à Ana Flávia e deixar que ela fizesse as honras, no mesmo instante eu mudei de ideia e pensei que seria mais fácil eu saber sozinho, pelo menos minha reação não seria compartilhada com mais ninguém e, se eu não fosse o pai, amargaria a pior notícia da minha vida sem ninguém me olhando com pena.

Esse pensamento me impulsionou e, num ímpeto de coragem, eu rasquei a lateral do envelope.

Duas páginas com letras miúdas e eu li tudo, palavra por palavra, sabia que era mais fácil ir até a última, mas eu preferi me torturar, testar meu coração, meus nervos e até mesmo a minha empatia.



Assim que pisei na entrada do hospital, a primeira pessoa que eu encontrei foi à dona Adriana e, eu nem esperava vê-la ali. Ela sorriu para mim, mas havia uma sombra em seu olhar.

—Bom dia. — inclinei-me para beijá-la no rosto, mas ela me abraçou. — Acon... Aconteceu alguma coisa?

Ela se afastou, com as mãos em meus ombros e os olhos alinhados nos meus.

— Meu querido... Infelizmente as notícias não são boas... —a voz trêmula, o rosto entristecido.

—Não me diga que o Michel...? —sequer fui capaz de terminar a pergunta.

—Não! —Dona Adriana se adiantou. —Mas ele piorou muito nas últimas horas e quando chegamos aqui, o médico tinha acabado de colocar os pais dele a par da situação.

— E a Ana, meu Deus? Ela deve ter ficado arrasada!

—Você nem pode imaginar, Lorenzo. — ela suspirou. —Conhece minha filha, ela bateu o pé e disse que queria ver o Michel, só que eles ainda não sabem se essa piora pode ter a ver com alguma bactéria, portanto, é perigoso para uma gestante...

—Por conhecê-la bem, imagino que nem mesmo esse argumento a fez mudar de ideia. Estou certo?

—Certíssimo. Eles colocaram todos os EPI's e ela acabou de entrar.

Engoli em seco.

—Eu vou entrar para esperá-la, ela pode precisar de mim. — avisei, já em movimento.

Dona Adriana veio logo atrás de mim.

Diferente da madrugada, o saguão do hospital estava cheio, em cada um dos rostos o sofrimento se fazia presente de uma maneira diferente.

—Os pais dele estão de dar pena... — Carlos Alberto avisou-nos depois de me cumprimentar.

—O pior é que a gente nem sabe o que dizer numa hora dessas... — lamentei.

—Olha lá a Ana Flávia! —Dona Adriana apontou.

Nós três corremos até ela, no mesmo instante minha pequena ficou rodeada de pessoas. Seu rosto avermelhado e os olhos úmidos denunciavam que ela chorara.

Ana olhou para cada um de nós, mas foi para os meus braços que ela correu.

—Eu estou aqui... Lembra-se do que eu disse? Não vou te largar... — sussurrei direto sem eu ouvido enquanto ela fungava em meu peito.

—Desculpe a ansiedade, mas precisamos saber... — a mãe de Michel tocou as costas da Ana — Como ele está?

Pude sentir quando ela puxou o ar antes de soltar-se de mim.

—Michel está sedado, então eu não tive como falar com ele, mas é tão terrível vê-lo naquela cama, todo cheio de aparelhos...

—O médico disse alguma coisa? — foi à vez de seu pai perguntar.

—Só que ele precisa reagir nas próximas horas... — ela encolheu os ombros.

—E ele vai reagir... — Antônio Carlos afirmou com convicção. —Eu conheço esse rapaz, sei da sua bravura.

Os pais de Michel se abraçaram sem nada dizer, mas as lágrimas ininterruptas expunham a dor e o medo que os dominava.

Voltamos a nos sentar naquelas mesmas cadeiras geladas, ainda, as mesmas sirenes pareciam servir de voz para os nossos gritos abafados. Um tempo depois e nem posso dizer quanto, eu aproveitei um momento de calma da Ana Flávia e a chamei para ir até o jardim.

—Vai filha... Você precisa tomar um pouco de ar. —Dona Adriana incentivou.

—Eu já volto. — disse ela, levantando-se.

Caminhamos lado a lado e nos sentamos em um banco de madeira de frente para a capela.

—Se eu pudesse, tiraria essa dor de você. — segurei em uma de suas mãos.

Ela tentou sorrir, mas não conseguiu.

—Lorenzso, só de estar aqui já está me ajudando muito. De verdade, mas... Agora que me dei conta... Você pegou o exame? — ela ficou em pé com um salto.

Fechei os meus olhos e enfiei a mão dentro do bolso da jaqueta que vestia, de lá puxei o envelope e entreguei para ela.

—Esse contém o resultado do meu exame... — puxei-a pelo braço para que ela voltasse a se sentar.

—Vo... Você já abriu? Já sabe o que está escrito aqui? —perguntou-me com apreensão.

—Já — limitei minha resposta.

Ela juntou as sobrancelhas e sentou-se bem perto de mim.

—Você é tão transparente que eu acho que já sei o resultado. — seus olhos estavam nos meus.

Eu nada respondi, apenas fiquei observando-a enquanto ela, diferente de mim, foi logo para o parágrafo final do texto.

Imagino que ela tenha precisado ler a conclusão por mais de uma vez e quando eu vi que suas lágrimas molhavam o papel, eu tirei-o de suas mãos e a abracei.

—Lorenzo... — ela murmurou entre soluços.

—Ana Flávia, antes que você me diga qualquer coisa, eu tenho um pedido a te fazer. — segurei-a pelos ombros e toquei seus lábios com a ponta dos meus dedos.

—Pedido? —estranhou.

—Apenas me escute...



Ana Flávia

De novo eu me sentia como quando descobri sobre a minha gravidez. Um desejo de fugir, de correr, de gritar, mas diferente de meses atrás, daquela vez eu não podia agir como uma menina inconsequente, na verdade, eu nunca antes senti que precisava de tanta maturidade.

As notícias sobre o Michel iam e vinham sem boas premissas, o clima naquele hospital ficava cada vez mais tenso e para completar, eu tinha descoberto quem era o pai do meu filho.

Confesso que fiquei atordoada, dividida até e, depois da conversa que tive com o Lorenzo, todas as minhas dúvidas se potencializaram.

De qualquer forma, ele tinha conseguido ganhar a minha admiração. Sem dúvidas o Lorenzo havia se tornado um grande homem.

Em meio aos meus pensamentos, o médico surgiu sei lá de onde e parou bem em frente a nós.

—Boa tarde... Ou seria boa noite? — ele tentou ser simpático.

Todos nos levantamos ao mesmo tempo.

—Doutor... Alguma notícia do meu filho?

—O Michel acordou —respondeu ele de forma séria.

—Graças a Deus! —sussurrei.

—Vamos poder vê-lo? — a mãe dele foi a primeira a perguntar.

O médico fez uma pausa e sutilmente moveu a cabeça para cima e para baixo.

— Terão que ser breves... Ele não pode se cansar, portanto, apenas duas pessoas.

—Eu posso entrar com o meu marido?

—Pode sim e depois, se mais alguém quiser...

—Pode ser eu? — adiantei-me antes que outra pessoa se manifestasse. — Eu preciso muito falar com ele.

—Claro, minha querida... Eu tenho certeza de que o Michel deve estar ansioso para te ver. — outra vez a mãe dele me tratou com doçura e eu sorri, feliz com a possibilidade do nosso encontro.

—Vamos... — o médico gesticulou para chamar os pais de Michel e enquanto eles seguiam até a U.T.I. , o Lorenzo me puxou para um canto.

—Quer levar o envelope para ele? —perguntou, estendendo-me o papel.

—Acha necessário?

—Acho que sim, do contrário ele pode achar que você está mentindo.

Preferi nem pensar em mais nada, apenas peguei o envelope e o coloquei dentro da minha bolsa.

—Ana Flávia Ferraz! — minha mãe surgiu atrás de mim. —Isso que o Lorenzo acabou de te entregar é o que eu estou pensando?

—É isso mesmo, dona Adriana... Esse é o resultado do exame de paternidade.

—E pretendiam me deixar de fora disso? — ela mostrou-se indignada.

—Mãe... A prioridade agora é o Michel — argumentei. —Sem contar que ele foi buscar esse exame agorinha mesmo.

Ela ficou me encarando por um tempo, depois fez o mesmo com o Lorenzo.

—Anda! Eu quero saber quem é o pai do meu neto.

—Ana, os pais do Michel acabam de sair, deixa que eu converso com a sua mãe.

Olhei para o corredor a minha esquerda e de fato eles estavam de volta, dona Suzana parecia chorar e isso me assustou.

—Por Deus! O que foi agora? — parei na frente deles.

—É melhor você entrar logo... — ela fungou. —Ele quer muito falar com você.

—Mas ele está bem, não está? —perguntei com o coração pulsando na minha boca.

—Daqui a pouco é hora dos medicamentos dele, portanto, se quiser falar um pouco com ele, tem que ser agora. — o médico interveio.

Nem sei como, mas mesmo com as pernas bambas eu caminhei pelo corredor que me levaria até ele, outra vez precisei colocar luvas e máscara, então quando o médico abriu a porta para que eu entrasse, os olhos de Michel estavam em mim.

Eu praticamente corri até sua cama.

—Michel Naval! Como teve coragem de me fazer passar por um susto desses? — fingi brigar com ele.

Ele sorriu, diferente de mim, ele não usava máscara, uma cânula nasal era responsável para ajudá-lo a respirar.

—Flavinha... Como eu senti a sua falta... Parece que faz uma eternidade que eu não te vejo.

Ele não parecia bem, mesmo se esforçando, dava para ver o sofrimento em seu semblante.

—Também senti sua falta... — segurei uma de suas mãos. —Agora me diga, como você está?

Ele engoliu em seco.

—Com muita sede...

—E o que mais?

—Não vamos falar de mim — disse com certa dificuldade. — Quero saber como você e o bebê estão...

Senti um nó se formar na minha garganta, minhas mãos começaram a tremer.

—Estamos bem, mas precisamos que você fique bem. —tentei não chorar.

—Sabe Flavinha... Quando tomei aqueles tiros, eu só conseguia pensar em você, nesse bebê... Eu coloquei na minha cabeça que precisava sobreviver por vocês, nem que fosse para ouvir a sua voz por mais uma vez...

—Viu só? Você conseguiu... Estamos conversando e não vai ser a última vez.

Ele piscou demoradamente.

—Eu pensei também no Lorenzo... Na história de vocês e...

—Shiii... — coloquei meu dedo sobre os seus lábios. —Eu tenho algo para você. — enfiei a mão dentro da minha bolsa e pequei de lá o envelope da clínica.

Ele arregalou os olhos.

—O... O que é isso?

—Isso? Isso é o resultado do exame e... Sabe o que diz aqui?

Ele se mexeu um pouco na cama e o monitor cardíaco acusou o aumento de seus batimentos.

—Pode falar. — sua voz foi um sussurro.

—Acho que você tem fortes razões para sair logo dessa cama. — sorri.

—Parabéns, papai.



Capítulo 6

Lorenzzo

Dona Adriana parecia não acreditar no que eu acabava de contar para ela, os olhos giravam na própria órbita e por vezes ela abria a boca e não conseguiu dizer nada.

—Isso é uma loucura! Você tem ideia do que está fazendo?

—O que sei é que o Michel é muito importante para a Ana Flávia e, se ele precisa de um motivo forte para lutar, estamos dando isso a ele. —expliquei.

— Mentindo? Acha mesmo que essa é a melhor forma de ajudar uma pessoa? — ela ainda não estava conformada.

— Eu sei que parece loucura, mas quando eu abri aquele exame e vi que eu sou o pai do bebê da Ana Flávia, invés de felicidade, eu senti culpa, porque enquanto eu tenho motivos para comemorar, o cara está aí, com a morte batendo em sua porta.

—Tudo bem... Aí vocês inventam que ele é o pai e... E depois? Como vão levar essa mentira depois?

— O depois é outra história... Assim que ele se recuperar e sair daqui, contamos a verdade... — passei as mãos por meus cabelos. —Olha dona Adriana, não pense que está sendo fácil para mim... Eu estou aqui, vendo a mulher que eu amo se descabelando por outro homem e, por mais que essa constatação acabe comigo, eu tenho certeza que mesmo agora que sabe que o filho é meu, é com o Michel que ela vai ficar, está na cara que ela é apaixonada por ele, então, de um jeito ou de outro, o Michel vai ser também o pai dessa criança.

A mãe da Ana Flávia me olhou com pena.

—Ah... Lorenzzo, eu nem sei o que dizer.

—Tudo bem... Eu já aceitei que perdi. — sentei-me, sentindo o meu coração estilhaçado. — Eu tive as minhas chances e por burrice deixei-as

passar... Agora a Ana Flávia vai seguir o caminho dela e eu vou ter que aprender a conviver com isso...

—Quer saber de uma coisa? — ela apertou os meus ombros. —Você é um homem muito honrado, Lorenzo... Esse seu ato de abdicação só prova o quanto você amadureceu.

Apenas dei com os ombros lembrando de uma frase que minha mãe sempre dizia: “*Existem duas formas de se aprender com a vida... No amor ou na dor...*” parece que no meu caso a segunda opção era a que me regia.



Ana Flávia

Sair daquele quarto deixando com o Michel uma mentira, pareceu-me pesado. Ao mesmo tempo, era como se aquela fosse a única maneira de fazer com que ele buscasse forças para reagir.

Eu podia ver nos olhos daquele médico, que a situação do Michel não era boa e, por mais que eu fosse meio desligada, eu conseguia pescar uma coisa aqui e outra ali na conversa das enfermeiras.

Sentindo-me fraca, em todos os sentidos, em vez de ficar naquela recepção, eu preferi sentar-me no jardim. Em menos de um minuto a minha mãe se juntou a mim.

Abraçada a ela, eu me permiti chorar, as lágrimas que rolavam por meu rosto vinham de um lugar profundo, um lugar nunca antes acessado por mim.

—Eu já sei de tudo, minha filha... —confessou em meu ouvido.

—Eu não vi outra saída... —murmurei. —A ideia foi do Lorenzo e a princípio eu achei uma loucura, mas quando eu o vi, tudo o que eu mais desejei era poder fazer tudo ficar bem.

—Eu também achei uma loucura assim que ouvi, mas depois eu entendi.

—Eu nunca tive tanto de medo... Na verdade, quando o maluco do Richard sequestrou a Anne eu quase pirei, mas agora, agora que eu sou uma das personagens principais da história, tudo parecer potencializado.

—Ah, minha filha... — ela acariciou o meu rosto, secando-o com suas mãos. —Eu não queria que você estivesse passando por nada disso, só que infelizmente a vida nos coloca diante de situações jamais imaginadas.

Minha mãe tinha razão. Mesmo o meu pai sendo policial, mesmo eu tendo crescido com o medo de que algo de ruim acontecesse com ele, e eu não estava preparada para tudo o que me aconteceu naquele dia.

A espera por novas notícias.

O silêncio dos médicos.

O desespero dos pais de Michel.

O medo diante da sua piora.

Sua morte.

“Infelizmente ele não resistiu.”

Foi assim que pouco antes da meia noite, nós recebemos a notícia de sua partida.

A princípio parecia mentira, por isso eu gritei com o médico, eu o chamei de idiota e disse que aquela brincadeira era ridícula, que eu estava grávida e não podia passar por tamanho nervosismo.

Mas ele não desmentiu.

Então começaram os gritos da mãe dele, e também o choro alto do seu pai. Também vi o Antoniel jogando seu cap no chão e o meu pai se abraçando à minha mãe, disfarçando assim suas lágrimas.

Houve também o Lorenzo que me segurou, que não me soltou, mas que mesmo assim não foi o bastante para que eu não caísse.

A dor foi tão grande que minha mente deu um jeito de se desligar.



O céu estava cinzento, e nem mesmo as muitas coroas de flores coloridas conseguiam alegrar aquele lugar. Seu corpo foi velado no salão nobre da câmara de vereadores de Piracicaba, seus pais preferiram assim, achavam que ele gostaria de descansar para sempre na cidade que o acolheu.

Meus pais, meu irmão, minha cunhada, assim como o Lorenzo, achavam que eu não deveria acompanhar o velório, então, diante da minha insistência, eles acabaram por não se opor e acabaram me acompanhando.

Em toda a minha vida, eu só tinha ido a um velório, eu era pequena, tinha cerca de dez anos e foi quando a minha avó materna faleceu. Só que eu não entendia muito bem sobre a morte e embora tenha me sentido mal por vê-la deitada num caixão, eu não fui afetada mais profundamente.

Com o Michel o impacto foi diferente, profundamente doloroso. Ele estava bonito, usava o traje social da PM.

Sua mãe não saiu de seu lado por nem um segundo, já eu, tive dificuldades de ficar ali por muito tempo. O cheiro das flores me causava enjoo, as lamúrias e promessas de justiça tiravam o meu chão.

—Quer que eu a leve para casa? —Lorenzo se aproximou de mim. Ele vinha cumprindo sua promessa, não largou de mim por nem um minuto.

—Não. Eu quero acompanhar o enterro. — avisei, convicta.

—Tudo bem. — ele me abraçou e eu voltei a chorar.

Um tempo depois, o corpo dele foi colocado sobre o caminhão dos bombeiros e uma fila de carros seguiu em cortejo até o cemitério.

Lá, ele recebeu algumas dezenas de homenagens, houve também uma salva de tiros e uma missa de corpo presente. Ao fim, quando foi sepultado, uma chuva de flores foi lançada sobre seu caixão.

Beijei uma rosa vermelha e joguei sobre ele, desejando que ele descansasse em paz.



Os dias seguintes foram os piores, eu não conseguia dormir e quando o fazia, tinha pesadelos terríveis.

Sem forças para me alimentar, fui parar no hospital por duas vezes.

Eu nunca estava sozinha, as pessoas se revezavam para me fazer companhia e, os momentos mais constrangedores se davam quando o Lorenzo chegava para me visitar.

Ele até tentava disfarçar, mas eu sabia o quanto era chato para ele, me ver sofrendo por outro homem.

— Se quiser dar um tempo, fique à vontade... Não precisa ficar vindo até aqui para me assistir chorar pelo Michel. — retruquei, depois que ele, pela milésima vez, me disse que eu tinha que pensar no bebê.

—Eu não me importo em enxugar suas lágrimas, só que você sabe que o nosso filho sente tudo o que você está sentindo... — disse ele com delicadeza.

—Desculpa se eu já estou sendo uma péssima mãe, antes mesmo de o bebê nascer... —voltei a chorar. — Não pense que eu não estou tentando...

—Eu sei. — ele se sentou na ponta do meu colchão. — Eu posso imaginar como está sendo difícil para você, mas precisa reagir, afinal, queria que essa criança fosse um motivo para o Michel lutar... Use isso para você!

—Sabe, eu venho pensando nisso há dias... Eu menti para ele e não adiantou nada... Ele se foi mesmo assim...

—O médico conversou com você —Lorenzo ficou mais perto de mim. — A situação dele era complicada desde o início... Como o doutor mesmo falou, foi um milagre ele ter sobrevivido por um dia, em casos assim a pessoa costuma morrer na hora.

—Isso é tão triste, tão injusto, tão revoltante! — desesperei-me.

—Eu sei, e concordo com tudo o que você está falando, mas procure pensar que ele morreu honrando o trabalho que tanto amava e, que tiveram tempo de se despedir. Pense que você deu a ele seus últimos momentos de felicidade.

—Baseados numa mentira!

—Que seja! De qualquer forma você tentou... Tenho certeza de que os últimos pensamentos dele foram imaginando como seria construir uma família

com você.

—Gostaria de ter tanta certeza quanto você...

Lorenzo se levantou.

—Se ele te amava como eu te amo, pode acreditar, ele só pensava nisso.

— curvou-se para beijar a minha testa. — Tente ficar bem, eu vou precisar fazer uma pequena viagem, mas dentro de dois dias estou de volta.

—Viagem?

— Sim, tenho um trabalho para fazer fora da cidade.

Senti uma pontada no meu coração.

— Então se cuida... Eu não suportaria perder mais ninguém.

—Pode deixar — ele piscou para mim. —Qualquer coisa, me liga.

Então ele se foi e eu voltei e me sentir oca.

—É... Meu bebê... Eu peço que ajude a sua mãe, que tenha paciência comigo, porque às vezes eu sinto que vou enlouquecer.... —sussurrei acariciando a minha barriga.



Capítulo 7

Lorenzo

Eu iria para Barretos ver a Isabella, a avó dela me disse que o tratamento era excelente e que ela estava reagindo bem às quimioterapias, inclusive, me contou que a pequena perguntava por mim todos os dias. A única coisa que vinha a deixando bem triste era o fato de seus cabelos terem começado a cair.

Antes de viajar eu precisava urgentemente desabafar com alguém e escolhi meu melhor amigo para isso, fui até a sua casa bem cedo e acabei acordado tanto ele como a Anne.

— Cara... O que você faz a essa hora na minha porta? Eu estava dormindo ainda. Aconteceu algo com Ana Flávia? —perguntou ele, sabendo que eu estava de olho nela. Desde da partida de Michel, ela não tinha o mesmo brilho no olhar, por isso todos estavam com medo de que ela fizesse alguma besteira.

Eu confiava nela, sabia que a Ana não chegaria a esse ponto, mas eles achavam que toda precaução era pouca, afinal, os hormônios da gravidez, misturados a tanta tristeza, poderiam resultar em algo ruim.

—Fica tranquilo, Dante, sua irmã deve estar dormindo, meu assunto é com você mesmo —Suspirei, pronto para falar logo de uma vez.

Meu amigo me convidou para entrar e a Anne voltou para o quarto.

—Estou escutando. —Dante sentou-se no sofá.

— Anos atrás eu encontrei a Karina e ela estava grávida, eu perguntei a ela se tinha possibilidade desse filho ser meu, ela me garantiu que não. Só que eu fiz as contas e tinha possibilidade sim. —Olhei para cima tentando conter minha emoção. — Quando sai de lá, deixando ela para trás, eu senti um grande aperto no meu coração, mas naquela época eu não queria ser pai, estava num momento de curtição com os caras que eu nem quis que aquela criança fosse minha, deixei esse assunto para lá... Um tempo depois eu descobri que a Karina havia abandonado a bebê e deixado com sua mãe, desde daquele dia eu venho

ajudando ela financeiramente.

—Então você desconfiava? —Dante cruzou os braços contra o peito. Ele parecia sério.

— Eu fiz isso porque sentia culpa, algo em mim me faz sentir que essa criança é minha filha, e agora eu quero ter a certeza disso... Se eu realmente for seu pai quero legalizar tudo, principalmente nesse momento tão delicado pelo qual ela está passando...A Isabella foi diagnosticada com leucemia.

— Por que você não me contou isso antes? Você é louco? Passando essa barra sozinho! Você não pode esquecer que você não é um super-herói não, larga um pouco a capa, não tenta abraçar o mundo, você tem que ter forças para poder ajudar a menina, sendo ou não a sua filha. —Dante se levantou e me puxou para um abraço. —Fique em paz e faça o que for preciso, pode deixar que dá Ana Flávia eu cuido.

Sua amizade era mesmo muito especial e seu apoio foi fundamental para me dar toda força que eu precisava.

— Obrigada, meu amigo e, por favor, não conte nada a Flavinha, ela já tem problemas demais para superar.

— Pode deixar!

Despedimo-nos rapidamente, eu começaria pelo teste de DNA, apesar de sentir no fundo do meu coração que ela era mesmo minha filha.



Ao chegar ao hospital de Barretos, nem esperei, peguei o ursinho que eu tinha comprado para ela e um cartão onde eu tinha escrito uma frase clichê, mas que eu sabia que a faria sorrir.

Identifiquei-me na recepção e logo me deixaram vê-la.

Assim que ela notou minha chegada, seu sorriso se escancarou, fazendo com que todos os meus medos desaparecessem.

— Oi, pequena! — Dei um beijo em sua testa e abracei-a com todo o carinho que vinha adquirindo por ela. — Como você está?

— Oi, tio Lorenzo... Saudade de você! Achei que não iria vir me ver.

— Ela está tendo bastantes dores e agora seu cabelo está caindo, o negócio é forte realmente— murmurou a vó dela, aparecendo atrás de mim.

— Eu precisava conversar com você em particular, podemos ir ali no cantinho? —pedi, aproveitando a distração da Isabella com meus presentes, eu não queria que ela ouvisse o que eu tinha para falar.

— Claro... —Ela começou a caminhar. Assim que nos afastamos, eu

resolvi que seria direto e reto.

— Eu pensei muito e acho que existe a possibilidade da Isabella ser minha filha...Dona Maria... Eu quero sua permissão para fazer o teste de DNA.

Ela engoliu em seco e seu rosto empalideceu.

—Lorenzo... Tem uma coisa que não te contei no passado, mas eu espero que entenda as minhas razões... —Ela encarou-me. —A Isabella é realmente sua filha, mas naquele momento, na minha cabeça, você não servia para ser pai da minha neta, então eu menti. Eu não me arrependo nem pouco, pois antigamente você não seria bom para ela.. Já bastava a desnaturada da minha filha, para mim, você faria igual ou pior...

—Sabe o que é pior? A senhora tem toda a razão. —Segurei suas mãos. — Nem a Karina, nem eu, tínhamos maturidade para sermos pais, mas como aconteceu, nossa obrigação era pensarmos na menina, afinal, ela não tem culpa da nossa irresponsabilidade.

—O importante é que você mudou, se tornou um homem íntegro, ao contrário da Karina que parece só piorar.

— Eu quero um tempo com ela... Por favor, me deixe sozinho com a Isabella. Eu acabo de ganhar uma filha e ela está mal por culpa de uma doença que nem deveria existir. Por favor, deixe-me passar o dia com ela? —pedi, experimentando o dissabor de um misto de raiva, medo, dor e felicidade.

— Promete que não vai afastar minha neta de mim? —indagou-me, com os olhos banhados de lágrimas.

— Eu prometo... Mas me deixe sozinho com ela hoje.

Vi ela se despedir rapidamente de Isabella, explicando que iria resolver algumas coisas, ela saiu de cabeça baixa, me deixando sozinha com minha filha, sim, minha filha!

No fim, acabei me tornado pai duplamente, quase que de uma vez só.

Ao voltar para o quarto, encontrei-a brincando com o ursinho e perdi um tempo observando-a, de fato a Isabella tinha muito de mim.

Aproximei-me dela e toquei seus cabelos, eu sabia o que tinha que fazer, precisava contar-lhe a verdade, só que ela era muito pequena e eu não sabia como seria sua reação.



Ana Flávia

Meu irmão havia me chamado para almoçar em sua casa, eu aceitei

porque como o Lorenzo estava fora da cidade, a minha tristeza parecia ainda maior.

Meu coração ainda permanecia em luto pelo Michel, mas eu não deixei de reparar nas pequenas atitudes do pai do meu bebê, ele esteve do meu lado desde do início e o carinho como cuidava de mim era tocante.

Estávamos todos reunidos na sala, vendo as crianças brincarem, notei quando meu irmão recebeu uma ligação e atendeu ali mesmo na Ouvi ele falar o nome Lorenzo e a minha curiosidade falou mais alto. Mantive-me atenta ao que Dante falava.

Ele se afastou, a impressão que tive foi de que ele não queria que eu escutasse sua conversa, mesmo assim deu para ver que ele ficou feliz com alguma coisa que ouviu. Ao voltar ao seu lugar, exibia um sorriso de orelha a orelha.

— Gente! Eu tenho uma notícia, o Lorenzo vai passar alguns dias fora, ele acabou de me ligar, disse que tem algo muito importante para resolver e pediu para tomarmos conta da senhorita—Apontou para mim.

—Cuidar de mim? E desde quando eu preciso de babá? —Irritei-me ainda mais.

—Pare de ser chata... —Anne repreendeu-me. —Ele só está preocupado com você.

—Preocupado... —desdenhei. —E por que é que ele não ligou diretamente para mim? Ah! Já sei. Ele deve estar atrás de alguma *periguete*.

— Ele foi para Barretos, e posso garantir que não tem nada a ver com mulher, trata-se de algo sério—Dante argumentou, cheio de mistério.

— Algo sério, algo importante... Mais importante que o filho dele? —Não me contive.

—Olha, Ana Flávia, o Lorenzo me pediu para não comentar o que ele está fazendo lá, e eu vou respeitar isso...Depois, quando ele voltar, tenho certeza de que você será colocada à par de tudo —disse, enquanto trocava olhares com a Anne.

—E pelo jeito vocês dois sabem de tudo, não é? —Anne deu de ombros. —Me conta, por favor. O que está acontecendo?

— Você vai ser a primeira pessoa que ele vai procurar ao voltar, meu amigo está mudando e acho que parte dessa transformação tem a ver com esse bebê que está na sua barriga — disse Dante, tocando em meu ventre. — Espere, tenha paciência... O Lorenzo vai precisar de muito apoio seu, assim como ele te apoiou na hora que você mais precisou.

Seu comentário tinha conseguido me assustar, fiquei com medo de que algo ruim pudesse estar acontecendo com o Lorenzo. De qualquer forma, eu

conhecia a amizade dos dois e ela era baseada em lealdade, portanto, não adiantava eu insistir, meu irmão não abriria a boca.



Uma semana já tinha se passado e pelas mensagens que ele me mandara, seu retorno se faria em breve. Talvez fosse o costume de tê-lo sempre por perto, mas o fato foi que eu senti muito a sua falta.

Nós nos falamos por mensagens, mas ele não me deu abertura para perguntar nada, nossa conversa se limitava apenas a informações sobre mim e sobre o bebê.

Eu estava comprando enxovais pela internet, como não sabia o sexo do eu filho, tive que escolher tudo com tons neutros. Distraída entre amarelo e verde para o protetor de berço e ouvi batidas na porta da sala.

Assim que abri a porta, fui surpreendida com um enorme ramallete de rosas vermelhas, assim que tomei-o para mim, o rosto de Lorenzo foi revelado.

Ele estava diferente, a cabeça lisa, livre de cabelos e isso foi o bastante para o meu coração parar de bater.

—Não...Não me diga que você está doente... —externei algo que passara por meus pensamentos dias antes.

—Calma! Eu não estou doente... —Abraçou-me. —Nossa, baixinha, eu senti tanta saudade. —Afastou-se para beijar a minha barriga. —De vocês duas.

— Entra, Lorenzo...Você tem muito o que me explicar... —Dei passagem para ele.

—Tenho...tenho mesmo... —ele admitiu, passando por mim e indo direto para o sofá.



A medida em que ele ia me contando a história que envolvia a Karina e a Isabella, diversos tipos de sentimentos passeavam por mim, mas ao fim, quando me falou sobre a doença da menina e também, que ele era mesmo o pai dela, o orgulho foi o que predominou.

Eu sabia que ele tinha errado, mas o melhor foi notar que a sua parcela de culpa em momento algum foi ignorada, pelo contrário, por momentos eu vi o Lorenzo sendo muito duro consigo.

—Pois saiba que pode contar comigo...E se achar que vai cair, lembre-se de que eu estou aqui para te segurar. —Segurei suas mãos, parafraseando algo que ele dissera para mim um tempo atrás.



Capítulo 8

Lorenzzo

Eu mal podia acreditar que tinha conseguido contar toda a verdade para a Ana Flávia e mais, que ela havia reagido tão bem. No fundo, eu sentia que ela estava me enxergando de outra forma e sua reação me fez concluir que para ela eu não passaria mesmo de um amigo.

Não posso dizer que não sofri, mas tínhamos um filho e era melhor que conseguíssemos construir uma relação de respeito.

O que ainda me causava apreensão era saber como ela reagiria quando eu contasse à ela sobre a conversa que eu tivera com o médico da Isabella. Ele tinha deixado bem claro que se os tratamentos não dessem conta de combater sua doença, somente um transplante poderia salvar a vida da pequenina.

Assim que eu soube disso, me ofereci de imediato para fazer o teste de compatibilidade, só que recebi um balde de água fria no mesmo instante. Eu não sabia, mas pais e mães não podem ser doadores de medula óssea, uma vez que os filhos nascem com 50% de material genético de cada um.

O médico sugeriu primos, irmãos e foi aí que eu pensei no meu filho com a Ana Flávia. Claro que eu fiz mais de um milhão de perguntas sobre os riscos ao meu bebê e só depois de ter sido tranquilizado por ele, foi que deixei a esperança correr em minhas veias.

Por isso fiz o convite à Ana, eu queria que ela conhecesse a Isabella para só então conversarmos sobre tal possibilidade.

Havia combinado de pegá-la bem cedo em sua casa e por conta da ansiedade, tive uma noite de sono conturbada. Assim que o dia clareou, fui direto até a casa da família Ferraz, embora fosse muito cedo, eu estava disposto a esperar a Ana Flávia acordar.

Não foi preciso, assim que toquei a campainha, foi ela que veio me atender.

—Bom dia, Lorenzzo. — com um sorriso que fazia tempo que eu não

via, ela veio me abraçar.

—Bom dia, pequena... Como você está?—Acariciei seu rosto rapidamente.

—Nós, estamos bem... Na medida do possível, mas vamos conseguir, pode ter certeza disso... Agora, me fale sobre a sua menina, alguma notícia dela?

Cruzei os meus braços e senti um aperto no peito. O modo como ela se referiu à Isabella acabou por me comover.

—Eu falei com a avó dela ontem à noite, ela teve uma sessão de quimioterapia e por isso estava meio debilitada, mesmo assim mandou um beijo para mim e disse que não vê a hora de conhecer a amiga do “tio Lorenzo”. — não consegui disfarçar minha tristeza.

A Ana Flávia se aproximou de mim e tocou um dos meus braços.

—Eu tenho certeza de que tudo ficará bem... Certeza.

Assenti com a cabeça depois de puxar o ar.

—Também tenho — pisquei para ela. —Agora, se não se importa, eu queria pegar a estrada... Querendo ou não, temos algumas horinhas de viagem pela frente.

Ana fechou os olhos.

—Deixa eu te avisar uma coisa e então você pode decidir se ainda vai querer me levar...

—Credo! Agora você me deixou preocupado.

—Minha barriga... Viu como ela está grande?—indagou passando uma das mãos pelo ventre redondo.

—Sim, isso é bastante notável.

—Então... Por conta disso eu, ultimamente, ando precisando ir ao banheiro com mais frequência. A impressão que eu tenho é a de que esse bebê está dançando funk em cima da minha bexiga.

Balancei a cabeça antes de cair na gargalhada, por mais que ainda estivesse muito triste, a minha Ana Flávia, aquela que fazia piadas com tudo, às vezes dava o ar de sua graça.

—Fique tranquila... Eu programei o GPS para identificar todos os postos de restaurantes que existem em nosso trajeto, então, você vai poder parar para fazer xixi, quantas vezes precisar.

—Que bom. — ela arfou. — Me sinto mais tranquila.

—Com tudo esclarecido, podemos ir?—Olhei para o relógio em meu punho.

—Claro! Eu só vou pegar minha bolsa e então podemos partir. — avisou-me, já passando pela porta da sala.



Minutos depois ouvi o som de algo sendo arrastado, surpreendi-me ao ver a Ana trazendo com ela uma mala grande.

—Pode me dizer o que é isso?

—Isso? Isso é uma mala... — disse, encolhendo os ombros.

—Ana Flávia Ferraz... Eu sei que isso é uma mala... E das grandes e, é exatamente isso o que me assusta... Voltamos ainda hoje, portanto, não precisa levar bagagem, ou melhor, não precisa levar sua mudança.

Ela me lançou um olhar de reprovação e voltou a caminhar.

—A maioria das coisas aqui não são para mim, mas sim para a sua filha. — ela parou. —Estou levando uns presentinhos para a Isabella.

—Uns presentinhos? —fui até ela.

— Isso mesmo, Lorenzo! Mas agora vamos, como você mesmo disse, temos uma estrada pela frente.

O que eu poderia dizer? Ela era mesmo uma mulher incrível.



Ana Flávia

Não fazia nem vinte minutos de viagem e a minha bexiga já começava a me incomodar. O Lorenzo tagarelava sobre as últimas novidades da fotografia, e por alguns momentos parecia que o tempo não tinha passado e que não havia tanto entre nós.

—Já pensou em montar um estúdio para você? — perguntei, notando a paixão com que ele se referia ao seu trabalho.

Ele respirou fundo.

—Na verdade, essa ideia vem me consumindo há meses. Esse é um grande desejo meu, mas eu preciso ir com calma, resolver outras coisas antes de focar nisso. — ele sorriu. —Mas me fala... Quais conselhos uma nova empreendedora tem para dar a uma aspirante a empresário? Pelo que sei o Buffet está quase pronto.

—Empreendedora... — estalei os lábios. — Se não fosse a Anne e o meu pai, eu ainda estaria pensando em como emagrecer depois do parto para tentar continuar sendo modelo... Eles têm cuidado de tudo, ainda mais depois de... — calei-me por um instante, lembrando a morte de Michel. — Bem... Com tudo pelo que venho passando, eu só dei palpite na cor da fachada... Acho que essa foi minha maior colaboração.

Lorenzo soltou uma das mãos do volante e escorregou-a carinhosamente por minha coxa.

—Tenho certeza de que o Buffet será um sucesso... Você organiza festas como ninguém!

—Assim espero... — olhei através da janela e enquanto a paisagem se modificava, deixei que a sensação de tristeza passeasse um pouco por mim.

—No próximo posto, podemos parar? E estou me segurando há algum tempo...

Lorenzo olhou para o GPS fixado no painel de seu carro e depois pra mim.

—Em três minutos chegamos a um posto de combustíveis.



Enquanto eu lavava a minha mão, checava minha aparência no espelho, ensaiei um sorriso e notei como eu estava diferente. Não fisicamente, porque na verdade, tirando a barriga, eu continuava a mesma.

Saí daquele banheiro, pensando em como a vida nos leva para os caminhos que ela quer, ainda, quando vi o Lorenzo encostado em seu carro, tomando um gole de refrigerante, direto da latinha, uma vertigem se divertiu dentro do meu estômago.

Era a mesma coisa que eu sentia anos antes quando ele era apenas o amigo bonito do meu irmão, a quem eu era perdidamente apaixonada.

Naquela época, pensar e estar esperando um filho dele nunca havia me passado pela cabeça, embora em meus devaneios eu conseguia me imaginar casada com ele. Agora ele estava ali, ao alcance das minhas mãos, só que a impressão que eu tinha era a de ter algo segurando os meus braços, impedindo-me de tocá-lo.

—Comprei suco de pêssago, um pedaço de brownie e dois salgados diferentes... —disse, abrindo a porta para que eu entrasse.

Assim que em sentei no banco de passageiros, o cheiro de fritura despertou meu apetite.

—Coxinha! —comemorei assim que abri o saquinho.

Lorenzo sentou-se também.

—Sim, daquelas bem recheadas. —ele riu ao me ver devorando-a antes mesmo do término de sua frase.

Ele abriu a lata de suco e me entregou, depois girou o corpo e de braços cruzados ficou me observando comer.

—O que foi? Por que está me olhando com essa cara? Eu estou comendo por dois, e seu filho tem uma fome de leão.

Lorenzo balançou a cabeça.

—Continua a mesma menina... Minha pequena... —sussurrou.

—Que um pedaço de brownie? Está uma delícia! —desconversei, estendendo o bolo para ele.

—Tem razão... Está mesmo muito bom. — elogiou depois de morder uma pontinha.

Terminei de comer e então preendi o cinto de segurança.

—Podemos voltar à estrada.

Ele continuou com os olhos em mim, parecia hipnotizado.

—Espere aí... —dobrou o corpo em minha direção — Seu rosto está sujo de chocolate. — ele esfregou delicadamente o dedo perto da minha boca e antes de se afastar de mim, meus olhos pararam nos seus... As malditas esmeraldas...

—Tem algum CD neste carro? —indaguei, tentando fugir da vertigem que tinha voltado com força total.

—No porta luvas tem alguns... — ele engoliu em seco e então deu partida no motor do carro.

—Aposto que não vou gostar de nada... Seu gosto musical é péssimo. Sempre foi.

—Claro! Porque o seu é maravilhoso. — fez uma careta. —Pensa que eu não me lembro de quando você se trancava em seu quarto e ficava ouvindo no último volume Sandy & Junior? Aninha... Aquela música das estações... Você colocava para repetir uma duzentas vezes...

Cobri meu rosto com as mãos, ele estava coberto de razão... Eu era viciada em Sandy & Junior, e confesso, em todas às vezes eu ouvia aqueles CDs pensando nele...

—O outono é sempre igual... As folhas caem no quintal... Só não cai o meu amor, pois não tem jeito, é imortal... — cantarolei o trecho, esperando ser recriminada por ele.

Não foi o que aconteceu.

Ele mordeu o lábio inferior e nem olhou para os lados.



Lorenzzo

Aquela viagem estava sendo uma prova de fogo para mim. Estar ao lado dela, sentir o seu perfume, ouvir suas piadas loucas e não poder tê-la para mim, parecia pior do que a morte.

Só que eu tinha que me controlar, eu não podia forçar a barra, mas quando ela me olhava sem as sombras do passado, ela parecia a mesma Ana Flávia maluquinha, aquela que vivia se jogando para cima de mim, mas que eu achava que era tudo fogo de palha.

Como eu fui estúpido! Perder uma mulher dessas?

Agora ela estava ali, cheia de cicatrizes, cheia de medos e a maioria das feridas haviam sido causadas por mim...

Assim que chegamos ao estacionamento do hospital, ela me lançou um olhar cheio de pena, ao certo a minha tristeza estava escancarada, mas não era só pela Isabella, muito daquele Lorenzo destruído, sofria a falta da Ana Flávia, ainda que ela estivesse ali, tão perto de mim.

Antes de entrarmos, ela segurou a minha mão e levou até seus lábios, depositando ali um beijo delicado.

—Vai dar tudo certo... —piscou para mim.

Não pude mais.

Eu a puxei pelos pela cintura e a abracei, exatamente como um menino perdido que acaba de encontrar sua família.

—Só não se afasta de mim... — supliquei, tentando conter minha emoção. Senti-la mexia com algo dentro de mim, tão profundo, que chegava a dar medo.

—Não vou a lugar nenhum. — Ela segurou meu rosto entre as mãos. — Agora vamos... Eu estou louca para conhecer a irmãzinha da nossa filha.



Chegamos bem na hora que as visitas haviam começado, eu já sabia onde ela estava, então, depois de pegar os crachás de visitante, seguimos pelo corredor que me levaria ao quarto dela.

Num lugar como esse, é difícil não se emocionar. A todo momento você cruza com pessoas adoentadas, algumas tentam disfarçar suas dores atrás de sorrisos, mas no fundo estão por um fio.

O pior para mim sempre foram as crianças. Vê-las envoltas em tanto sofrimento e ainda preservadas em sua inocência acabava comigo.

Só que eu precisava ser forte, ou pelo menos manter a pose.

—Olha lá, aquela é a avó da Isabella. — apontei, vendo dona Maria parada na porta do quarto.

—Bom dia... —Ana Flávia cumprimentou-a cheia de sorrisos.

—Bom dia. — ela respondeu com os olhos direto em mim.

—Aconteceu alguma coisa? A Isabella está bem? — desesperei-me diante de sua expressão preocupada.

Ela deu um passo à frente.

—A Karina... Ela apareceu aqui e quis ver a menina... —disse, com a voz quase que inaudível.

—A Karina!? —Ana Flávia não deixou seu espanto disfarçado.

—Ela está aí no quarto conversando com a filha... Pelo jeito, o golpe dela

não deu certo, porque pelo que entendi, ela está mais pobre do que eu...

Ana Flávia e eu nos entreolhamos, encontrar-me com a Karina, confrontá-la quanto sua mentira e quanto a sua falta de caráter até era algo que estava em meus planos. Mas não naquele momento, não diante daquela situação.



Capítulo 9

Lorenzzo

Eu senti um ódio fervendo dentro de mim, eu estava preparado para falar poucas e boas para aquela mulher, mas Ana me segurou.

— Por favor, presta atenção em mim, sei que ela não merece ver a Isabella depois de ter trocado ela por um homem rico qualquer, mas mantenha a calma, pense em nela, em mim e nosso bebê, pode apostar que estou com vontade de dar uns bons tapas nela, mas a minha vontade maior é ver o sorriso da pequena.

— Você tem razão— concordei mais calmo, o toque dela tinha esse poder sobre mim.

Entrei no quarto com a Ana segurando minha mão, só de pensar que ela estava do meu lado era um grande conforto.

— Bom dia, Isa! — falei assim que ela sorriu pra mim, ela tirou os olhos de Karina e se concentrou só em mim.

— Bom dia tio Lorenzzo — disse ela, com sua voz fofa.

— Lembra da amiga que eu falei que iria trazer para cá? Olha ela aqui, Isabella esta é Ana Flávia, e Flavinha essa é a Isa.

— Olá... Ele tinha me falado como você era linda, mas não imaginava que fosse tanto assim. —Ela se aproximou da minha filha e deu um beijo em sua testa. — Eu trouxe alguns presentes para você.

— Tio... A mulher que você ama é linda.

Lá estava ela revelando meus segredos...Eu tinha mesmo confessado que amava a Ana Flávia, em um daqueles dias que passei com ela.

— Realmente ela é linda, assim como você. —Acariciei seu braço.

Nesse instante eu ouvi a Karina limpar a garganta.

— O momento está lindo, mas eu não quero que essa garota esteja no quarto da minha filha — disse ela, apontando para Ana Flávia.

— Você não é mais mãe dela, não decide quem deve entrar e sair deste

quarto, a Ana vai ficar... Se tem uma pessoa que merece sair daqui, é você.

— Eu sou mãe dela sim, a Isabella saiu de mim e eu não quero que ela fique.

— Ela vai ficar... —Aproximei-me dela. —Você nunca ajudou-a com nada, fugiu e deixou a menina com a sua mãe. Eu, nesses anos todos, mesmo não sabendo que ela era minha filha, sempre ajudei a Isabella.

— Vamos combinar Lorenzo, você tem uma situação financeira bem melhor que a minha, eu tive que ralar muito para ter essas roupas de luxo, você acha que foi fácil ficar anos com o velho que fiquei? Não foi, eu sentia nojo, mas eu sabia que era para um bem maior.

— Você não vale nada... — Ana Flávia interveio. —Como tem coragem de dizer essas coisas na frente de uma criança?

— Você menos ainda, não aguentou ver o amigo do seu irmão, e já quis logo dar o golpe da barriga? Aliás, acha que não sei que ele te “comia” quando a gente ainda namorava...Você nunca desgrudava, parecia um carrapatinho...

— Olha aqui! —Tive que tomar a frente antes que Ana Flávia ficasse mais alterada.— Escute bem, você não pode chegar e falar tudo isso a mulher que eu amo na minha frente, eu não vou aceitar. Essa criança que ela está esperando é minha sim, e eu já amo mais que tudo, assim como amo Isabella. — Fiquei bem perto dela. —Escute bem, para depois não falar que eu não avisei, eu vou contratar um dos melhores advogados para que você nunca mais chegue perto, a sua mãe vai poder vê-la quando quiser, mas para mim, você nunca foi e nem será mãe para minha filha.

— Vovó, ele é meu papai? — Ouvi a Isabella perguntando.

Dona Maria olhou para mim e depois para a Karina que acabava de ficar vermelha.

— Sim minha querida... Ele é seu pai.

— Vovó, por que não contou para mim que ele era meu papai? Eu sempre quis saber, perguntei várias vezes.

— Minha menina... Não era o momento, mas agora eu tenho a certeza absoluta ele está pronto para ser seu pai, aquele que vai cuidar de você... A vovó está ficando velha, e ele vai ser perfeito pra ficar com você, claro que nunca vou deixar de ir te ver, vou sempre estar por perto. — Ela prestava atenção em tudo que a sua avó falava e nesse momento olhou para mim com os olhos marejados, eu senti uma vontade imensa de me aproximar assim que uma lágrima escorreu pelo seu lindo rostinho.

— Por favor, pequena não chore — pedi, enxugando seus olhos.

— Posso te dar um abraço? — perguntou ela, eu nem respondi, fui logo apertando-a.

— Minha filha... O papai te ama, mais que tudo.

— Tio Lorenzo, ou melhor papai Lorenzo, quando você estava falando do filho da mulher da sua vida, eu orei a Deus pedindo que um dia pudesse encontrar um papai igual você, antes de morrer... Ele atendeu minha oração.

— Minha filha... Você não vai morrer, eu vou fazer de tudo para que você tenha o melhor atendimento possível.



Ana Flávia

Aquele momento de pai e filha estava sendo lindo, se não fosse por Karina estar ali, ela era a única peça que infelizmente não se encaixava naquele quebra cabeça, ela tinha um modo de pensar muito errado, para ela, a única coisa que importava era o dinheiro.

Peguei a Karina pelo braço e puxei ela pelo corredor, tendo a mãe dela no meu encalço e imaginei que ela estava preocupada com o bebê.

— Eu não quero que você faça mal nenhum ao Lorenzo. Experimente entrar no meu caminho, ou no da Isabella para ver do que sou capaz! Ela não merece a mãe que ela tem... Você não presta, e isso vem lá do passado, desde que você namorou ele enquanto estava de olho no meu irmão.

Ela me olhou com desprezo.

— Veremos queridinha... Eu estarei assistindo de camarote quanto tempo vai durar a sua felicidade... Me aguarde!

— Espero que não seja uma ameaça... Eu, ao contrário de você, tenho ao meu lado pessoas que me amam muito. Olhe ao seu redor! Você tem alguém do seu lado? Até mesmo sua mãe e o amor da sua filha você não tem mais.

— Sua... — começou ela, partindo para cima de mim.

Dona Maria se colocou entre nós.

— Olha aqui, Karina, pelo menos uma vez na sua vida, toma vergonha na sua cara e vira mulher, você é a minha filha, eu te ajudei no momento que você mais precisou, se ousar a levantar a mão para Ana Flávia novamente, eu vou dar a surra que você nunca ganhou, por isso que você é mimada desse jeito, acha que a vida tudo vem fácil, se quiser uma vida melhor, vá lá, trabalhe — disse ela, em tom firme. Pela primeira vez vi Karina abaixar sua cabeça.

— Mãe... Eu amo a senhora, mas merecia uma vida melhor do que a senhora e Lorenzo podiam me dar naquela época, eu não queria ser mãe, eu queria tirar, você me fez ter ela, se ele quiser ficar com aquela menina, vai ter que me dar vinte mil reais e um apartamento para que eu possa recomeçar.

Nesse momento Lorenzo saiu do quarto e pela sua cara eu tinha certeza que ele tinha ouvido tudo.

— Eu não vou pagar nenhum centavo... Mas também ela não vai ficar com você, pois ela merece uma mãe de verdade e não uma aproveitadora. Eu vou mover céus e terras para conseguir a guarda da minha filha.

E ele saiu, voltando para o quarto.

— Experimenta mexer com ele, agora eu e a sua mãe estamos de prova que você queria dinheiro em troca da sua filha. Ela está doente, você não tem um pingão de compaixão, eu jamais, pensaria em abandonar um filho meu...

Ela encarou-me com ódio, tanto que cheguei a sentir medo.

—É fácil quando já nasce cheia de oportunidades... —falou antes de sair.

Corri para abraçar a sua mãe, afinal, não deveria estar sendo fácil para ela.



Capítulo 10

Ana Flávia

2 meses depois...

Nem mesmo com muita imaginação, eu seria capaz de prever que a vida me colocaria naquele caminho. Esperando um bebê do Lorenzo, superando o luto da perda de Michel e prestes a me tornar empresária, sócia em um Buffet infantil.

Claro, a parte principal do meu ceticismo vem agora... Eu, Ana Flávia Ferraz estar conseguindo fugir das investidas do dono dos olhos verdes mais bonitos que eu já vi.

Não posso negar que vê-lo no papel de pai protetor e preocupado acabou por dar a ele uma camada extra de charme. Além disso, a forma como ele peitou a Karina, colocando-a em seu devido lugar, fez com que eu o visse com outros olhos.

Sua versão madura era mesmo muito interessante, mesmo assim eu não me sentia pronta para dar um passo além de onde eu já pisava. No fim, ter sua amizade era muito melhor do que quando tentávamos ter um relacionamento amoroso.

Em meses, não tivemos uma discussão sequer... Bem, na verdade até tivemos, mas foi por conta dos possíveis nomes do nosso filho.

Se fosse menina eu queria Beatriz, já ele queria Brenda. Nada contra o nome Brenda, eu até acho bonito, mas não para uma filha minha. Foi só, paramos por aí e nem chegamos às opções masculinas, no fundo eu tinha um sexto sentido que gritava que meu bebê seria uma menina.

—Do que está rindo? —perguntou ele, enquanto seguíamos até a festa de inauguração Anne&Ana.

—Sabe aquela coisa de passar de consumidor para fornecedor? Então...

Acho que você vai pagar todos os seus pecados com sua filha... Ou filhas...

Ele reduziu a velocidade do carro a fim de esperar o sinal ficar vermelho, então, depois de batucar os polegares pelo volante, ele olhou para mim.

—Não tem graça, sabia? —seu tom era puro mau-humor.

—Ah... Mas tem... Brincou com as mulheres, se divertiu o quanto pode e em alguns anos terá que aturar um moleque de calças largas, com metade da cueca aparecendo e usando um boné torto cabeça, te chamar de tio enquanto sua filha senta no banco da moto dele.

—Moto? Ficou maluca? Nem a Isabella e nem o nosso bebê chegarão perto de uma moto — ele juntou as sobrancelhas. — E isso vale para ambos, seja menino ou menina.

Eu tinha mesmo conseguido irritá-lo, o Lorenzo soltava fumaça pela boca, por isso, achei melhor parar por ali.

—Tudo bem, senhor durão... Não está mais aqui quem falou... —Ergui as mãos em rendição e aproveitei para soltar o cinto de segurança. Aquela coisa andava me incomodando demais. — Olha... Coloque a mão aqui Lorenzo... O bebê está chutando.

Ele arregalou os olhos e me obedeceu imediatamente. Com os olhos nos meus e um sorriso bobo no rosto, ele sentia as ondulações que nosso filho causava.

—Nossa... Eu nunca vou deixar de achar isso incrível... —murmurou com a voz embriagada.

— É mágico, não é? Parece que ele participa na nossa conversa e dá um jeito de demonstrar que concorda comigo...

Ele fungou antes de revirar os olhos.

—Ai, Ana Flávia... Você é mesmo uma pessoa impossível. —curvou-se depositou um beijo onde antes estava sua mão.



Que belo sortudo era meu irmão... Além de linda, inteligente e excelente mãe, a Anne era mesmo uma profissional fora dos padrões. Aquela casa, que há tantos anos pertenceu à nossa família, nunca antes esteve tão bonita como naquele momento.

Logo no portão da entrada, as grades foram coloridas em tons de amarelo, rosa, azul e verde. Em frente a ele, um carrinho de algodão doce e outro de pipoca mantinham uma fila de crianças e também de adultos, entre eles meu irmão e meus sobrinhos.

—Boa tarde, Capitão! —bati continência para ele e na mesma hora o Anthony correu na minha direção.

—Fala, Lorenzo! —Dante deu breve abraço no amigo.

—Essa menina está cada dia mais linda... — elogiou a Antonella. —Vem com o tio, Lorenzo. — ele estendeu os braços e a pequena se inclinou para ele sem reservas.

—Isso mesmo, Lorenzo... Vai treinando... —dei dois tapinhas em suas costas.

— E não é que ele leva jeito? —Dante zombou. —Olha só o jeito como ele a carrega...

—Posso saber a razão dessa reunião aqui fora? —Anne se juntou a nós. — Eu estou até com câimbra nas bochechas de tanto sorrir e vocês aqui, se divertindo sem mim.

—Depois eu sou a rainha do drama... — abracei-a. — Nós acabamos de chegar, eu já estava indo ao seu encontro, mas quem resiste a duas coisas lindas como esses meus sobrinhos, ainda mais quando eles estão cheirando a açúcar?

—Tem razão... Meus filhos são irresistíveis, mas agora eu preciso que venha me ajudar — ela segurou-me pela mão. — O pessoal do jornal de Piracicaba está aqui e tem também uma outra repórter que publica em revistas negócios como o nosso.

—Claro, Capitã! Eu já estou pronta para o trabalho... — pus-me a caminhar, enquanto Lorenzo e Dante riam de mim.

—Daqui a pouco nós vamos também... —meu irmão lançou um olhar apaixonado para Anne e ela mandou-lhe um beijo à distância.

Enquanto cruzamos o salão, decorado com um pouco de cada um dos temas que teríamos a disposição, meu coração se encheu de orgulho por ter decidido dar aquele passo.

A cada elogio, um chute do meu bebê, e eu entendia que ele também estava feliz por mim.

No momento das fotos, toda a minha família se reuniu, meus pais, Dante, Anne e seus filhos, o Lorenzo e eu... Ah... E o bebê que, mesmo estando dentro da minha barriga, era o que mais tinha sua presença imposta.

Por ele eu estava em pé, lutando contra os meus medos e fantasmas. Por ele eu havia decidido me arriscar e investir numa área tão diferente do que sempre atuei. Percebi ali, quanto respondia as perguntas da repórter que, aquele filho era tudo e que por ele eu tentaria ser cada dia melhor.



Lorenzo

Outra vez eu estava ali, literalmente babando por aquela mulher. Sentei-me em uma cadeira e fiquei por minutos observando-a enquanto descalça

brincava com seus sobrinhos.

Ela estava linda, talvez fosse o seu momento de maior plenitude. Naquele momento meu coração estava cheio de orgulho... Aquela pequena mulher havia se tornado uma gigante.

Depois de tudo pelo que tinha passado e ainda estava ali, de cabeça erguida, com um sorriso lindo estampado no rosto enquanto se deliciava com uma nuvem de algodão doce.

— Precisa ver a sua cara, Lorenzo... Parece aquelas crianças em frente à vitrine de uma loja de brinquedos. — Dante sentou-se do meu lado.

— Que belo amigo eu tenho... —rosnei, sem tirar os olhos dela. —Gosta mesmo de chutar cachorro morto...

—Quê isso? Se pareceu que estou zombando de você, foi um mal entendido... Mas eu não posso negar que é engraçado te ver assim, incontestavelmente apaixonado.

Puxei o ar e deixei que meu cérebro absorvesse sua afirmação.

—Eu não te julgo, às vezes, nem mesmo eu acredito que um sentimento tão grande mora dentro de mim... Justo eu, Lorenzo Rizzato, o terror das noites piracicabanas.

—Pois é... Eu te avisei que uma hora alguém iria aparecer e virar o seu mundo de ponta cabeça — Dante deu um soco leve no meu braço. — Isso é quase que inevitável e, eu só não esperava que essa pessoa fosse a minha irmã.

Assenti com a cabeça enquanto ria de desgosto por conta da ironia.

— Nem eu imaginava que seria ela...

—E pensar que ela sempre foi louquinha por você... Cara! Você não imagina o quanto essa menina me enchia o saco. Ela queria saber em que festa você ia estar, qual era a sua cor favorita e mais um monte de besteiras... Parecia uma repórter.

Fechi meus olhos por um instante, à impressão que tive foi de que meu amigo tinha acabado de me dar um soco no queixo, daqueles bem dados.

—Pois é... E o burro aqui teve ao menos um milhão de chances e deixou passar, agora ela está aí, toda dona de si e decidida... Sua irmã não gosta mais de mim, não ao menos como eu gostaria. —encarei-o.

Dante fechou um dos olhos e fez uma meia careta.

—Dê tempo ao tempo... Se tiver que ser, vai ser... Não vê o meu caso? A mulher da minha vida praticamente caiu de paraquedas no meu colo. Com isso tudo pelo que vivi até hoje, eu aprendi que somos apenas fantoches nas mãos do destino. —levantou-se.

—É... Pode ser... —concordei, porque confusão era o meu nome do meio. Eu me esforçava para pensar daquela forma, só que era inevitável também,

imaginar outra opção.

Se a Ana Flávia encontrasse no futuro um novo amor, eu não suportaria, mas nunca poderia me afastar, afinal nosso filho era um elo forte demais e nos ligava para sempre.

Enquanto eu me torturava com essa possibilidade, ela veio em minha direção, os sapatos na mão e um olhar pidão.

—Eu sei que a festa está divertidíssima, mas será que não daria para você me levar embora... Eu me sinto exausta. —ela deixou os ombros caírem.

— Seu desejo é uma ordem, senhora empresária... —levantei-me no mesmo instante.

—Bobo. —ela empurrou meu ombro.

Despedimo-nos de todos e seguimos até o meu carro, era início de noite e, embora fizesse calor, havia uma brisa delicada abrandando a temperatura, respirei fundo antes de abrir a porta para que ela se sentasse.

Assim que tomei o meu lugar no banco do motorista, olhei para o lado e lá estava ela, acariciando sua barriga. Eu não disse nada, apenas fiquei observando-a, ou melhor, adorando-a. Se pudesse eternizaria aquele momento, faria com que ele durasse para sempre.

Eu podia.

—Não se mexa — avisei, já inclinando-me para alcançar minha câmera fotográfica que estava no banco de trás.

Ela estava acostumada, por isso não reclamou, continuou com as mãos sobre sua barriga e sorriu com naturalidade, posando para mim.

— Vou cobrar cachê. —apontou o dedo na minha direção.

—Quanto quiser.



Havia vários caminhos que levavam até a casa da família Ferraz, eu escolhi o mais longo, porque eu não queria me despedir. Não sei dizer se a Ana Flávia percebeu, mas nossa conversa estava tão agradável, que ela não demonstrou desagrado.

—Eu sei que é mio chato tocar nesse assunto, mas como anda o processo de paternidade da Isabella?

Estalei os lábios.

—Caminhando... Mas a Karina é muito inescrupulosa, chega a ser maldosa, sabe? Ela está batendo o pé que quer a guarda da menina e eu estou evitando me encontrar com ela.

— E a saúde da pequena?

— Ela vem reagindo bem ao tratamento, mas os médicos deixaram muito

claro que não é nada certo, então, eles até já a colocaram na lista de transplante, como achar um doador compatível é algo muito difícil, eles estão se precavendo. — disse e senti um frio cortar minha barriga.

—Sabe Lorenzo, eu andei pesquisando sobre isso e... Você sabe que o nosso bebê pode ser compatível com a Isabella, não sabe?

Eu sabia, e claro que já pensara nessa hipótese por ao menos umas milhares de vezes, mas eu nunca tive coragem de tocar nesse assunto com a Ana Flávia.

—Quando eu disse que a Isabella tinha um irmão a caminho, eles ficaram muito animados, afinal, é uma esperança a mais... Mas ao mesmo tempo eu fico com medo de colocar esse peso sobre um bebê que ainda nem nasceu.

—Lorenzo... Encosta o carro, por favor, eu quero te mostrar uma coisa. —ela me pediu com serenidade.

Mesmo sem entender a razão eu a obedeci, encontrei um lugar mais adequado e parei.

Ela pegou a bolsa que estava em seu colo, abriu-a e entregou-me um papel.

—Eles te falavam sobre as células-tronco do sangue do cordão umbilical?

—Falaram alguma coisa, mas... O quê? —confuso, eu tentava prestar a atenção no que ela me dizia e, ao mesmo tempo, corria os olhos por aquilo que parecia ser um documento.

—Depois que eu conhecia a Isabella, e mais, depois que andei pelos corredores daquele hospital e vi, tantas crianças, algumas ainda são bebês e já precisam lutar por suas frágeis vidas... —Ana mostrou-se emocionada. — Lorenzo, agora eu sou mãe e por mais que eu não quisesse, eu me coloquei no lugar daquelas famílias, eu me coloquei no lugar daquelas mães e fiquei pensando que se fosse comigo, eu faria qualquer coisa para ver meu filho bem, por isso eu pesquisei, conversei com o meu obstetra e ele me apresentou essa clínica que faz a coleta do sangue logo após o parto.

—E pelo que vejo você já acertou tudo com eles... Estou certo? — balancei o papel.

Ela deu de ombros.

—É... Eu não quis perder tempo, então, está tudo certo. Se essa é uma chance a mais de cura para a Isabella, ela a terá.

Não sei o que deu em mim, ou melhor, eu até sei... Ao descobrir o tamanho da generosidade da Ana Flávia para com a minha filha, algo dentro de mim reagiu com a mesma intensidade de seu ato e, em vez de agradecê-la, de dizer que ela era a mulher mais fantástica deste planeta, eu desatei a chorar...

Como uma criança.

—Lorenzzo... Pelo amor de Nossa Senhora das Lágrimas! Você está me deixando nervosa... Você acha que eu fiz mal? Quero dizer... Ficou chateado por eu não ter falado com você antes de tomar essa decisão?

Respirei fundo, eu precisava me recompor para então poder falar tudo o que estava engasgado.

—Ana... —segurei-a pelos punhos. — Você não fez nada de errado, aliás, esse seu gesto só prova que eu estou certo em ser louco por você, porque nunca vai existir no mundo um a mulher tão incrível, linda e bondosa como você...

—Lorenzzo... Eu... A... — ela fez uma careta, sua respiração parecia curta.

—Espera... —toquei seus lábios com a ponta do meu dedo antes de colar minha testa na sua. — Deixa eu terminar de te dizer... E eu sei, que você não me enxerga mais como... Ah, sei lá, como um homem para estar ao seu lado, mas mesmo assim eu preciso

—Lorenzzo! Não vai dar... —ela bufou e voltou a fazer uma careta.

—Tudo bem... —afastei-me atordoado.

—Lorenzzo... Você não está entendendo... A minha bolsa rompeu... Nosso filho vai nascer! —ela gritou.



Capítulo 11

Lorenzzo

Saber que a minha filha estava prestes a nascer, estava me deixando muito feliz, quando a bolsa estourou para mim foi uma completa surpresa. Eu jurava que a Flavinha tinha feito xixi, não que eu ficasse com vergonha dela, jamais, ia dar todo apoio, mas geralmente mulheres grávidas costumam ir ao banheiro toda hora, e ela fazia um tempo que não ia, então achei que fosse isso.

Logo que estacionei o carro em frente ao hospital, eu carreguei a Ana Flávia para dentro.

— Minha filha vai nascer, por favor, me ajude! — gritei pelo hospital.

Logo uma enfermeira com cadeiras de rodas apareceu, deposei ela ali e fui instruído a fazer uma ficha para ela.

Estava passando todos os dados, então me lembrei que não estávamos com as bolsas, nem para o bebê e nem para ela, e como eu tinha que avisar toda família, liguei para Dante que no segundo toque atendeu.

— *Fala Lorenzzo, a que devo a honra da sua ligação?*

— *Cara... Vai nascer, estamos no hospital, eu queria pedir para você avisar a todos, e trazer a mala do bebê e de Flavinha, não esperávamos que fosse nascer hoje e justo na hora que eu estava me declarando para ela... Tem como fazer esse favor?*

— *Amor.... Nossa sobrinha vai nascer! — Ouvi ele gritar do outro lado da linha. — Claro que posso sim cara, aproveite esse momento com ela, isso é único. E parabéns papai, logo vai estar com a pequena nos braços.*

— *Não vejo a hora... Obrigado cara!*

— *Conta sempre comigo, meu irmão!*

Encerramos a ligação nesse clima de pura amizade e felicidade.

Preenchi toda a papelada e logo que acabei disseram que poderia ir ficar com ela até que ela chegasse a dilatação necessária. Ainda, explicaram-nos sobre alguns exercícios que incentivavam o encaixe do bebê.

Fizeram a Ana sentar na bola Suíça, aquela que auxilia no trabalho de parto. Eu me sentia ponto de explodir, mas seguia dando todo apoio necessário, segurando seus ombros e fazendo uma massagem carinhosa. Ela gritava quando a contração vinha, eu, se pudesse, pegaria toda aquela dor para mim mesmo.

Eu tentava ao máximo passar apoio a ela e sabia que a Ana estava sentindo o que eu vinha tentando fazer, pois por vezes ela sorriu para mim.

Aproveitei a chegada do médico e avisei sobre a coleta de sangue do cordão umbilical, esperava que isso salvasse a minha Isabella.

Duas horas depois...

Finalmente chegara o momento tão esperado, eu já estava com todos EPI'S necessários (avental, máscara, óculos, protetor de cabelo), e como eu não queria perder nada, coloquei tudo na velocidade da luz e me encaminhei para o centro obstétrico, me posicionei ao lado da mamãe do ano e fiquei segurando sua mão. Entre uma contração e outra ela descontava toda sua dor em mim.

— Aiiiiiii, Lorenzo! Por que é que eu fui deixar você me engravidar? — gritou ela.

— Calma meu amor, logo nosso bebê vai estar com a gente.

O médico pediu para que ela fizesse mais força, ela o obedeceu, mas o seu cansaço era visível, a Ana Flávia parecia esgotada.

— Vamos, meu amor... Você consegue... — eu dizia em seu ouvido.

Quando eu achava que ela desistiria, minha baixinha me surpreendia e dava tudo de si.

Depois de outras cinco contrações e então nossa menina nasceu. Uma menina!

Lembrei-me da dona Adriana e de sua certeza de que seria uma neta. Assim que ouvi o seu choro, entendi o que era amor incondicional.

Uma das enfermeiras a colocaram sobre o colo de Ana e, enquanto a bebê resmungava, ela chorava copiosamente.

— Nossa filha é linda... Tão linda quanto a mãe! — sussurrei todo bobo.

— Realmente ela é linda, muito linda. Lorenzo ela tem cara de Beatriz.

— Concordo com você... É a nossa Beatriz... — Cedi, pois jamais a contrariaria, ainda mais depois de ver o que ela passara.

— Olhem aqui... — disse um fotógrafo querendo tirar uma foto nossa, era o único liberado pelo hospital.

Juntei-me ainda mais às minhas meninas e assim ele capturou a imagem.

— Flavinha vou lá fora avisar a todos que a nossa pequena nasceu... —

Dei um beijo delicado em sua testa e como a enfermeira tinha pegado nossa pequena, avisou-me que logo a Ana estaria no quarto.

Tirei todos os EPI'S assim que sai da sala e parti sorrindo. Fui ao encontro de todos na recepção, assim que eles me viram seus olhos me cobravam com expectativa.

— Nasceu... É uma linda menina! — anunciei e eles começaram a se abraçar.

— Parabéns, cara! —congratulou-me Dante, me dando uma abraço apertado e em seguida veio minha sogra, sim, minha sogra, eu iria fazer o possível para reconquistar a Ana Flávia.

— Sei que você fez escolhas erradas e agora está arrependido, mas ainda dá tempo de você conquistar minha filha, ela te ama, eu sei que você vai ser um bom pai.

Abaixei-me e dei um beijo em sua testa, Dante tinha me falado que a minha filha estava vindo de Barretos com avó para conhecer a mais nova membro da família, ela estava toda animada, o médico havia liberado a viagem, pois ela vinha mostrando resultados significativos.

— Obrigada, Adriana! Eu vou dar tudo de mim para fazer minhas três meninas felizes, Isabella logo está aqui, conosco.

— Eu fiquei sabendo... Ana Flávia me mostrou fotos, ela é linda, parabéns por ela também.

Assim ela se separou de mim, veio Antonio Carlos, aquele que muitas vezes eu tivera como um pai.

— Você cresceu... Lembro quando era apenas um adolescente e ia falar sobre garotas com meu filho. Lorenzo, você sempre foi parte da nossa família e está fazendo ela aumentar, por isso tem minha benção sobre a minha filha, mas a única coisa que peço é que faça ela muito feliz.

— Obrigado. —Emocionei-me ao perceber que todos torciam por nós.



Somente eu pude ver Ana Flávia, ela estava bastante cansada e acabou dormindo naquele dia, mas na manhã seguinte estava com um gás que nem parecia ter passado por tanta coisa. Não demorou nada e trouxeram nossa pequena que tinha acabado de tomar seu banho.

O jeito e o carinho que Ana Flávia estava tendo com nossa pequena eram surreais, era como se ela já tivesse sido mãe.

Não foi fácil fazer a Beatriz pegar o seio, a Ana Flávia teve ajuda de uma enfermeira, mas mesmo assim foi penoso, depois, quando elas se entenderam,

minha bebezinha mamou como uma bezerrinha.

Depois de alimentada, eu pedi para carregá-la um pouco. Minha filha parecia uma princesinha, vestida num macacão cor-de-rosa e com um laço branco e rosa na cabeça, era uma perfeita bonequinha.

Logo começaria o horário de visitas, então tinha aproveitar o momento que eu tinha com elas.

— Ana você leva jeito, vai ser uma ótima mãe... Disso eu não tenho dúvida.

— Assim espero, devo lembrar que desde que você descobriu ser pai de Isabella você também está sendo um ótimo pai. — Ela sorriu com seu jeito angelical, a mulher que eu amava era linda demais e me deu um dos melhores presentes, ser pai de um filho dela. — Lorenzo você amadureceu, está mais homem e isso me faz sentir um orgulho enorme de você.

— Obrigado! — falei e dei um beijo em sua testa em sinal de carinho.

Meu celular tocava, então passei a nossa filha para a mãe, e eu vi na tela que era Isabella. Eu tinha dado um celular para ela ligar para mim quando quisesse, no segundo toque eu atendi.

— Oi, minha menina, como você está?

— *Papai, cheguei no hospital, estou doida para conhecer minha irmãzinha— avisou-me toda feliz, eu tinha certeza que nesse momento ela estava muito eufórica, e sua alegria me contagiava.*

— *Calma princesa, você não pode gastar sua energia assim, vamos com calma. —Estava preocupado. — Eu estou indo te buscar aí fora, espere um pouquinho.*

— *Tá bom papai, venha logo.*

Ela desligou, pelo visto tinha alguém muito animado em conhecer a Beatriz.

— Ela parece estar ansiosa para conhecer nossa filha...

— Está, mas eu tenho medo que ela gaste tanta energia... Por mais que o tratamento pareça estar fazendo efeito, eu ainda me preocupo, e sei que as quimioterapias são fortes o suficiente e a deixam cansada.

— Sim, vai lá busca-la, estou louca para rever a Isabella.

Assim sai do quarto e quando cheguei à recepção estavam todos paparicando a minha menina, logo que ela me viu saiu correndo em minha direção e eu me abaixei, assim ela enlaçou meu pescoço.

— Papai, estava com saudade um montão de você.

— Eu também estava pequena, mas lembra que eu já falei que a senhorita não pode correr assim?

— Desculpa papai... A saudade estava grande.

— Dessa vez passa! Mas da próxima vou encher a senhorita de cosquinhas.

— Pai... Podemos conhecer minha irmãzinha?

— Claro princesa!

— Eu sonhei que ela se chamava Beatriz, depois das opções que você falou. Foi esse nome que vocês escolheram?

— Sim filha...

Todos entenderam que ela não podia ficar muito tempo, mas estava muito animada para conhecer a irmãzinha, então deixaram ela entrar primeiro, só que nossa pequena não podia tirar a máscara.

— Princesa... Sua irmã ainda é muito pequenina, eu vou deixar você carregar, mas eu vou te auxiliar, logo vamos ter ela lá em casa para você brincar quando ela crescer mais um pouco, enquanto isso, nós contamos com sua ajuda para cuidar da nossa pequena, tudo bem?

— Tudo bem papai... Podemos entrar?

Logo que abri a porta ela gritou:

— Tia Flávia!— Aproximou-se dela toda saltitante, peguei ela no colo.

— Papai, ela é linda e é minha irmãzinha, sempre foi meu sonho ter mais irmãos, obrigada tia Flávia. —Lágrimas banhavam seu rosto.

Ela era perfeita demais, não merecia passar por tudo que estava passando...

— Senta ela naquela poltrona e deixe-a carregar um pouquinho a irmã, Lorenzo —pediu Ana Flávia com os olhos marejados.

Eu fiz como ela me recomendou e, enquanto segurava a Beatriz, Isabella a olhava com admiração. A cena foi capaz de também me levar às lágrimas.



Ana Flávia

Lorenzo tinha me deixado sozinha no quarto para dar uma atenção a sua filha e logo meus familiares estariam comigo, sabe quando você sente um de vazio? Como se estivesse faltando algo? Eu estava com esse sentimento naquele momento, querendo que ele tivesse ficando junto a mim e a Beatriz. Eu sei que esse pensamento poderia parecer egoísta, mas a questão era que sem ele, um buraco parecia crescer dentro do meu peito.

Não que eu me sentisse pronta para ser dele novamente, no fundo, nem eu mesma sabia se queria isso, mas de uma coisa eu tinha certeza: Eu precisava dele perto de mim.

Enquanto me perdia nessa confusão, ouvi a porta sendo aberta. As

primeiras pessoas a entrarem foram minha mãe e meu pai.

Sorri para eles, toda orgulhosa por estar com minha filha nos braços.

— Meu Deus, minha menininha cresceu e agora é mãe! Parabéns meu amor.

Ela esticou o braço pedindo autorização para carregar minha filha e eu a entreguei a ela.

— Ela é linda... —elogiaram os dois vovôs enquanto babavam nela.

— Seu nome significa aquela que traz felicidade e é isso que vai trazer para nossa vida.

— Com toda certeza mãe.

Depois de muito mimar nossa pequena, logo vieram meu irmão e a minha cunhada.

— Qual é a sensação de ser mãe? —perguntou Anne.

— Única... Ela é linda demais, o maior presente de Deus que eu poderia receber.

— Meu Deus, amiga... Você falando assim é tão lindo, posso pegar ela um pouquinho?

— Claro que pode...

Assim foi a vez dos titios paparicarem a pequena, logo que Anne passou minha filha para Dante, ela se aproximou e cochichou no meu ouvido.

— Ele foi levar a Isabella para conhecer a casa dele e fazê-la descansar um pouco, não fique preocupada, logo ele estará aqui com vocês.

—Fico feliz por ele...E obrigada, Dante...Por tudo.

E foi nesse clima de completa paz que eu consegui descansar um pouco, enquanto Anne ficou cuidando da minha pequena.



Capítulo 12

Lorenzo

Eu ainda não havia me recuperado da emoção do nascimento da Beatriz. Ouvir seu primeiro choro, ver seu rosto pela primeira vez e tudo aquilo se repetia em minha mente por algumas milhares de vezes.

A Isabella então, estava encantada com a irmã e, mesmo debilitada, seu ânimo mudava quando era para falar sobre a pequenina.

Como nem tudo é um mar de rosas, a audiência sobre a guarda ocorreria dentro de quinze dias e isso vinha me tirando o sono. Isso, e também o fato de as coisas não terem saído como eu planejava.

Mais cedo eu havia ido buscar a Ana Flávia e nossa filha no hospital, como teve parto normal, sua recuperação foi muito rápida e ela estava muito bem. Só que ela levá-las para a casa da família Ferraz foi doloroso.

Tudo o que eu mais desejava era poder tê-las comigo, sob os meus cuidados. Ter que me despedir no fim da noite foi como perder uma parte do meu coração.

Eu sabia que a Ana Flávia estava sendo muito bem amparada, afinal, a dona Adriana e a Anne não saíram do lado dela e prometeram que permaneceriam ali.

Só que como pai, minha vontade era de participar, era de assistir às suas primeiras mamadas, ao seu primeiro banho em casa e também, estar segurando a mão da Ana quando ela se sentisse insegura, porque para ela tudo era novo e assustador.

Infelizmente não seria assim, eu teria que me contentar com o papel de coadjuvante numa história onde eu tinha tudo para ser o protagonista.



Acordei na manhã seguinte com o telefone gritando. Era a minha mãe.

—Eu já estou pronta... Que horas vai passar me pegar?

Atordado, olhei para o rádio relógio sobre o criado-mudo, eram sete e meia da manhã, portanto, eu havia dormido apenas duas míseras horinhas...

—Eu combinei alguma coisa com a senhora? — sentei-me na cama.

—A sua filha saiu ontem do hospital... Eu quero ir visitá-la! Acha que aqueles quinze minutinhos que fiquei no quarto da maternidade são o bastante para uma avó?

—Mãe... Eu sei que a senhora está ansiosa e tudo mais, só que eu não vou bater na porta da casa dos pais da Ana Flávia assim tão cedo... — expliquei com paciência.

— Cedo? Até você vir aqui e depois, até a gente chegar na casa dela, já vai ser quase dez horas da manhã —argumentou ela. —Eu estou esperando. Não demore. —desligou sem me dar chance de resposta.

Espreguicei-me e saltei da cama, tomei um banho rápido e obedeci às ordens da minha mãe. No caminho parei em uma floricultura e comprei um lindo vaso de tulipas, era o mais bonito que havia ali, comprei também um arranjo para a minha mãe, afinal, ela acabava de se tornar avó.

Ansioso para rever minha pequena, não perdi mais tempo e, ao chegar à casa da minha mãe, ela já me esperava na calçada, pendurada nos braços havia uma sacola grande roda estampada com desenhos infantis.

—Está levando presentes para a Beatriz? —perguntei, sorrindo enquanto abria a porta para ela entrar.

—Claro... Essas coisinhas estavam compradas há algum tempo, afinal, eu sempre soube que o a criança seria sua, e mais, que seria uma menina. — gabou-se.

Não respondi nada, apenas retomei o meu lugar e dirigi até a casa da família Ferraz.



—Bom dia, dona Adriana —abraçei-a assim que ela abriu o portão para mim. —Eu sei que é muito cedo para uma visita, mas eu não consegui amansar a fera aqui... Essa vovó está impossível.

A mãe da Ana sorriu e foi direto abraçar a minha mãe.

—Meus queridos, para ser honesta eu nem sei que horas são... Passamos a madrugada em claro, a Beatriz chorou bastante... — contou ele, sinalizando para que entrássemos.

— Mas ela está bem? —preocupei-me, sentindo meu coração disparado.

—Sim, ela está bem... Agora mesmo está mamando. A Ana Flávia, depois de muito tentar, conseguiu fazer ela pegar o peito. Sabe, a minha menina

vem me surpreendendo, ela quer fazer tudo, dispensa ajuda, enfim, está se mostrando uma ótima mãe. —Dona Adriana se mostrou orgulhosa.

—Acho que aquele período em que a Anne ficou sob o poder do Richard, onde ela ficou cuidando do Anthony, serviu de aprendizado para ela.— opinei.

—Sem dúvida... Mas também tem aquela coisa de instinto, não é mesmo dona Fátima? —ela voltou-se à minha mãe.

—Tem toda a razão. Uma boa mãe nasce a partir do momento que descobrimos que temos outra vida dentro de nós.

Assenti com a cabeça e parei, estávamos em frente ao quarto da Ana Flávia e o silêncio imperava. Empurrei a porta com cuidado e lá estavam elas, mãe e filha na mais perfeita conexão.

Assim que me viu, a mulher da minha vida escancarou um sorriso tão iluminado, que seria capaz de clarear até mesmo a mais severa escuridão. Ainda, por mais que em seu rosto o cansaço estivesse estampado de maneira vívida, eu nunca antes a vi tão bela ou tão radiante.

Com passos curtos, aproximei-me das duas. A Beatriz estava agarrada ao peito da Ana, sugando-o com vontade, as pequenas mãos abriam-se e fechavam-se delicadamente e por um instante ela olhou para mim... A cena, perfeita em cada detalhe me fez entender a razão de eu estar vivo. Aquele foi, sem sombra de dúvidas, o momento mais importante da minha vida.

— Olha a cara de bobo do seu filho... — ouvi dona Adriana sussurrar à minha mãe.

—E tem como ser de outro jeito? —respondi com um tom de voz contido. —Não há nada mais perfeito neste mundo. —curvei-me para depositar um beijo delicado da testa da Ana Flávia.

—Eu devo estar descabelada, com olheiras enormes, meus seios doem, mas não tanto quanto as minhas costas... Mesmo assim eu nunca me senti tão bonita e nem tão feliz —ela puxou a alça da camisola e ajeitou a bebê em seu colo. —Veja Lorenzo, olhe como Deus foi generoso com a gente... Nossa filha é uma obra de arte.

—Exatamente... —foi tudo o que consegui dizer, a emoção havia tomado à forma líquida e corria junto ao sangue em minhas veias.



Ana Flávia

A experiência de ter me tornado mãe era inexplicável, todo dia, ou melhor, cada minuto junto a minha pequena se mostrava um aprendizado sem tamanho.

Eram descobertas, medos, dúvidas, mas sobre tudo isso sempre existia

algo muito maior: **o amor.**

Não posso dizer que os primeiros meses foram fáceis, por mais que eu estivesse cercada de pessoas me ajudando, havia coisas que só diziam respeito a mim.

As primeiras semanas foram as mais complicadas, a Beatriz chorava e eu não sabia a razão, então, eu fazia tudo o que estava ao meu alcance e, quando nada adiantava, eu me sentia uma péssima mãe.

Ainda, eu precisava lidar com as mudanças no meu corpo, a barriga flácida, os seios inchados e por vezes sangrando. Eu sentia dor, não só física, mas na alma também. Depois tudo foi melhorando, eu fui aprendendo a conhecer e identificar cada um dos choros da minha pequena e passeia a ser mais generosa comigo mesma. O Lorenzo foi muito importante nessa transição, sua presença e seu apoio me seguravam quando eu achava que não ia conseguir.

Por bem, tudo parecia caminhar. Ele havia conseguido a guarda da Isabella e isso foi a cereja do bolo. Lorenzo não cabia em si de tanta felicidade, seus olhos brilhavam a cada plano que ele dividia comigo.

Ele queria comprar uma casa maior, montar um quarto para a Isabella e outro para a Beatriz, e também escutara os meus conselhos sobre ter seu próprio estúdio. Em parceria com um amigo também fotografo, ele já vislumbrava ser dono de um lugar para chamar de seu.

Nem preciso dizer quanto me sentia feliz por ele, só que no meio de tantas coisas boas, uma notícia, já esperada, acabou por tirar nosso chão.

Depois de alguns exames, os médicos da Isabella chegaram à conclusão de que o transplante seria a melhor opção para o caso dela. Não que ela tivesse piorado, mas quando o resultado sobre a compatibilidade entre ela e a Beatriz foi confirmado, a junta médica decidiu que não tinha porque perder tempo.

Claro que as coisas não aconteceriam de uma hora para outra. Foram semanas de preparação, mudanças de medicamentos e outra vez o medo.

No dia e que o transplante foi marcado, eu fiz questão de ficar junto do Lorenzo. Ele tentava disfarçar, fazia de tudo para parecer uma muralha, mas no fundo estava se desmanchando.

Deixei a Beatriz com meus pais e segui com ele para o hospital do câncer em Barretos. No caminho Lorenzo foi me explicando tudo sobre o procedimento e eu, que achava que esse tipo de transplante seria muito demorado, me surpreendi quando ele contou que não costumava levar mais de duas horas, mas que no caso da Isabella, que receberia as células do cordão umbilical, esse tempo seria reduzido para menos de meia hora.

—Os médicos disseram que é praticamente como uma transfusão de sangue.

—Que bom, eu acho que assim ela sofre menos... Essas coisas que duram horas e horas são maçantes tanto para o paciente, quanto para os parentes. — concluí.

—De qualquer forma, tudo o que eu peço para Deus é que dê certo... Que a minha filha fique bem e possa ser feliz como merece.

—Já deu tudo certo, Lorenzo... Apenas se atente aos sinais, monte quebra-cabeça que a vida te deu e perceba que tudo se encaixa.

Ele não me respondeu nada, mas manteve-se pensativo.



A avó de Beatriz e eu aguardávamos na sala de espera, um lugar até que aconchegante, mas diferente de como foi da última vez em que eu estive sentada em uma cadeira numa sala de espera de um hospital, assim que o médico e o Lorenzo cruzaram o corredor e pararam de frente para nós, seus semblantes eram otimistas e, mesmo antes que dissessem uma só palavra, eu já sabia que tudo tinha corrido bem.

—Foi um sucesso... Agora só nos resta esperar que as células façam seu trabalho! — Lorenzo abraçou-me. Como um familiar podia acompanhar o procedimento, ele foi o escolhido pela filha.

—Elas vão fazer, doutor... Elas vão fazer... — vibrei aos prantos, enquanto a avó da Isabella beijava as mãos do médico.

Passado o nosso estado de graça, ele ainda os explicou tudo sobre as chances positivas e negativas, além de todo o cuidado que a pequena Isabella demandava.

Para falarmos com ela, precisamos colocar máscara e luvas e esse seria um procedimento a ser mantido mesmo quando ela recebesse alta. Seu sistema imunológico estava mais debilitado do que nunca e os cem primeiros dias após o transplante demandariam muitos cuidados.

De qualquer forma a Isabella se mostrava otimista, não via a hora de poder brincar com a irmãzinha.

Lorenzo e eu ficamos com ela por um bom tempo, eu cheguei a sugerir que ele ficasse, eu daria um jeito de ir embora de ônibus, estava acostumada com isso, mas ele não permitiu, preferiu me levar e prometeu para a filha voltar no dia seguinte.

—Eu não consigo acreditar que a Karina não foi ver a filha num momento tão importante... Juro que isso não entra na minha cabeça. — expus algo que vinha me torturando.

—Eu nem me surpreendo com nada que vem dela... Eu só sinto raiva de mim por ter me enganado, por ter ficado com ela, gostado dela...

—Não mandamos no coração... E eu sei bem disso... —acabei me divertindo.

—Na época nem foi questão de coração. —ele fez uma careta.

Rimos juntos e foi quando ele quase parou no meio da rodovia.

—Olha aquilo, Ana Flávia! Um parque! —gritou, apontando para a frente.

Virei minha cabeça e vi as luzes coloridas dos brinquedos, eles eram enormes e como a noite começava a cair, pareciam ainda mais chamativos.

—O que acha de fazermos uma parada? —ele me encarou como um garoto travesso.

—Você eu? Num parque de diversões? —estranhei. —Bateu com a cabeça, Lorenzo?

Ele ficou me encarando por um tempo, deu seta e logo estava fazendo o retorno que dava acesso a entrada do parque.

—Eu tenho muitos motivos para comemorar!

—Lorenzo!

—O que foi, Ana Flávia? Cadê a aquela garota brincalhona que não queria crescer? —cruzou os braços contra o peito, depois de estacionar o carro.

—Ela agora é mãe, tem responsabilidades... —argumentei.

—Ana... Acho que merecemos... —ele colocou seus olhos nos meus.



—Eu não acredito que estamos na fila de uma roda gigante, enquanto a minha mãe está cuidando da nossa filha... —reclamei enquanto ele me oferecia um pacote de pipoca.

—Você me deve essa... —ele beijou o meu rosto e a maldita vertigem voltou a se divertir dentro da minha barriga.

Assim que chegou a nossa vez, sentamos lado a lado, nossos braços se esbarravam e temperatura do corpo de Lorenzo contrastava com o vento fresco que brincava com nossos cabelos.

Começamos a subir e por mais que eu tentasse evitar, as lembranças da noite em que me apaixonei por ele, ou melhor, que descobri que para mim, ele era muito mais que o amigo do meu irmão, vieram à tona, perturbando o meu coração e me fazendo sentir a mesma agitação do passado.

—É lindo visto de cima... —sussurrou ele, antes de virar o rosto para mim, fazendo com que seus olhos de esmeralda me enfeitiçassem, aprisionando minha atenção somente neles.

—É... É mesmo lindo... —confusa, deixei escapar algo que gritava dentro dos meus pensamentos. Mas não era sobre o parque, e sim, sobre ele.

Lorenzo entendeu, ele me conhecia muito bem para saber que naquele momento, enquanto nossas respirações se misturavam, enquanto passado e presente se fundiam tornando-se algo que falava mais do que qualquer palavra. Suas mãos alcançaram a minha nuca, puxando a minha cabeça para mais perto da sua, seus lábios trêmulos se aproximavam dos meus lentamente, enquanto eu sentia todo o meu corpo reagir ao que ainda nem tinha acontecido.

—Ana Flávia... Eu sei que você tem todas as razões do mundo para estar com medo de se entregar... Eu fui um idiota, um estúpido e todos os outros adjetivos que uma pessoa que só faz besteira merece receber, mas eu aprendi, a duras penas eu aprendi e eu juro que se me der uma nova chance, eu jamais vou voltar a te machucar... Eu...

—Lorenzo... Pelo amor de Nossa Senhora do atraso! Será que dá pra você fazer o que deveria ter feito no dia do meu aniversário de dezesseis anos? —Puxei-o pela gola da camisa e me deixei perder em seus lábios, agradecendo a Deus por ele não ter mesmo me beijado naquele dia, do contrário, eu não viveria uma das melhores experiências de toda a minha existência e nem veria Lorenzo Rizzato chorando como uma criança enquanto dizia que me amava.

De lá fomos direto para a minha casa, fazia tempo que eu não ia até lá. Em seus braços, Lorenzo me levou até o banheiro, nos amamos sob o chuveiro, com o peso da espera de anos de tempos, mas com a certeza de que era mesmo aquilo que queríamos para nossas vidas.

Deitados em minha cama, ficamos nos olhando por horas e, saber que ele não inventaria uma desculpa qualquer para me deixar sozinha foi a melhor das sensações. Finalmente eu pude sentir que Lorenzo era meu, inteiramente meu.

—Judiou tanto de mim... Você não imagina como doeu achar que eu tinha te perdido... — ele me apertou dentro de seus braços, como se fosse ele a temer uma fuga minha.

—Acho que experimentou um pouco do próprio veneno... — beijei-o rapidamente.

—Eu nunca mais quero me afastar... Eu te amo tanto que tenho a impressão de que só consigo respirar quando estou perto de você. — declarou-se, os olhos nos meus.

—Está falando mesmo sério? —sentei-me na cama.

—Tudo o que eu acabei de dizer é a mais pura verdade...

Olhei para os lados e depois para ele que me encarava com ar de confusão.

—Então, Lorenzo, o que acha de vir morar aqui comigo? Essa casa é imensa, tem espaço para você, a Isa, a Bia e eu... — propus, porque percebi que eu também só respirava de verdade quando estava ao lado dele.



Capítulo 13

Lorenzzo

Fazia já cinco meses que Ana Flávia tinha me dado uma nova chance, eu estava muito feliz com essa oportunidade, morar com minhas filhas e a mulher da minha vida, me fazia valorizar cada vez mais a coisas.

Eu tinha deixado elas em casa para ir me encontrar com o Dante, eu tive uma ideia e todos da família iriam ajudar.

—Pessoal, então é o seguinte... — contei todo o plano para eles e eu acreditava que eles iriam topa.

Quando Anne me deu uma resposta positiva, eu não coube em mim, no entanto, eu não tinha a mínima ideia de como esconderia tudo aquilo da Ana Flávia.

— Pode deixar comigo, desse lado eu mesma cuido, fique despreocupado. Agora precisamos correr atrás de tudo e eu posso te garantir, vamos ter um trabalho e tanto.



Ana Flávia

Recebi uma proposta para preparar um casamento, eu tinha apenas um mês para organizar tudo. A cerimônia seria na igreja Matriz Imaculada Conceição, o lugar onde eu sempre sonhei em me casar.

Mais um motivo para dar tudo de mim nesse evento. A noiva que me contratou me deu carta branca para tudo, não limitou o orçamento e deixou que as escolhas fossem feitas por mim.

Eu conhecia esse tipo de cliente, gostam do glamour da festa, mas odeiam se envolver, por sorte eu amava organizar casamentos, embora eles não fossem o forte do nosso Buffet.

Depois de consultar muitas revistas no ramo, montei o projeto e apresentei à cliente, que aprovou-o logo de cara.

Bem ao estilo tradicional, na igreja colocaríamos grandes vasos que adornariam o caminho, neles, rosas vermelhas simbolizando amor eterno.

A decoração seria trabalhada com branco, dourado e vermelho, e a festa aconteceria no nosso buffet.

Com cardápio e decoração definidas, a única coisa que Carolina precisava resolver era seu vestido e ela queria porque queria que eu a acompanhasse ao Maison.

Como fotógrafo eu queria contratar o Lorenzo, mas na mesma data ele tinha um evento para cobrir, então, me indicou um amigo dele.

Faltava apenas uma semana e eu repassava o chek-list:

Fotógrafo – Ok / Decoração – Ok

Comida – Ok / Vestido – ?

Convites – Ok / DJ – Ok

Faltava apenas o vestido e no fim eu aceitei ir com a noiva para ajudá-la a escolher.

— Bom dia Carol, tudo bem, querida? —Desci do meu carro.— Desculpe-me pelo atraso, eu estava deixando as crianças com a minha mãe.

— Bom dia Flavinha, fique despreocupada, estou tão animada com as coisas que você organizou para mim, que nem prestei atenção no tempo que eu fiquei aqui — disse ela, dando um beijo no meu rosto em sinal de cumprimento.

— E aí, já entrou?

— Não... Estava esperando você, acabei de fazer minha unha, eu posso pedir um favor pra você?

— Claro! O que precisa?

— Será que você poderia experimentar os vestidos por mim... Eu tenho uma amiga que faz isso quando eu preciso de roupas para uma ocasião especial, mas ela está viajando e só chega no dia do meu casamento. Nós temos um corpo mais ou menos parecido. —Deu de ombros enquanto soprava as unhas.

— Seria melhor você mesma experimentar, essa emoção deve ser sua e de mais ninguém —opinei, achando um pouco demais aquele pedido.

— Eu não quero estragar minhas unhas... Poderia fazer isso por mim? — Juntou as mãos.

— Claro, tudo pela minha cliente —concordei, porque pelo pouco que a conhecia, Carol parecia ser bem decidida.

Entramos na loja, e ela pedia minha opinião para tudo, até mesmo no véu, teve um vestido que eu me apaixonei completamente, mostrei para ela e a garota enlouqueceu.

—Vai, Carol! Prove-o, você não pode perder essa oportunidade.

— Prove primeiro e se ficar bom em você, aí sim eu me dou o trabalho de entrar nesse monte de tecido.

A vendedora pareceu não estranhar, então, lá fui eu, me despi e experimentei o modelo. Olhei me no espelho e estar dentro dele mexeu comigo, eu sentia as lágrimas se acumulando nos meus olhos.

— Está tudo bem, Ana? — perguntou minha cliente.

Eu enxuguei meus olhos e virei na direção dela.

— Eu amei esse vestido... Se fosse para eu me casar, seria com ele— falei sorrindo.

— Também gostei, portanto, vou provar. — Ela se empolgou pela primeira vez.

O vestido, um toma-que-caia era todo de renda e ele parecia de uma princesa, a saia volumosa e o véu, enorme e todo bordado.

— Vou levar! — Carol decretou.

— Parabéns! Bela escolha —congratulei-a.

Como os ajustes foram muito pequenos, eles marcaram a retirada para dentro de dois dias. A noiva pagou por ele e pediu que eu retirasse para ela.

— Vou fazer uma pequena viagem e assim que voltar passo no Buffet para pegá-lo.

Segui para minha casa feliz, já que Lorenzo iria pegar as crianças, esse seria o maior evento e o melhor que nossa empresa organizaria. Uma festa que concretizaria nosso nome no mercado.



Acordei nervosa, finalmente o dia do tão esperado do casamento havia chegado. Meu namorado levantou antes de mim, ele também estava cheio de compromissos para aquele dia.

Eu só precisava deixar as meninas na casa da minha mãe e depois seguiria para o trabalho.

Peguei a malinha de Beatriz que já estava organizada e também a mochila da Isabella, em posse de todo necessário para que elas passassem à tarde com minha mãe, partimos sem demora.

Mal encostei meu carro em frente à casa dos meus pais e vi o Dante saindo, tão rápido que nem deu tempo de falar com ele.

Concluí que todos estavam apressados naquele dia.

Abri o portão e a Isabella entrou correndo, ela adorava ficar com a

minha mãe e amava aquela casa.

Anne foi a primeira que eu encontrei.

— Bom dia, capitã! O que está fazendo aqui? —Beijei-a no rosto.

—Acho que vim fazer o mesmo que você, trazer as crianças para ficar com a dona Adriana.

—Ainda bem que ela adora... —Ri. —E como estão as coisas por aqui?

—Eu só vou deixar a mamadeira da Antonella pronta e já vou para o salão. E essa pequena? Como está? —perguntou baixinho, a Beatriz dormia no carrinho.

—Agora tem começado a dormir a noite toda...

—Isso é bom, mas me fala, animada para o evento de hoje?

— Claro que estou! Esse casamento que vai fazer o nome do nosso buffet, vai ser um dos melhores que nós já organizamos.

— Com toda certeza! Ah, vai ter foto para o jornal de Piracicaba, sobre as organizadoras e sobre o buffet então contratei uma maquiadora e cabeleireira para fazer a nossa juba.

— Sério? Por isso que eu te amo! Mas por que não me contou antes?

— Me ligaram ontem, perguntando se nós duas topamos dar uma entrevista e, como eu sabia que você não iria negar aparecer com essa cara linda no jornal, aceitei.

— Arrasou amiga! — Pulamos felizes, finalmente as nossas vidas estavam seguindo para o caminho certo, estávamos acertando em nossas escolhas, o destino estava sendo bastante generoso comigo e também com a Anne.



Nossa equipe era muito competente e antes da tarde começar tudo estava pronto. Aproveitamos o tempo livre para cuidarmos da nossa beleza.

No fim, depois de produzidas, parecíamos duas madrinhas e não contratadas. A cabeleireira havia caprichado no meu penteado, uma trança lateral com fios soltos, a maquiagem me fez sentir nos tempos de modelo.

A minha cunhada não ficava atrás, estava lindíssima em seu vestido vermelho.

Partimos direto para a igreja e, àquela altura, a Anne parecia estar mais nervosa do que eu.

—Aquele é o carro do meu pai? —perguntei apontando para um sedã prateado idêntico ao dele, tinha o mesmo amassado na lateral perto da porta.

—Claro que não! —Anne puxou-me pelo braço. —O que seu pai estaria fazendo aqui? —Ela quase me arrastou para os fundos da igreja.

—A noiva está terminando de se arrumar numa salinha que tem aqui. — Anne apontou para uma porta que estava fechada.

—Vamos dar uma olhada nela?

—Claro...Pelo jeito ela gostou muito de você. —Anne girou a maçaneta e entrou.

Eu a segui, só que dentro daquele quartinho não havia nem sinal da Carol, ou melhor, seu vestido estava ali, pendurado em um cabide, mas, o que mais me surpreendeu foi o fato de minha estar ali, muito bem vestida e com a minha Beatriz nos braços, ao seu lado a Beatriz, linda vestida como uma daminha de honra.

— O ...O que está acontecendo aqui? —perguntei me aproximando delas.

— Tia Flávia, meu papai mandou entregar isso para você. —Isabella estendeu-me um envelope.

— O Lorenzo? Para mim? —murmurei, tirando de dentro dele um papel escrito à mão, ali eu reconheci a letra do meu namorado e eu não perdi o tempo, comecei a ler em voz alta.

Flavinha,

Como foi difícil mentir para você por todos esses dias, ver você empolgada com o casamento que estava organizando e saber que ele seria na verdade nosso, sim meu amor, esse casamento é nosso.

Deixou-me muito feliz, pois você deu tudo de si, por isso, eu queria lhe fazer uma surpresa e espero ter conseguido.

Você me concede a honra de ser minha esposa, a mulher que eu vou cuidar, amar e respeitar por toda minha vida? Se sim, coloque aquele vestido que você adorou e venha ao meu encontro, eu vou estar te esperando.

Nunca esqueça eu te amo muito!

Assinado: Lorenzo.

Eu estava me desmanchando em lágrimas, ele havia me feito preparar o meu próprio casamento...

— Vocês sabiam de tudo isso? Como ninguém me contou? Perguntei entre lágrimas.

— E estragar esse momento? Menina do céu, essa é a coisa mais romântica que eu já vi em toda a minha vida! —Minha mãe, também muito emocionada, acariciou o meu rosto.

— E aí? Vamos trocar esse vestido? —Anne parou do meu lado com o lindo modelo branco nas mãos.

— É claro que sim! Casar-me com o Lorenzo é o sonho da minha vida...Eu amo ele como jamais amei ninguém. —Abracei minha cunhada. — Obrigada por tudo, eu realmente amei a surpresa.

Comecei a me arrumar, precisava me recompor, dentro de pouco tempo eu seria uma mulher casada e, eu não via a hora de colocar os meus olhos sobre ele, meu príncipe dos olhos de esmeralda.



Eu estava pronta, em todos os sentidos. Logo iríamos entrar na igreja e o meu pai não parava de chorar.

—Eu estou tão feliz, minha filha... —Beijou minha testa.

— Tia... Eu posso pedir uma coisa para você? —Isabella me olhou com seus olhinhos marejados.

— Claro, Bella. —Curvei-me para falar com ela.

— Tia, você cuidou de mim e do meu papai todos esses dias que morei com ele, eu queria pedir se você pode ser minha mamãe.

Ela, nesse momento, abaixou a cabeça como se tivesse com vergonha e aquilo partiu o meu coração.

— Meu amor, eu já te vejo como minha filha, mas você tem que lembrar que você é especial, tem duas mamães.

— Tia, a minha mãe não me ama! —sussurrou ela.

— Bella, ela ama você do jeito dela, tanto que ela deixou você com uma pessoa especial que é a sua avó, meu amor, mas eu aceito sim ser sua mãe, sua mãe que está perdendo a menina maravilhosa que você está se tornando, por favor, não chore minha filha.

— Obrigada...Eu ainda preciso me acostumar a te chamar de mamãe, tudo bem?

Ela sentia falta de algo que maternal e eu seria isso.

— Eu e o papai vamos cuidar de você!

Emocionei-me ainda mais ao ouvir tudo o que ela me disse, eu sabia que ela seria algo iluminado na nossa vida.

Seguimos para encontrar a todos, aquele era o grande momento e, quando a marcha nupcial começou a tocar e eu finalmente coloquei meus pés na igreja, olhei para os lados e vi todas aquelas pessoas que eram especiais para mim, eu não consegui evitar que lágrimas escorressem pelos meus olhos, meu pai se posicionou do meu lado e segurando em seu braço seguimos pelo tapete vermelho, logo a frente pude ver meu namorado, amante e que em pouco tempo seria meu marido.

Ele me olhava com admiração, mas o amor era o que mais transparecia em seus olhos, enquanto me aproximava dele, a cada passo dado e o seu sorriso se abria, enfim seus lábios sussurram um “eu te amo” insonoro e eu me desmanchei.

Ali tive a certeza de que eu seria a mulher mais feliz do mundo.

Assim que chegamos perto dele, meu pai, antes de entregar-me a ele, ergueu o meu véu e depositou um beijo delicado em minha testa.

— Cuide da menina como se fosse sua vida — murmurou a Lorenzto.

— Pode deixar... Ela e as crianças serão para sempre a minha prioridade.

Subimos os dois degraus e então o padre começou:

— Estamos aqui hoje reunidos para celebrar o casamento de Ana Flávia Ferraz e Lorenzto Rizzato — disse ele olhando para mim e para ele. — Perante Deus vamos realizar essa cerimônia.

Eu ainda não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo, olhava para a Anne e também para o Dante e tudo parecia um sonho.

— Vamos ao votos! Primeiro o noivo.

Ele suspirou, era notório o seu nervosismo.

— Ana Flávia... quem diria que a aquela menininha, a irmã mais nova do meu amigo, se tornaria o amor da minha vida? Mas sim, isso aconteceu, eu me apaixonei por você isso foi uma das melhores coisas que já aconteceram na minha vida. Ter ao lado uma pessoa que me aceitou do jeito que eu era e, que acreditou sempre que eu tinha qualidades, mesmo quando eu mesmo não acreditava... Meu amor, você é meu sol, sem você meu céu fica sem brilho, se não fosse por você, eu não teria me tornado uma pessoa melhor. Eu não quero fazer mil promessas, porque quero mostrar todos os dias meu amor por você em atitudes e não em palavras. Eu quero você para ser minha mulher, minha amiga, minha amante e mãe das minhas filhas, e filhos, quem sabe... Eu te amo baixinha!—terminou com a voz embriagada.

Mais lágrimas minhas...

—Bem, como todos sabem, este casamento me pegou de surpresa, portanto, eu não preparei nada especial, então vou falar tudo o que meu coração está sentindo... —Puxei o ar. — Meu amor, a cada dia que passa eu sei que meu coração fez a escolha certa, você Lorenzto é o amor da minha infância e da minha vida, aquela pessoa que eu amo e respeito como ninguém, eu prometo amar, te honrar e fazer de tudo por nossa família...Eu te amo, e acho que isso nunca mudou.

Trocamos então as alianças e minhas mãos tremiam tanto, que eu quase não acertava o dedo do Lorenzto.

— Perante a Deus e todos os presentes aqui, eu os declaro marido e

mulher. Pode beijar a noiva.

Nós não esperamos nem mais um pouco, ele me puxou para perto de si, eu enlacei o seu pescoço e assim nos beijamos, como se não houvesse outro dia... Depois de tantos desencontros, merecíamos mesmo o nosso final feliz.



Epílogo

Dois anos depois...

Hoje a Anne e eu temos uma festa muito importante para organizar... Vamos comemorar o aniversário da Isabella. Não o de seu nascimento, mas sim do seu renascimento.

Seu corpo reagiu bem ao transplante e os últimos exames não acusaram nenhuma célula cancerígena, por isso nossa felicidade.

Só que na noite passada, enquanto decorávamos o salão com unicórnios, os preferidos da Bia, a Anne quase desmaiou e isso acabou me assustando demais. Ela disse que estava cansada e, de fato, estamos trabalhando muito.

Nosso Buffet é um sucesso, referência na cidade e nossos horários são bastante concorridos.

Combinei com ela de irmos ao hospital de emergências antes de voltarmos para o salão, ela relutou, mas acabou concordando porque o meu poder de persuasão é incontestável.

—Eu já disse que estou bem, mas se isso vai deixar minha cunhada mais tranquila... — diz, enquanto retira sua senha.

É sábado e ainda não são oito da manhã, a sala de espera da emergência está vazia e não leva nem quinze minutos para ela ser atendida.

Anne pede que eu entre junto no consultório da médica, uma jovem loira muito simpática. Depois que ela relata como vem se sentindo, noto que a doutora Marcelle ergue uma das sobranceiras por mais de uma vez.

—Anne, existe a possibilidade de você estar grávida? —ela pergunta enquanto afere a pressão da minha cunhada.

Ela me encara como se eu tivesse aquela resposta.

—Pelo amor de Nossa Senhora da Barriga! Quando foi a última vez que você menstruou?

Anne coça a testa e se volta para a médica que parece ansiosa por sua resposta.

—Mês passado... Eu tive um ciclo curto, mas... Gente! Eu não estou

grávida.

—Eu vou pedir para que preparem a sala de ultrassonografia... Vamos tirar essa dúvida já. —Ela se levanta vai até a sua mesa, faz uma rápida ligação e em minutos somos encaminhadas para uma sala no andar de baixo de onde estávamos.

Enquanto eu faço piadas a Anne parece mesmo preocupada. Outra vez ela insiste por minha companhia e a médica não se opõe.

Deitada sobre a cama, Anne tem sua barriga examinada, eu não tiro os olhos do monitor do aparelho de ultrassom e, mesmo não sendo especialista, eu entendo bem sobre as imagens que vejo.

—Doutora... Não me diga que são dois? —levanto-me da cadeira e vou para o lado da Anne,

—Pois é... Garota esperta... — a médica brinca comigo. —Parabéns, mamãe... Você está grávida há nove semanas e são gêmeos.

Lágrimas, comemoração e só depois a ficha cai.

—Mas doutora... Eu juro que menstruei... Como isso pode acontecer?

—Na verdade você teve um escape, algo muito comum para gestações de gêmeos.

—Anne do céu... O Dante vai pirar! Ele sempre quis ter uma família grande e agora está aí... Dois filhos de uma só vez.

—Dois...? De uma só vez? —esta frase é repetida pela Anne por todo o trajeto até o nosso salão.



Arco-íris feitos de balões, grandes unicórnios feitos de isopor e muito glitter. Assim é a festa da Isabella e eu não vejo a hora de vê-la colocando os olhos sobre tudo o que ela mais gosta.

Os convidados já chegaram e eu só estou esperando que Lorenzo chegue com nossas duas meninas.

—Eles vêm aí... —Anne para ao meu lado.

—Já contou para o Dante? —indago cheia de curiosidade.

—Ainda não... Quero achar um jeito bem legal de fazer isso. —ela sussurra para mim e encerramos o assunto aí.

A grande porta de madeira se abre e ele, lindo como um príncipe encantado cruza o salão de festas segurando as mãos de Beatriz e Isabella. Como se fosse à primeira vez, meu corpo se agita, meu coração acelera e eu não me seguro, corro até eles porque preciso tê-los em meus braços.

Nós nos abraçamos e somos aplaudidos, todos sabem de nossa luta, portanto, compartilham de nossa vitória.

—Mamãe... Olha como o meu cabelo está comprido... —Isabella segura seu rabo de cavalo e de fato ele está farto e longo.

—Viu só... Eu não disse para você que cresceria? —beijo seu rosto e sinto um toque em minha perna.

—E o meu mamãe... Tá “*cumpido*”? —Beatriz me pergunta com sua voz fininha.

Abaixo-me para ficarmos da mesma altura.

—O cabelo das duas está enorme... Parecem a Rapunzel — digo e recebo um sorriso lindo do meu esposo. —Agora, o que acham de aproveitarem esta festa linda... Viram só? Recebemos a visita de um monte de unicórnios.

—Eu cuido dela, tá bom? —Isabella segura Beatriz pela mão e as duas correm na direção da decoração.

—Bom trabalho, minha pequena. —Lorenzo puxa-me pela cintura e cola seus lábios nos meus.

—Obrigada... Somos especialistas em festas perfeitas. —Pisco para ele.

—Olha lá o Anthony, já está grudado na Isabella. —Ela passa o braço sobre os meus ombros e aponta com a cabeça para as crianças.

—Por falar em Anthony... Eu tenho uma novidade para te contar...

—Novidade?

—Hoje de manhã eu acompanhei a Anne a uma consulta e adivinhe... Ela está grávida — Levo meus lábios até o seu ouvido. —De gêmeos.

Lorenzo arregala seus belos olhos verdes.

—Mentira! Gêmeos? —Não esconde a surpresa.

—Sim... Só que pelo amor de Nossa Senhora do Segredo....Boca fechada! Meu irmão ainda não sabe. A Anne quer fazer uma coisa diferente para contar...

—Claro... Mas eu não posso negar que estou muito feliz por eles... Caramba! Nossa família não para de crescer.

—Nem me fale... Eu nunca imaginei que teria uma vida tão perfeita... Ainda mais ao seu lado... —Acaricio o seu rosto.

—Quer saber de uma coisa? Eu também tenho um segredo para te contar...

—Então fala logo, você sabe bem que eu sou curiosa. —Puxo-o para o canto mais vazio do salão.

Lorenzo fica apenas me olhando por um tempo, ele parece se divertir com o meu desossiego.

—Sabe o nosso projeto no hospital de Barretos?

Sinto a bateria de uma escola de samba começar a tocar dentro do meu peito.

—O que é que tem? —Minha voz está trêmula.

—Foi aprovada! Agora nós vamos poder ir até lá duas vezes ao mês... — conta antes de me abraçar.

Não consigo conter minhas lágrimas, aquilo era mesmo muito importante para mim. No tempo em que a Isabella esteve internada naquele hospital, enquanto eu via o sofrimento daquelas crianças, eu só queria encontrar uma maneira de trazer seus sorrisos de volta.

Houve um dia em que eu cheguei e a Isabella tinha distribuído as tiaras e brinquedos os quais eu havia dado a ela.

Ver que aqueles simples objetos tiveram um efeito mágico sobre aquelas pequenas, acabou por me dar uma ideia. Eu conversei com um dos diretores do hospital e ele me deu permissão para passar pelos quartos distribuindo acessórios.

Quando eu contei minha ideia ao Lorenzo, ele não só me apoiou como se ofereceu para fotografar as crianças, ele dizia que conseguia capturar a beleza da alma delas.

Nem preciso dizer que nossa ação foi um sucesso. Recebemos tantos beijos, abraços e carinhos que eu saí de lá me sentindo outra pessoa.

Por isso o meu desejo de tornar aquilo num projeto, em algo contínuo e, saber que minha ideia fora aceita, me levou ao céu.

—Eu nem sei como te agradecer por ter entrado nessa comigo... —seguro seu rosto dentro das minhas mãos.

—Não sabe? — Olha-me com lascívia — Pois eu estou cheio de ideias e se quiser ir até o seu escritório, eu posso te dizer uma delas... —Mordisca meu pescoço fazendo minha pele se arrepiar.

—Sabia que eu adoro esse seu lado safado... Mas vamos deixar isso para mais tarde, agora, vamos aproveitar a festa, afinal, temos muitos motivos para comemorar.

Ele concorda comigo, mas não sem antes roubar-me um beijo que me dá uma amostra do que será nossa noite.

Corremos então até os brinquedos, é lá que as crianças estão. Na cama elástica, meus pais se divertem com todos os netos. Procuro com meus olhos pela Anne e meu irmão e os encontro emocionados, assistindo também à mesma cena.

Atrás da Anne, as mãos de Dante estão sem eu ventre, eu não sei se ela já contou ou se aquilo é apenas instinto, de qualquer forma, é emocionante aquele tipo de conexão.

—Vamos Lorenzo... — puxo-o pela mão.

—O que você vai fazer, sua maluca? —Ele ri.

Subimos na cama elástica e as crianças enlouquecem, damos as mãos e formamos uma roda enquanto pulamos. Os risos parecem me alimentar, assim como o amor é o meu pilar.

Olho a minha volta e agradeço e mentalmente ao destino, afinal, ele foi mesmo muito generoso comigo. Desde a família em que nasci até a família que eu construí.

Agradecimento por Biah.

Eu gostaria primeiramente agradecer a Deus, por mais uma oportunidade de escrever um livro com a Nana, essa parceria foi muito abençoada por ele.

Eu também gostaria de agradecer a Nana, por ser essa pessoa maravilhosa que entrou na minha vida, Nana você é como minha irmã mais velha pra mim, obrigada por tudo.

A cada leitor que já leu ou irá ler essa obra, esse livro com toda certeza é para vocês! Obrigada por nós acompanhar em mais uma jornada.

Com amor,

Biah Gomes!

Agradecimento por Nana.

Quando se escreve um livro, uma parte de você fica, ainda que de forma subliminar, impresso nele. Assim me sinto, doada e grata por mais essa experiência.

Esta é a terceira vez que me aventuro com a Biah Gomes em um livro escrito em parceria, e eu preciso declarar aqui como isso foi válido e enriquecedor para mim... Dois pontos de vista que acabam se tornando uma terceira visão.

Aos leitores que embarcaram nessa conosco, nem mesmo um milhão de obrigadas seria o bastante, afinal, ter nossa história escolhida para ser lida, no meio de tantas opções é mesmo um privilégio.

Espero vê-los em breve, seja nos meus projetos solo, ou quem sabe, num próximo projeto em parceria.

Um beijo enorme em cada um de vocês,
Com muito amor,
Nana C. Fabreti,

Nos sigam nas redes sociais.

Facebook: Elizandra Curatito
Wattpad: @nanacfabreti
Instagram: Elizandracuratito
Email: nanaautora@gmail.com

Facebook: Biah Gomes
Wattpad: Kkteixeira15 e Biiancagomes15
Instagram: @biahliteraria
Email: gomes101540@gmail.com

Postamos os livros que escrevemos juntos no perfil @Autorasbiahenana.